Filósofos Referidos

Teoria Wikipédia

Conteúdo

1 René Descartes **1**

1.1 Biografia . . . 1

1.2 Pensamento . . . 2

1.2.1 O primeiro pensador moderno . . . 2

1.3 Geometria . . . 3

1.4 Medicina . . . 3

1.4.1 **Teoria Cartesiana do sistema circulatório** . . . 3

1.4.2 **Teoria do ato de reflexo** . . . 4

1.5 Obras . . . 4

1.6 Ver também . . . 4

1.7 Referências . . . 4

1.8 Bibliografia . . . 4

1.9 Ligações externas . . . 4

2 Discurso sobre o Método **5**

2.1 Divisão e conteúdo da obra . . . 6

2.2 Os quatro preceitos . . . 6

2.3 A prova ontológica (cogito ergo sum) . . . 7

2.3.1 Existência de Deus . . . 7

2.4 Aplicação do método nas ciências . . . 9

2.5 Ver também . . . 9

2.5.1 Filósofos de inspiração cartesiana . . . 9

2.6 Bibliografia . . . 9

2.7 Ligações externas . . . 9

3 Racionalismo **10**

3.1 A matemática racionalista . . . 10

3.2 Ver também . . . 11

3.3 Referências . . . 11

4 Baruch Espinoza **12**

4.1 Prenomes . . . 12

4.2 Vida . . . 12

4.2.1 Chérem . . . 12
4.2.2 O banimento (texto original em português) . . . 12
4.2.3 Pós-chérem . . . 13
4.2.4 Morte . . . 13
4.2.5 Traços físicos . . . 13
4.2.6 Reconhecimento . . . 13
4.3 Obra . . . 13
4.3.1 Livros . . . 13
4.4 Conteúdo filosófico . . . 14
4.4.1 Substância . . . 14
4.4.2 Natureza Humana . . . 15
4.4.3 Os afetos - o desejo, a alegria e a tristeza . . . 16
4.4.4 O terceiro gênero de conhecimento - beatitude . . . 17
4.5 A influência . . . 17
4.6 Bibliografia . . . 17
4.6.1 Sobre Espinoza . . . 17
4.6.2 Traduções . . . 18
4.6.3 Estudos introdutórios . . . 18
4.6.4 Tópicos spinozanos . . . 18
4.7 Ver também . . . 19
4.8 Referências . . . 19
4.9 Ligações externas . . . 19

5 Immanuel Kant **21**
5.1 Biografia . . . 21
5.2 Filosofia, o “Criticismo” . . . 22
5.3 A menoridade humana . . . 23
5.4 Juízos . . . 24
5.4.1 Juízo analítico . . . 24
5.4.2 Juízo sintético . . . 24
5.4.3 Juízo estético . . . 24
5.4.4 A paz perpétua . . . 25
5.4.5 Crítica e sistema . . . 26
5.4.6 Metafísica e epistemologia de Kant . . . 26
5.4.7 Filosofia moral . . . 27
5.4.8 A geografia em Kant . . . 27
5.5 Kant e a Revolução Francesa . . . 28
5.6 Marcos na vida de Kant . . . 29
5.7 Obras . . . 29
5.8 Referências . . . 30
5.9 Bibliografia . . . 30
5.10 Ligações externas . . . 31

6 Jean-Jacques Rousseau **32**
6.1 Biografia . . . 32
6.2 Os grandes princípios da filosofia rousseauniana . . . 33
6.2.1 O estado de natureza . . . 33
6.2.2 Teoria da Vontade Geral . . . 34
6.2.3 Amor e ódio . . . 34
6.2.4 O contrato social . . . 34
6.3 Liberdade em Rousseau . . . 35
6.3.1 Liberdade natural . . . 35
6.3.2 Transição do estado de natureza para o estado civil . . . 35
6.3.3 Liberdade civil . . . 36
6.4 Principais obras . . . 37
6.5 Cronologia . . . 37
6.6 Referências . . . 37
6.7 Bibliografia . . . 37
6.8 Grupos de estudos sobre Rousseau . . . 38
6.9 Ver também . . . 38
6.10 Ligações externas . . . 38

7 Friedrich Nietzsche **39**
7.1 Biografia . . . 39
7.1.1 Juventude . . . 39
7.1.2 Colapso mental e morte (1889–1900) . . . 40
7.2 Obra . . . 41
7.3 Ideias . . . 43
7.4 O valor da história . . . 44
7.4.1 Referências nietzschianas . . . 45
7.5 Niilismo . . . 45
7.6 Escritos . . . 46
7.6.1 Manuscritos publicados postumamente . . . 48
7.7 Composições Musicais . . . 48
7.8 Ver também . . . 48
7.9 Referências . . . 49
7.10 Ligações externas . . . 50
7.10.1 Em português . . . 50
7.10.2 Em outras línguas . . . 50

8 Deus **51**
8.1 Etimologia e uso . . . 51
8.2 Nome . . . 52
8.3 A existência de Deus . . . 53
8.4 Concepções de Deus . . . 54

8.5 Abordagens teológicas 55
8.5.1 Teísmo e deísmo 56
8.6 Posições científicas e críticas a respeito da ideia de Deus 56
8.6.1 Antropomorfismo 56
8.7 Referências 57
8.8 Ver também 57
8.9 Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças 58
8.9.1 Texto 58
8.9.2 Imagens 60
8.9.3 Licença 62

Capítulo 1

René Descartes

René Descartes (La Haye en Touraine, 31 de março de 1596 – Estocolmo, 11 de fevereiro de 1650[1]) foi um filósofo, físico e matemático francês.[1] Durante a Idade Moderna, também era conhecido por seu nome latino **Renatus Cartesius**.

Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência, mas também obteve reconhecimento matemático por sugerir a fusão da álgebra com a geometria - fato que gerou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que hoje leva o seu nome. Por fim, foi também uma das figuras-chave na Revolução Científica.

Descartes, por vezes chamado de "o fundador da filosofia moderna" e o "pai da matemática moderna", é considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental. Inspirou contemporâneos e várias gerações de filósofos posteriores; boa parte da filosofia escrita a partir de então foi uma reação às suas obras ou a autores supostamente influenciados por ele. Muitos especialistas afirmam que, a partir de Descartes, inaugurou-se o racionalismo da Idade Moderna.[2] Décadas mais tarde, surgiria nas Ilhas Britânicas um movimento filosófico que, de certa forma, seria o seu oposto - o empirismo, com John Locke e David Hume.

1.1 Biografia

René Descartes nasceu em 31 de Março de 1596 em La Haye,[3] a cerca de 300 quilômetros de Paris[1] (hoje Descartes), no departamento francês de Indre-et-Loire.

Sua mãe, Jeanne Brochard (1566 - 1597) morreu quando ele tinha um ano.[1] Com oito anos, ingressou no colégio jesuíta[3] *Royal Henry-Le-Grand,* em La Flèche. O curso em La Flèche durava três anos, tendo Descartes sido aluno do padre Estevão de Noel, que lia Pedro da Fonseca nas aulas de lógica, a par dos *Commentarii.* Descartes reconheceu que lá havia certa liberdade; no entanto, no seu "Discurso sobre o método", declara a sua decepção, não com o ensino da escola em si, mas com a tradição escolástica, cujos conteúdos considerava confusos, obscuros e nada práticos. Em carta a Mersenne, diz que "os *Conimbres* são longos, sendo bom que fossem mais breves (crítica já então corrente, mesmo nas escolas da Companhia de Jesus). Descartes esteve em La Flèche por cerca de nove anos (1606-1615).[4] "Descartes não mereceu, como se sabe, a plena admiração dos escolares jesuítas, que o consideravam um deficiente filósofo".[5] Prosseguiu depois seus estudos, graduando-se em direito, em 1616, pela Universidade de Poitiers.

No entanto, Descartes nunca exerceu o direito, e em 1618 foi para a Holanda, alistando-se no exército do príncipe Maurício,[1] com a intenção de seguir carreira militar.[1] Mas se achava menos um ator do que um espectador: antes ouvinte numa escola de guerra do que verdadeiro militar. Conheceu então Isaac Beeckman, que o influenciou fortemente, e compôs um pequeno tratado sobre música intitulado *Compendium Musicae* (Compêndio de Música).

Também é dessa época (1619-1620) o *Larvatus prodeo* (*Ut comœdi, moniti ne in fronte appareat pudor, personam induunt, sic ego hoc mundi teatrum conscensurus, in quo hactenus spectator exstiti, larvatus prodeo*).[6] Esta declaração do jovem Descartes no preâmbulo das *Cogitationes Privatae* (1619) é interpretada como uma confissão que introduz o tema da dissimulação, e, segundo alguns, marca uma estratégia de separação entre filosofia e teologia. Jean-Luc Marion, em seu artigo *Larvatus pro Deo : Phénoménologie et théologie* refere-se à abordagem dionisíaca do homem escondido diante de deus (*larvatus pro Deo*) como justificativa teológica do filósofo que avança mascarado (*larvatus prodeo*).

Em 1619, viajou para a Alemanha,[1] onde, segundo a tradição, em dia 10 de Novembro, teve uma visão em sonho de um novo sistema matemático e científico.[1] No mesmo ano, ele viajou para a Dinamarca e a Polónia.[1] Em 1622 retornou à França, passando os anos seguintes em Paris.[1]

Em 1628, compôs as *Regulae ad directionem ingenii* (Regras para a Direção do Espírito)[1] e partiu para os Países Baixos, onde viveria até 1649.[1] Em 1629, começou a redigir o "Tratado do Mundo", uma obra de física na qual aborda a sua tese sobre o heliocentrismo.[1] Porém, em 1633, quando Galileu é condenado pela Inquisição, Descartes abandona seus planos de publicá-lo.[1] Em 1635, nasce Francine,[1] filha de uma serviçal. A criança é ba-

tizada em 7 de Agosto de 1635, morrendo precocemente em 1640,[1] o que foi um grande baque para Descartes.

Em 1637, publicou três pequenos tratados científicos: "A Dióptrica", "Os Meteoros" e "A Geometria",[1] mas o prefácio dessas obras é que faz seu futuro reconhecimento: o "Discurso sobre o método".[2]

Em 1641, aparece sua obra filosófica e metafísica mais imponente: as "Meditações Sobre a Filosofia Primeira", com os primeiros seis conjuntos de "Objeções e Respostas". Os autores das objeções são: do primeiro conjunto, o teólogo holandês Johan de Kater; do segundo, Mersenne; do terceiro, Thomas Hobbes; do quarto, Arnauld; do quinto, Gassendi; e do sexto conjunto, Mersenne.

Em 1642, a segunda edição das Meditações incluía uma sétima objeção, feita pelo jesuíta Pierre Bourdin, seguida de uma "Carta a Dinet".

Em 1643, o cartesianismo é condenado pela Universidade de Utrecht.[1]. Descartes inicia a sua longa correspondência com a princesa Isabel (1618 – 1680), filha mais velha de Frederico V e de Isabel da Boémia. A correspondência deverá durar sete anos, até a morte do filósofo, em 1650.[1]

Também no ano de 1643, Descartes publica "Os Princípios da Filosofia"[1], onde resume seus princípios filosóficos que formariam "ciência". Em 1644, fez uma visita rápida à França, onde encontrou Chanut, o embaixador francês junto à corte sueca, que o põe em contato com a rainha Cristina da Suécia.[2] Nesta ocasião, Descartes teria declarado que o Universo é totalmente preenchido por um "éter" onipresente. Assim, a rotação do Sol, através do éter, criaria ondas ou redemoinhos, explicando o movimento dos planetas, tal qual uma batedeira. O éter também seria o meio pelo qual a luz se propaga, atravessando-o pelo espaço, desde o Sol até nós.

Em 1647, Descartes foi premiado pelo Rei da França com uma pensão e começa a trabalhar na "Descrição do Corpo Humano". Entrevista Frans Burman em Egmond-Binnen (1648), resultando na "Conversa com Burman". Em 1649, foi à Suécia, a convite da rainha Cristina[1]. Seu "Tratado das Paixões", que ele dedicou a sua amiga Isabel da Boêmia, fora publicado.

René Descartes morreu de pneumonia em 11 de Fevereiro de 1650, em Estocolmo, depois de dez dias doente,[1] onde estava trabalhando como professor a convite da rainha. Acostumado a trabalhar na cama até meio-dia, há de ter sofrido com as demandas da rainha Christina, cujos estudos começavam às 5 da manhã. Como um católico num país protestante, ele foi enterrado num cemitério de crianças não batizadas, na *Adolf Fredrikskyrkan*, em Estocolmo.

Em 1667, os restos mortais de Descartes foram repatriados para a França e enterrados na Abadia de Sainte-Geneviève de Paris. Um memorial construído no século XVIII permanece na igreja sueca.

No mesmo ano, a Igreja Católica coloca os seus livros na lista proibida[1].

Embora a Convenção, em 1792, tenha projetado a transferência do seu túmulo para o Panthéon, ao lado de outras grandes figuras da França, desde 1819, seu túmulo está na Igreja de Saint-Germain-des-Prés, em Paris.[7]

A vila no vale do Loire onde ele nasceu foi renomeada La Haye-Descartes e, posteriormente, já no final do século XX, Descartes.

1.2 Pensamento

O pensamento de Descartes é revolucionário para uma sociedade feudalista em que ele nasceu, onde a influência da Igreja ainda era muito forte e quando ainda não existia uma tradição de "produção de conhecimento".[2] Aristóteles tinha deixado um legado intelectual que o clero se encarregava de disseminar.

Foi um dos precursores do movimento, considerado o pai do racionalismo, e defendeu a tese de que a dúvida era o primeiro passo para se chegar ao conhecimento.

Descartes viveu numa época marcada pelas guerras religiosas entre protestantes e Católicos na Europa - a Guerra dos Trinta Anos. Viajou muito e viu que sociedades diferentes têm crenças diferentes, mesmo contraditórias.[2] Aquilo que numa região é tido por verdadeiro, é considerado ridículo, disparatado e falso em outros lugares.

Descartes viu que os "costumes", a história de um povo, sua tradição "cultural" influenciam a forma como as pessoas veem e pensam naquilo em que acreditam.[2]

1.2.1 O primeiro pensador moderno

Descartes é considerado o primeiro filósofo moderno[8]. A sua contribuição à epistemologia é essencial, assim como às ciências naturais por ter estabelecido um método que ajudou no seu desenvolvimento. Descartes criou, em suas obras *Discurso sobre o método* e *Meditações* - a primeira escrita em francês, a segunda escrita em latim, língua tradicionalmente utilizada nos textos eruditos de sua época - as bases da ciência contemporânea.

O método cartesiano consiste no ceticismo metodológico - que nada tem a ver com a atitude cética: duvida-se de cada ideia que não seja clara e distinta. Ao contrário dos gregos antigos e dos escolásticos, que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque "precisam" existir, ou porque assim deve ser etc., Descartes instituiu a dúvida: só se pode dizer que existe aquilo que puder ser provado, sendo o ato de duvidar indubitável. Baseado nisso, Descartes busca provar a existência do próprio eu (que duvida: portanto, é sujeito de algo. *Ego cogito ergo sum*, "eu que penso, logo existo") e de Deus.

Também consiste o método de quatro regras básicas:

- **Verificar** se existem evidências reais e indubitáveis acerca do fenômeno ou coisa estudada;
- **Analisar**, ou seja, dividir ao máximo as coisas, em suas unidades mais simples e estudar essas coisas mais simples;
- **Sintetizar**, ou seja, agrupar novamente as unidades estudadas em um todo verdadeiro;
- **Enumerar** todas as conclusões e princípios utilizados, a fim de manter a ordem do pensamento.

Em relação à Ciência, Descartes desenvolveu uma filosofia que influenciou muitos, até ser superada pela metodologia de Newton. Ele sustentava, por exemplo, que o universo era pleno e não poderia haver vácuo. Acreditava que a matéria não possuía qualidades secundárias inerentes, mas apenas qualidades primárias de extensão e movimento.

Ele dividia a realidade em *res cogitans* (consciência, mente) e *res extensa* (matéria). Acreditava também que Deus criou o universo como um perfeito mecanismo de moção vertical e que funcionava deterministicamente sem intervenção desde então.

Matemáticos consideram Descartes muito importante por sua descoberta da geometria analítica. Antes de Descartes, a geometria e a álgebra apareciam como ramos completamente separados da matemática. Descartes mostrou como traduzir problemas de geometria para a álgebra, abordando esses problemas através de um sistema de coordenadas.

A teoria de Descartes forneceu a base para o cálculo de Isaac Newton e Gottfried Leibniz, e então, para muito da matemática moderna. Isso parece ainda mais incrível tendo em mente que esse trabalho foi intencionado apenas como um exemplo no seu "Discurso Sobre o Método".

1.3 Geometria

O interesse de Descartes pela matemática surgiu cedo, no *College de la Flèche*, escola do mais alto padrão, dirigida por jesuítas, na qual ingressara aos oito anos de idade. Mas por uma razão muito especial e que já revelava seus pendores filosóficos: a certeza que as demonstrações ou justificativas matemáticas proporcionam. Aos vinte e um anos de idade, depois de frequentar rodas matemáticas em Paris (além de outras), já graduado em Direito, ingressa voluntariamente na carreira das armas, uma das poucas opções "dignas" que se ofereciam a um jovem como ele, oriundo da nobreza menor da França. Durante os quase nove anos que serviu em vários exércitos, não se sabe de nenhuma proeza militar realizada por Descartes.[2]

A geometria analítica de Descartes apareceu em 1637 no pequeno texto chamado *Geometria*, como um dos três apêndices do Discurso do Método, obra considerada o marco inicial da filosofia moderna. Nela, em resumo, Descartes defende o método matemático como modelo para a aquisição de conhecimentos em todos os campos.

1.4 Medicina

Segundo Descartes, o corpo é formado de matéria física e, por isso, tem propriedades comuns a qualquer matéria, como tamanho, peso e capacidade motora. Assim, as leis que regem a física, também regem o corpo humano. Incitando assim a separação do corpo de da alma.

1.4.1 Teoria Cartesiana do sistema circulatório

Note-se que só a partir desta distinção entre o corpo e a alma é possível inferir propriedades do corpo humano a partir do estudo da anatomia animal. A partir desse ponto, Descartes explica o funcionamento do sistema sanguíneo e como chegou a suas conclusões : "Desejo dar aqui a explicação do movimento do coração e das artérias o qual, sendo o que mais geralmente se observa nos animais, se julgará mais facilmente o que se deve pensar dos outros e, a fim de termos menos dificuldades em compreender o que vou dizer, desejava que os não versados em anatomia se resolvessem, antes de ler, a colocar ante eles o coração de qualquer grande animal que tenha pulmões, porque ele é em tudo bastante semelhante ao do homem"[9] (1, p. 47). "(...) desejo adverti-los que este movimento que acabo de explicar resulta necessária e somente da disposição dos órgãos que se podem observar a olho nu no coração, e do calor que lá se pode sentir com os dedos, e da natureza do sangue que se pode conhecer por experiências, da mesma maneira que o movimento de um relógio resulta da força, da situação e da forma dos seus contrapesos e das rodas"[9]

Observe-se que a teoria de Descartes, apesar de errada, é coerente com a nova visão mecanicista da natureza, como mostra a metáfora feita com o relógio. "A explicação cartesiana do corpo, considerado como máquina, necessita de um motor que possibilite todas as funções fisiológicas, e esse motor tem por base o fogo cardíaco que, por um processo semelhante à fermentação, faz com que o sangue entre em ebulição e distribua-se pelo corpo por meio das artérias. A defesa da fermentação, como estando na base do movimento do coração e do sangue, não sofre alteração ao longo da obra de Descartes"[10]. Para Descartes, o batimento cardíaco era uma consequência do movimento do sangue e não a sua causa: o coração é obrigado a contrair-se quando não contém sangue; volta a inchar quando tem novamente sangue.

1.4.2 Teoria do ato de reflexo

Pela linha de raciocínio mecânica da anatomia, Descartes observava que alguns robôs, na época criados para entreter as pessoas, tinham seus movimentos realizados através de canos por onde passava água sob pressão, fazendo com que as partes móveis dos robôs (pernas, braços e cabeça) ganhassem movimentos que imitavam o do ser humano.

Porém, percebeu que, mesmo parecendo um movimento humano, os robôs apenas se movimentavam por causa da água que circulava em seus tubos, não sendo resultado da ação voluntária da máquina. Assim, o ser humano é algo muito mais complexo do que movimentos, podendo executar ações independente de sua vontade.

Essa questão fez com que Descartes elaborasse a idéia do *undulatio reflexa,* modernamente conhecida como **teoria do ato de reflexo**, segundo a qual um estímulo externo pode gerar um movimento corporal que não depende da vontade do sujeito, como por exemplo, a perna se mover quando um médico bate no joelho com um pequeno martelo (reflexo patelar). Por essa teoria, o comportamento reflexo não envolve pensamento

1.5 Obras

- "Regras para a direção do espírito" (1628) - a obra da juventude inacabada na qual o método aparece em forma de numerosas regras;
- "O Mundo ou Tratado da Luz" (1632-1633) - a obra contém algumas das conquistas definitivas da física clássica: a lei da inércia, a da refração da luz e, principalmente, as bases epistemológicas contrárias ao que seria denominado de princípio da ciência escolástica, radicada no aristotelismo;
- "Discurso sobre o método" (1637);
- "Geometria" (1637);
- "Meditações Metafísicas" (1641);
- "Princípios de Filosofia" (1644);
- "As Paixões da Alma" (1649);

1.6 Ver também

- *Cogito, ergo sum*
- *Mathesis universalis*
- Sistema de coordenadas cartesiano
- Cartesianismo

1.7 Referências

[1] «René Descartes». *UOL Educação*. Consultado em 2 de julho de 2011

[2] Thais Pacievitch. «René Descartes» (em inglês). InfoEscola. Consultado em 10 de fevereiro de 2013

[3] Madjarof, Rosana. «René Descartes». *Mundo dos Filósofos*. Consultado em 22 de julho de 2011

[4] Pinharanda Gomes, Os Conimbricenses, 1992, p. 118-119.

[5] Pinharanda Gomes, Os Conimbricenses, 1992, p. 119.

[6] "Como os comediantes chamados ao palco, que têm pudor em revelar seus rostos e usam máscaras, assim eu, no momento de subir ao palco deste mundo, onde até então fui espectador, subo mascarado."

[7] René Descartes (em inglês) no Find a Grave

[8] MAYOS,Gonçal. O Problema Sujeito-Objeto em Descartes, Perspetiva da Modernidade, traduzido por Mariá Brochado e Natália Freitas Miranda.

[9] Descartes, René (2004). *Discurso do Método*. Lisboa: Guimarães Editores. 47 páginas

[10] Donatelli, M. (2003). *Descartes e os médicos*. [S.l.]: Scientiæ Studia. 328 páginas

1.8 Bibliografia

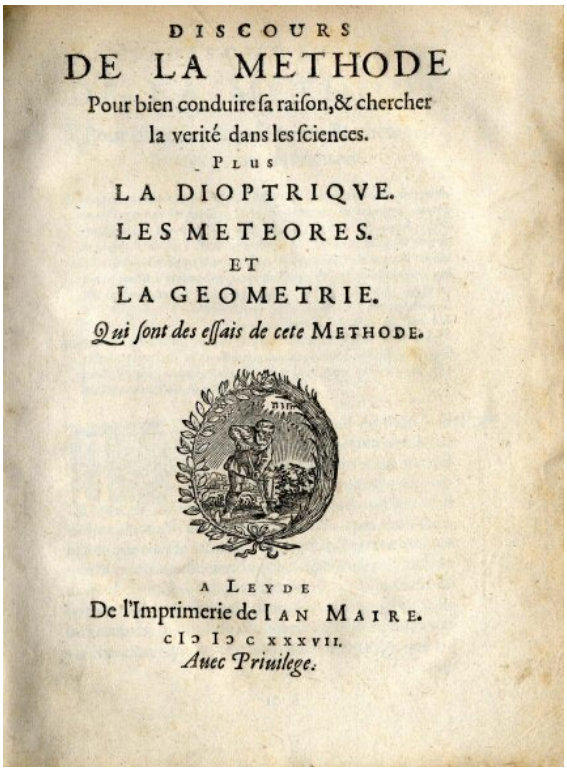
- DAMÁSIO, António R. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- DESCARTES. *Œuvres, édition Charles ADAM et Paul TANNERY, Léopold Cerf, 1897-1913, 13 volumes; nouvelle édition complétée, Vrin-CNRS, 1964-1974, 11 vol.* (edição de referência).
- SPINELLI, Miguel. "A Matemática como paradigma da construção filosófica de Descartes". In: *Revista Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Unicamp, Campinas, v.2, n.1, 1990, pp. 5–15; do mesmo autor: *Bacon, Galileu e Descartes: O Renascimento da Filosofia Grega*. São Paulo: Loyola, 2013.

1.9 Ligações externas

- *IntraText Digital - Library*: *links* para obras de René Descartes em várias línguas, incluindo *link* para o Discurso do Método
- Consciência.org - Descartes: Dados biográficos
- *Stanford Encyclopedia of Philosophy* (SEP): *Descartes' Epistemology* (em inglês)

Capítulo 2

Discurso sobre o Método


DISCOURS
DE LA METHODE
Pour bien conduire ſa raiſon, & chercher
la verité dans les ſciences.
PLUS
LA DIOPTRIQVE.
LES METEORES.
ET
LA GEOMETRIE.
Qui ſont des eſſais de cete METHODE.
A LEYDE
De l'Imprimerie de IAN MAIRE.
cIↃ IↃ c xxxvii.
Auec Priuilege.

Folha de Rosto da primeira edição do Discurso sobre o método*, de 1637.*

René Descartes, filósofo francês e autor do Discurso sobre o método.

O ***Discurso sobre o método***, por vezes traduzido como ***Discurso do método***, ou ainda *Discurso sobre o método para bem conduzir a razão na busca da verdade dentro da ciência* (em francês, *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison, et chercher la verité dans les sciences*) é um tratado matemático e filosófico de René Descartes, publicado em Leiden, na Holanda, em 1637. Ele inicialmente apareceu junto a outros trabalhos de Descartes, *Dioptrique*, *Météores* e *Géométrie*. Uma tradução para o latim foi produzida em 1656, e publicada em Amsterdam.

Constitui, ao lado de *Meditações sobre filosofia primeira* (*Meditationes de prima philosophia*), *Princípios de filosofia* e *Regras para a direção do espírito* (*Regulae ad directionem ingenii*), a base da epistemologia do filósofo, sistema que passou a ser conhecido como cartesianismo. O *Discurso* propõe um modelo quase matemático para conduzir o pensamento humano, uma vez que a matemática tem por característica a certeza, a ausência de dúvidas.

Segundo o próprio Descartes, parte da inspiração de seu método (descrito nesse livro/tratado) deveu-se a três sonhos ocorridos na noite de 10 para 11 de novembro de 1619: nestes sonhos lhe havia ocorrido "a ideia de um método universal para encontrar a verdade".

Discurso sobre o método foi escrito em vernáculo (os textos filosóficos costumavam ser escritos em latim), de maneira não-doutrinária, pois Descartes tentou popularizar ao máximo os conceitos ali expressos e de maneira não impositiva, mas compartilhada. Em toda a obra permeia a **autoridade da razão**, conceito banal para o homem moderno, mas um tanto novo para o homem medieval (muito mais acostumado à autoridade eclesiástica). A autoridade dos sentidos (ou seja, as percepções do mundo) também é particularmente rejeitada; o conhecimento significativo, segundo o tratado, só pode ser atingido pela razão, abstraindo-se a distração dos sentidos. Uma das mais

conhecidas frases do Discurso é **Je pense, donc je suis** (citada frequentemente em latim, *cogito ergo sum*; *penso, logo sou*): o ato de duvidar como indubitável, e as evidências de "pensar" e "ser" ligadas. (A forma "penso, logo existo", popularizada por algumas traduções da obra, não é a mais correcta, uma vez que identifica o ser com o existir, conceitos diferentes no cartesianismo).[*carece de fontes*?]

Além dessa conclusão, Descartes também apresenta argumentos em favor da existência de Deus, especifica critérios para a boa condução da razão e faz algumas demonstrações.

2.1 Divisão e conteúdo da obra

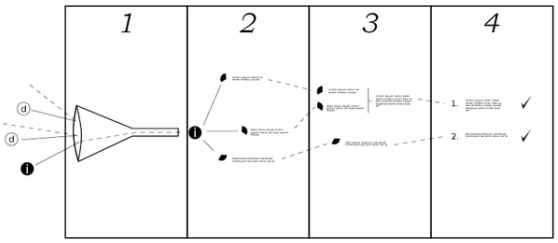
O *Discurso* está dividido em seis partes, e possui uma breve introdução. Nesta, Descartes já enfatiza a divisão do livro e explica o que o leitor encontrará em cada uma das seis partes:

- na primeira, diversas considerações sobre a ciência
- na segunda, as principais regras para a prática científica
- na terceira, a moral provisória que Descartes definiu para si mesmo
- na quarta, as provas da existência de Deus e da alma humana, fundamentos da metafísica
- na quinta, Descartes faz algumas aplicações do método a questões físicas e relativas à medicina; também as particularidades da alma humana
- na sexta, as razões que o levaram a escrever o tratado e aquilo que Descartes acredita ser essencial para o progresso do conhecimento

2.2 Os quatro preceitos

O método de raciocínio proposto por Descartes no *Discurso* compõe-se de quatro partes distintas, sintetizadas na passagem seguinte:

> "*Le premier étoit de ne recevoir jamais aucune chose pour vraie que je ne la connusse évidemment être telle; c'est-à-dire, d'éviter soigneusement la précipitation et la prévention, et de ne comprendre rien de plus en mes jugements que ce qui se présenteroit si clairement et si distinctement à mon esprit, que je n'eusse aucune occasion de le mettre en doute.*
>
> *Le second, de diviser chacune des difficultés que j'examinerais, en autant de parcelles qu'il se pourroit, et qu'il seroit requis pour les mieux résoudre. Le troisième, de conduire par ordre mes pensées, en commençant par les objets les plus simples et les plus aisés à connoître, pour monter peu à peu comme par degrés jusques à la connoissance des plus composés, et supposant même de l'ordre entre ceux qui ne se précèdent point naturellement les uns les autres.*
>
> *Et le dernier, de taire partout des dénombrements si entiers et des revues si générales, que je fusse assuré de ne rien omettre.*" (*Discurso*, parte 2)



O método cartesiano. No preceito ou passo 1, as coisas indubitáveis (círculos marcados com i*) passam por um "funil", que impede a passagem de coisas que tragam dúvidas (*d*). No segundo, as coisas são analisadas, ou seja, divididas para melhor compreensão; no terceiro, procede-se a síntese, ou agrupamento em graus de complexidade crescente. No último passo, as conclusões são ordenadas e classificadas.*

Simplificadamente, são os passos ou preceitos:

1. Receber escrupulosamente as informações, examinando sua racionalidade e sua justificação. Verificar a verdade, a boa procedência daquilo que se investiga – aceitar o que seja indubitável, apenas. Esse passo relaciona-se muito ao cepticismo.
2. Análise, ou divisão do assunto em tantas partes quanto possível e necessário.
3. Síntese, ou elaboração progressiva de conclusões abrangentes e ordenadas a partir de objetos mais simples e fáceis até os mais complexos e difíceis.
4. Enumerar e revisar minuciosamente as conclusões, garantindo que nada seja omitido e que a coerência geral exista.

Estas operações reconstituiriam as três operações elementares da mente humana, a indução (que consiste em captar realidades mínimas), a dedução (agrupar observações e inferir resultados) e a enumeração (acompanhada da revisão e reelaboração de conceitos).

Estes preceitos são colocados em alegoria com a demolição de uma casa (o antigo método de pensamento que Descartes empregava) e a construção de um edifício seguro (o novo *Método*). A metáfora da construção pode

ser encontrada, por exemplo, na afirmação acerca da utilidade da dúvida hiperbólica (que não seria simplesmente o duvidar por duvidar):

> "*Non que j'imitasse pour cela les sceptiques, qui ne doutent que pour douter, et affectent d'être toujours irrésolus; car, au contraire, tout mon dessein ne tendoit qu'à m'assurer, et à rejeter la terre mouvante et le sable pour trouver le roc ou l'argile.*" (*Discurso*, parte 3)
>
> ("Não que eu imitasse os céptico, que duvidam apenas por duvidar, e ostentam apenas manter-se em irresolução; pois, ao contrário, todo o meu projeto era simplesmente firmar-me na certeza, e rejeitar a terra e areia instável em prol de colocar-me em rocha ou argila.")

A inspiração, por sua vez, vinha da geometria, na qual partia-se de conceitos simples para descrever progressivamente entidades mais complexas:

> "*Ces longues chaînes de raisons, toutes simples et faciles, dont les géomètres ont coutume de se servir pour parvenir à leurs plus difficiles démonstrations, m'avoient donné occasion de m'imaginer que toutes les choses qui peuvent tomber sous la connoissance des hommes s'entresuivent en même façon[…]*" (*Discurso*, parte 4)
>
> ("Estas longas cadeias de razão, todas simples e fáceis, sobre as quais os geômetras costumam se servir para chegar às mais difíceis demonstrações, me levaram a imaginar que todas as coisas que podem penetrar na consciência dos homens são ligadas da mesma maneira […]")

2.3 A prova ontológica (cogito ergo sum)

🔍Ver artigo principal: cogito ergo sum

Na quarta parte do *Discurso* Descartes realiza a prova ontológica, ou seja, a prova da existência do ser e também a prova da existência de Deus.

Aplicando o método a si mesmo, Descartes confronta o próprio raciocínio. Ele argumenta que, embora a mente possa tanto raciocinar sobre coisas reais quanto sobre coisas de sonhos, enquanto acordado ou dormindo respectivamente, ele não pode, ao refletir sobre a veracidade desses pensamentos, negar que esteja pensando; e como sujeito pensante, conclui que é seguro supor a própria existência:

> "*Mais aussitôt après je pris garde que, pendant que je voulois ainsi penser que tout étoit faux, il falloit nécessairement que moi qui le pensois fusse quelque chose; et remarquant que cette vérité, je pense, donc je suit, étoit si ferme et si assurée, que (…) je jugeai que je pouvois la recevoir sans scrupule pour le premier principe de la philosophie que je cherchois.*" (*Discurso*, parte 4)
>
> ("Mas imediatamente que eu observava isso, que os pensamentos de sonho se confundem com a realidade, ainda assim eu desejava pensar que tudo era falso, era absolutamente necessário que eu, quem pensa, seja algo; e enquanto eu observava que isso é verdadeiro, eu penso, logo existo, era tão certo e tão evidente que (…) eu aceitei este como primeiro princípio de filosofia, que eu estava refletindo.")

Consoante, qualquer esforço para duvidar de sua própria existência era uma *ocorrência de pensamento*, e essa ocorrência exigia um sujeito pensante, ainda que mínimo. Eis portanto a prova da existência de mim mesmo.

É preciso notar ainda que não é qualquer ato do *eu* que determina a existência. Um andar não provaria essa existência, uma vez que andar pode trazer a dúvida da existência das próprias pernas; somente um pensamento (seja ela uma dúvida, um desejo, uma afirmação, uma sensação ou similares) é indubitável e portanto adequa-se ao *Método*. Somente o pensamento, quando percebido, garante a existência do *eu*.

2.3.1 Existência de Deus

A existência de Deus é "provada" porque, existindo a razão e o pensamento, é preciso haver um fiador dessa razão e desse pensamento, algo que lhe dê coerência. Pela razão, existe Deus - como se Deus não fosse precisar de um fiador para si próprio. Trata-se da retomada do pensamento de Aristóteles, do *noesis noeseos* (pensamento do

pensamento), ou o "motor imóvel". Além disso, Descartes demonstra que as ideias de perfeito, infinito e similares, são tão transcendentes a ele, ser imperfeito e finito, que é preciso haver algo de onde essa ideia venha, que não o próprio ser pensante:

> "*Ensuite de quoi, faisant réflexion sur ce que je doutois, et que par conséquent mon être n'étoit pas tout parfait, car je voyois clairement que c'étoit une plus grande perfection de connoître, que de douter, je m'avisai de chercher d'où j'avois appris à penser à quelque chose de plus parfait que je n'étois; et je connus évidemment que ce devoit être de quelque nature qui fût en effet plus parfaite. (…) C'est à dire, pour m'expliquer en un mot, qui fût Dieu.*" (*Discurso*, parte 4)
>
> ("A seguir, fazendo a reflexão sobre o fato de que eu duvido, e que por conseguinte meu ser não era absolutamente perfeito, porque eu via claramente que era perfeição maior conhecer do que duvidar, eu percebi que dessa reflexão concluía a existência de algo mais perfeito que eu era; e eu claramente percebi que essa percepção vinha de uma natureza que era de fato mais perfeita [que a minha]. (…) Para ser dito em uma palavra, que era Deus.")

Alguns dizem que Descartes incluiu a prova da existência de Deus apenas para satisfazer os censores do período[*carece de fontes*?]. Os seguidores de Descartes logo perceberam que a dúvida metódica também poderia aplicar-se a Deus; de fato, a prova da existência de Deus é uma das partes mais fracas da argumentação de Descartes. Nas **Meditações**, Descartes também argumentará a existência de Deus através da suposição de que o pensamento de Deus contém também sua existência; o pensamento que contém o próprio pensado, mas todo esse argumento pode ser facilmente vencido pela causa/efeito, o que domina toda a razão.

Outros dizem não tão plausivelmente, que a relação causa e efeito só pode ser quebrada por um ser perfeito, sobrenatural, portanto Deus, tornando o argumento logicamente perfeito, e ainda, de forma atualmente aceita como incorreta, que sua existência seria fortalecida por evidências naturais apontadas pela ciência, Relatividade Geral, Termodinâmica, Lei da Causalidade, Teoria do BigBang ou evidências metafisicas apontadas pela razão.

a questão à luz da ciência moderna

De fato tem-se em vista da compreensão moderna que evidências naturais não corroboram existências de entidades sobrenaturais. Encaremos a questão à luz da razão. Visto ser a causalidade uma lei do nosso universo, qual seria o sentido da pergunta "qual a causa do nosso universo"?, ou equivalente, "qual a causa do Big Bang?" ? É certo que o simples fato de colocar-se tal pergunta como aceitável logicamente implica a validade de se importar do nosso universo para o que chamar-se-á aqui de "pré-universo" - onde encontrar-se-ia a causa do nosso universo, a causa da singularidade do Big Bang - a validade da causalidade, deixando-se bem claro que cientificamente, do último, não sabe-se absolutamente nada acerca das leis que lá vigorariam uma vez admitida sua existência, podendo em princípio serem essas completamente distintas das que vigoram no nosso universo. Pois eis que surge a resposta teológica lacunar: Deus. Pois eis que vem a pergunta iminente: no pré-universo onde Deus existe como causa do nosso universo, e pelo qual por premissa vale a causalidade, qual a causa de Deus? A resposta obviamente não pode ser a de que Deus não tem causa, pois em um pré-universo onde a lei da causalidade não se aplica, não haveria certamente a necessidade de causa para o nosso próprio universo, o que invalidaria a questão sobre a qual se desenrola o argumento. Em caso contrário, permanece a pergunta "qual a causa de Deus?", e esse não configura-se como a derradeira resposta à questão.

A eternidade de Deus ou atemporalidade do "pré-universo" poderia e já foi cogitada diversas vezes como resposta, contudo também não constitui uma resposta válida, visto que não se conhece em verdade o destino derradeiro do universo. Soluções completamente naturalistas são nesse contexto, embora certamente ainda não científicas, tão plausíveis quanto à associada à transcendentalidade, onipotência e eternidade de Deus: uma possibilidade é a de que o universo oscile entre Big Bangs e Big Crunchs, expandindo-se de um ponto singular a um volume máximo e posteriormente contraindo-se, sob a ação da gravidade, até atingir-se novamente a singularidade, que, por ser singular, isolaria da causalidade os diversos períodos do ciclo eterno, sem contudo hora alguma violá-la. Nesse cenário é óbvia a não necessidade de entes sobrenaturais à explicação, e a causa da existência do universo seria o próprio universo. A afirmação de que o universo provém do "nada" mostrar-se assim naturalmente descabida, ao menos frente a tal contexto, portanto.

De certo é pois que a existência do Universo não corrobora a existência de um projetista onipotente para o mesmo, sendo essa a falha central da proposta moderna conhecida por "desenho inteligente" e de sua "complexidade irredutível". Da mesma forma que não é viável via lógica demonstrar-se a inexistência dos deuses ou entes transcendentais valendo-se para tal de fatos naturais atrelados ao nosso universo, qualquer tenta-

tiva de se usar os mesmos fatos para corroborar a existência de quaisquer entidades transcendentais onipotentes não passa de mero imbróglio tautológico. A definição de Deus conforme proferida pelos teístas faz-se por declaração não testável frente aos fatos naturais presentes em nosso universo, e é por tal que Deus não pertence ao escopo da ciência.

Se outrora a contradiziam, os teólogos de hoje alegam que a ordem e a inexorabilidade das leis naturais do universo são evidências para a existência de Deus. Contudo não percebem que justamente a existência de tais leis universais inexoráveis são a mais pura evidências que implicam a não necessidade da existência de Deus ou deuses como causa primordial. É certo que essas contudo também não negam a existência desse(s).

2.4 Aplicação do método nas ciências

Descartes mostra, no penúltimo capítulo do *Discurso*, a aplicação prática do método a algumas questões científicas. Entre elas, destaca-se a descrição dos animais não-humanos como máquinas orgânicas complexas, marca do mecanicismo atribuído a Descartes.

De fato, Descartes afirma que vários dos comportamentos do próprio ser humano são passíveis de explicações mecânicas. O que diferenciaria o ser humano dos demais animais seria a capacidade de responder criativamente ao meio, em especial através da linguagem. Trata-se de uma antecipação do famoso teste de Turing, usado para determinar a existência de inteligência com base na capacidade criativa de algo ou alguém.

O *Método*, em seu aspecto de dividir, ordenar e classificar, é a base de muitos conceitos científicos que vieram a ser desenvolvidos nos anos subsequentes, de grande importância para a humanidade: o sistema de coordenadas cartesiano, o cálculo, a geometria analítica e a disposição estatística em histogramas.

A grande contribuição (para alguns, desastrosa) de Descartes para a ciência moderna está, efetivamente, na descaracterização de um mundo enquanto *qualitativo* e sua redução a um mundo puramente *quantitativo*. No *Discurso*, concluiu-se que Deus existe, assim como o eu pensante ou alma (*res cogitans*) e a matéria ou extensão (*res extensa*, isto é, o corpo - esta concessão ao realismo trouxe muitos problemas ao idealismo); tudo mais deve ser expresso em termos destas existências. O avanço da ciência em bases quantitativas levou ao abandono do mundo do "mais ou menos", e se não trouxe a derradeira resposta a tais questões, ao menos descartou-as como implicações científicas válidas perante o método científico, contudo.

2.5 Ver também

- Epistemologia
- Racionalismo
- Dúvida hiperbólica
- Gênio maligno

2.5.1 Filósofos de inspiração cartesiana

- Baruch Spinoza
- Blaise Pascal
- Nicolas Malebranche

2.6 Bibliografia

- MORENTE, Manuel García. **Curso de Filosofia: lições preeliminares.** São Paulo : Mestre Jou, 1967
- Descartes, R. (1637- 41/1996), trans. Weissman, D. And Bluhm W.T., Discourse on method and Meditations on first philosophy. 383 pp. New Haven, Conn.: Yale University Press

2.7 Ligações externas

- Texto integral, online:
  - Discurso do método (em português)
  - Discours de la méthode (em francês)
  - Discourse on method (em inglês)
- Internet Enciclopedy of Philosophy: Descartes
- Stanford Encyclopedia of Philosophy: Descartes' Epistemology
- Philosophy Pages: Descartes
- Os três sonhos de Descartes

Capítulo 3

Racionalismo

O **racionalismo** é a corrente filosófica que iniciou com a definição do raciocínio como uma operação mental, discursiva e lógica que usa uma ou mais proposições para extrair conclusões, ou seja, se uma ou outra proposição é verdadeira, falsa ou provável. Essa era a ideia central comum ao conjunto de doutrinas conhecidas tradicionalmente como racionalismo. O racionalismo é em parte, a base da Filosofia, ao priorizar a razão como o caminho para se alcançar a Verdade.[1]

O racionalismo afirma que tudo o que existe tem uma causa inteligível, mesmo que essa causa não possa ser demonstrada empiricamente, tal como a causa da origem do Universo. Privilegia a razão em detrimento da experiência do mundo sensível como via de acesso ao conhecimento. Considera a dedução como o método superior de investigação filosófica. René Descartes, Baruch Spinoza e Gottfried Wilhelm Leibniz introduzem o racionalismo na filosofia moderna. Georg Wilhelm Friedrich Hegel, por sua vez, identifica o racional com o real, supondo a total inteligibilidade deste último.

O racionalismo é baseado nos princípios da busca da certeza, pela demonstração e análise, sustentados, segundo Kant, pelo conhecimento *a priori*, ou seja o conhecimento que não é inato nem decorre da experiência sensível mas é produzido somente pela razão.[2]

O racionalismo é a corrente central no pensamento liberal que se ocupa em procurar, estabelecer e propor caminhos para alcançar determinados fins.[3]Tais fins são postulados em nome do interesse coletivo (*commonwealth*), base do próprio liberalismo anglo-saxónico, contribuindo também para estabelecer a base do racionalismo. O racionalismo, por sua vez, fica na base do planejamento da organização econômica e espacial da reprodução social.

3.1 A matemática racionalista

O racionalismo como doutrina surgiu no século I a.C.,[4] enfatizando que tudo que existe tem uma causa.[5] Séculos mais tarde, os filósofos racionalistas modernos utilizaram a matemática como instrumento da razão para explicar a realidade. Com esse objetivo, Descartes elaborou um método baseado na geometria e baseado em quatro regras

René Descartes

- as regras do método científico:

"O primeiro método era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresente tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.
O segundo método era o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.
O terceiro método era o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.
O quarto método era o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir."

As ideias de René Descartes influenciaram diversos pensadores, entre os quais se destacam o holandês Spinoza e o alemão Leibniz. Leibniz era filósofo, matemático e político. Desenvolveu o cálculo infinitesimal, utilizado até os dias de hoje. Defendeu o racionalismo, afirmando - tal como Descartes - que algumas ideias e princípios existem em nós e são percebidos pelos sentidos, mas não provêm deles. Como exemplos de conhecimentos inatos, ele citava os conceitos da geometria, da lógica e da aritmética.

3.2 Ver também

- Discurso sobre o Método
- Inatismo

3.3 Referências

[1] Infopedia, Porto Editora. «Racionalismo»

[2] Internet Encyclopedia of Philosophy. «Immanuel Kant: Metaphysics»

[3] Racionalismo

[4] Encyclopedia Britannia: Epistemological rationalism in ancient philosophies

[5] "Aristotle on Causality", por Andrea Falcon. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2010 Edition), Edward N. Zalta (ed.)

Capítulo 4

Baruch Espinoza

Nota: '"Espinoza" e "Espinosa" redirecionam para este artigo. Para outros significados, veja Espinosa (desambiguação).

Baruch de Espinoza[1] (24 de novembro de 1632, Amsterdã — 21 de fevereiro de 1677, Haia) foi um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da chamada Filosofia Moderna, juntamente com René Descartes e Gottfried Leibniz. Nasceu em Amsterdã, nos Países Baixos, no seio de uma família judaica portuguesa e é considerado o fundador do criticismo bíblico moderno.

4.1 Prenomes

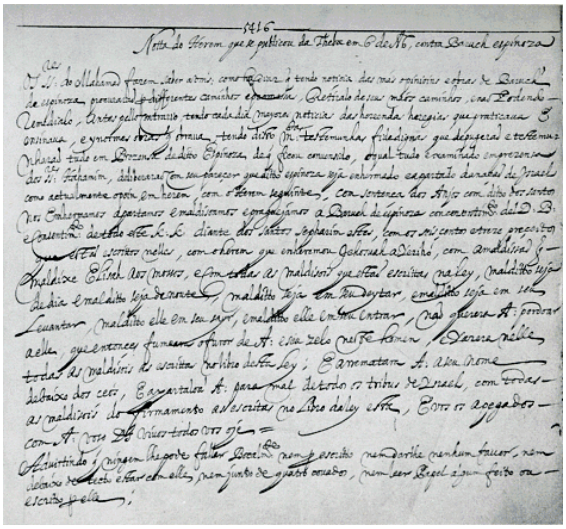
Chamado pelos pais de **Bento**, chamou-se "Baruch" enquanto que judeu nascido e vivendo em Amsterdã. Finalmente, utilizou **Benedictus** para assinar a sua *Ethica*, depois do chérem, em seu nome.[2] Também é conhecido como **Benedito Espinoza**.

4.2 Vida

A sua família fugiu da Inquisição de Portugal. Foi um profundo estudioso da Bíblia, do Talmude e de obras de judeus como *Maimónides*, *Ben Gherson*, *Ibn Ezra*, *Hasdai Crescas*, *Ibn Gabirol*, *Moisés de Córdoba* e outros. Também se dedicou ao estudo de Sócrates, Platão, Aristóteles, Demócrito, Epicuro, Lucrécio e também de Giordano Bruno. Ganhou fama pelas suas posições opostas à superstição (a sua frase *Deus sive natura*, "Deus, ou seja, a Natureza" é um conceito filosófico, e não religioso), e ainda devido ao fato de a sua ética ter sido escrita sob a forma de postulado e definições, como se fosse um tratado de geometria.

4.2.1 Chérem

Em 27 de julho de 1656, a Sinagoga Portuguesa de Amsterdão puniu Espinoza com o chérem, o equivalente hebraico da excomunhão católica, pelos seus postulados a respeito de Deus em sua obra, defendendo que Deus é o mecanismo imanente da natureza, e a Bíblia, uma obra metafórico-alegórica que não pede leitura racional e que não exprime a verdade sobre Deus.[2]



O banimento, que foi escrito em português

4.2.2 O banimento (texto original em português)

Conforme Will Durant, seu chérem pelos judeus de Amsterdã, tal como ocorrera com as atitudes que levaram à retratação e posterior suicídio de Uriel da Costa em 1647, fora como que um gesto de "gratidão" por parte dos judeus para com o povo holandês.

Embora os pensamentos de da Costa não fossem totalmente estranhos para o judaísmo, vinham contra os pilares da crença cristã. Os judeus, perseguidos por toda Europa na época, especialmente pelos governos ibéricos e pelos governos luteranos alemães, haviam recebido abrigo, proteção e tolerância dos protestantes de inspiração calvinista dos Países Baixos e, assim, não poderiam permitir, no seio de sua comunidade, um pensador tido como herege.

4.2.3 Pós-chérem

Após o chérem, adotou o primeiro nome “Benedictus” (termo latino para “Bendito”, que era a tradução do seu nome original “Baruch”), assim atestando seu desvencilho da religião judaica.

Para sua subsistência, trabalhava com polimento de lentes durante os períodos em que viveu em casas de famílias em Outerdek (próximo a Amsterdã) e em Rijnsburg, tendo recusado várias oportunidades e recompensas durante sua vida, incluindo prestigiosas posições de ensino (foi convidado a ensinar na Universidade de Heidelberg mas recusou, pois teria de arcar com as normas ideológicas da universidade e seria impossível continuar com a sua obra de forma independente.). Nesta última localidade, escreveu suas principais obras.

Uma vez que as reações públicas ao seu Tratado Teológico-Político não lhe eram favoráveis, absteve-se de publicar seus trabalhos. A *Ética* foi publicada após sua morte, na *Opera Postuma* editada por seus amigos.

4.2.4 Morte

Morreu em um domingo, 21 de fevereiro de 1677, aos quarenta e quatro anos, vitimado pela tuberculose. Morava então com a família Van den Spyck, em Haia. A família havia ido à igreja e o deixara com o amigo doutor Meyer. Ao voltarem, encontraram-no morto. Encontra-se sepultado no pátio da *Nieuwe Kerk*, em Haia, nos Países Baixos.[3]

4.2.5 Traços físicos

Conforme *Colerus*, que o conheceu em Rijnsburg, Spinoza “era de mediana estatura, feições regulares, pele cor de oliva, cabelos pretos e crespos, sobrancelhas negras e bastas, denunciando claramente a ascendência de judeus Sefardim ou sefarditas (originalmente naturais da Península Ibérica). No trajar muito descuidado, a ponto de quase se confundir com os cidadãos da mais baixa classe”.[4]

4.2.6 Reconhecimento

Suas obras o fizeram reconhecido em vida, tendo recebido cartas de figuras proeminentes como Henry Oldenburg da Royal Society; do inventor alemão Ehrenfried Walther von Tschirnhaus; do cientista holandês Huygens; de Leibnitz; do médico Louis Meyer, de Haia; e do rico mercador De Vries, de Amsterdã. Luís XIV lhe ofereceu uma larga pensão para que Spinoza lhe dedicasse um livro. O filósofo recusou polidamente.

O príncipe de Condé, na chefia do exército da França que invadira a Holanda, novamente convidou-o a aceitar uma pensão do rei da França e ser apresentado a vários admiradores. Spinoza, desta vez, aceitou a honraria, mas se viu em dificuldades ao retornar a Haia, por causa dessa suposta "traição". Porém, logo o povo, ao perceber que se tratava de um filósofo, um inofensivo, se acalmou.

Estátua de Spinoza em Haia.

O monumento feito em homenagem a Spinoza em Haia foi assim comentado por Renan em 1882:

O retrato de Spinoza foi impresso nas antigas notas de 1000 florins dos Países Baixos, até a introdução do euro, em 2002.

4.3 Obra

4.3.1 Livros

a) Publicados “post mortem":

Escritos em latim[5]:

- *Ética demonstrada à maneira dos geômetras* (*Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*) - iniciado em Rijnsburg e finalizado em Haia em 1675;

Conteúdo:

-
  - Primeira parte: Deus
  - Segunda parte: A natureza e a Origem da Mente.
  - Terceira parte: A Origem e a Natureza dos Afetos.
  - Quarta parte: A Servidão Humana ou a Força dos Afetos.
  - Quinta parte: A Potência do Intelecto ou a Liberdade Humana.
- *Tratado Político (Tractatus Politicus)*, depois incluído na *Ética*; 1677
- *Tratado sobre o Cálculo Algébrico do Arco-Íris*, 1687
- *Tratado sobre o Cálculo das Probabilidades*, 1687

- *Compêndio de Gramática da Língua Hebraica*, inacabado.

Escritos em holandês:

- *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar* (*Korte Verhandeling van Deus, de Mensch en deszelvs Welstand*) (foi um esboço da *Ética*); 1660

b) Publicados

- *Tratado sobre a Reforma do Entendimento* (*De Intellectus Emendatione*) - Ensaio. Também publicado na língua portuguesa com os títulos: Tratado para Emendar o Intelecto (Editora Unicamp), Tratado da Reforma da Inteligência (Editora Martin Fontes), Tratado da Reforma do Entendimento (Editora Escala) e Tratado sobre a Correção do Intelecto (Acrópolis Filosofia), 1662.

- *Princípios da Filosofia de Descartes*, publicado junto com seu apêndice *Pensamentos Metafísicos*. Espinosa revela seu afastamento cada vez maior em relação a várias teses de Descartes, embora pareça apenas servir-se do cartesianismo para refutar a escolástica. 1663.

- *Tratado Teológico-político* (*Tractatus Theologico-Politicus*), 1670

4.4 Conteúdo filosófico

Spinoza defendeu que Deus e Natureza eram dois nomes para a mesma realidade, a saber, a única substância em que consiste o universo e do qual todas as entidades menores constituem modalidades ou modificações. Ele afirmou que *Deus sive Natura* ("Deus ou Natureza" em latim) era um ser de infinitos atributos, entre os quais a extensão (sob o conceito atual de matéria) e o pensamento eram apenas dois conhecidos por nós.

A sua visão da natureza da realidade, então, fez tratar os mundos físicos e mentais como dois mundos diferentes ou submundos paralelos que nem se sobrepõem nem interagem mas coexistem em uma coisa só que é a substância. Esta formulação é uma solução muitas vezes considerada um tipo de panteísmo e de monismo, porém não por Espinosa, que era um racionalista e, por extensão, se teria um acompanhamento intelectual do Universo, como define ele em seu conceito de "Amor Intelectual de Deus".

Spinoza também propunha uma espécie de determinismo, segundo o qual absolutamente tudo o que acontece ocorre através da operação da necessidade, e nunca da teleologia. Para ele, até mesmo o comportamento humano seria totalmente determinado, sendo então a liberdade a nossa capacidade de saber que somos determinados e compreender por que agimos como agimos. Deste modo, a liberdade para Spinoza não é a possibilidade de dizer "não" àquilo que nos acontece, mas sim a possibilidade de dizer "sim" e compreender completamente porque as coisas deverão acontecer de determinada maneira. [6]

A filosofia de Spinoza tem muito em comum com o estoicismo, mas difere muito dos estoicos num aspecto importante: ele rejeitou fortemente a afirmação de que a razão pode dominar a emoção. Pelo contrário, defendeu que uma emoção pode ser ultrapassada apenas por uma emoção maior. A distinção crucial era, para ele, entre as emoções activas e passivas, sendo as primeiras aquelas que são compreendidas racionalmente e as outras as que não o são.

4.4.1 Substância

Para Espinoza, a substância não possui causa fora de si, ela é causa de si mesma, ou seja, uma *causa sui*. Ela é singular a ponto de não poder ser concebida por outra coisa que não ela mesma. Por ser causa de si, a substância é totalmente independente, livre de qualquer outra coisa, pois sua existência basta-se em si mesma. Ou seja, a substância, para que o entendimento possa formar seu conceito, não precisa do conceito de outra coisa. A substância é absolutamente infinita, pois se não o fosse, precisaria ser limitada por outra substância da mesma natureza.

Pela proposição VI da Parte I da Ética, ele afirma: "Uma substância não pode ser produzida por outra substância", portanto, não existe nada que limite a substância, sendo ela, então, infinita. Da mesma forma, a substância é indivisível, pois, do contrário, ao ser dividida ela, ou conservaria a natureza da substância primeira, ou não. Se conservasse, então uma substância formaria outra, o que é impossível de acordo com a proposição VI; se não conservasse, então a substância primeira perderia sua natureza, logo, deixaria de existir, o que é impossível pela proposição 7, a saber: "à natureza de uma substância, pertence o existir". Assim, a substância é indivisível.

Assim, sendo da natureza da substância absolutamente infinita existir e não podendo ser dividida, ela é única, ou seja, só há uma única substância absolutamente infinita ou Deus.

Apesar de ser denominado Deus, a substância de Espinoza é radicalmente diferente do Deus judaico-cristão, pois não tem vontade ou finalidade já que a substância não pode ser sem existir (se pudesse ser sem existir, haveria uma divisão e a substância seria limitada por outra, o que, para Espinoza, é absurdo, como foi explicado no parágrafo anterior). Consequentemente, o Deus de Espinoza não é alvo de preces e menos ainda exigiria uma nova religião.

4.4.2 Natureza Humana

Baruch Espinoza viveu em um tempo onde recebeu diferentes influências, um tempo de transição, que marcava o início da modernidade. O filósofo teve que ser cauteloso na exposição de seu pensamento, porque muitos de seus colegas sofreram perseguição e foram até mortos. Para Espinoza, Deus e a natureza são uma coisa só, não havendo distinção entre eles. Essa concepção exclui ideias transcendentais e entra em choque com os que acreditam no direito divino para os reis, bem como com Direitos naturais hereditários. Seu caráter Naturalista exclui a ideia Dualista de que haveria uma maneira natural de como as coisas deveriam ser. Muitos pensadores acreditavam que as coisas deveriam ser da maneira que são pela vontade de Deus: essa é uma diferença importante no pensamento de Spinoza.

O filósofo começa a expor seu pensamento acerca da natureza humana no livro *Tratado Teológico-político*. Nele, o autor explica como acredita que funcionam as economias dos Afetos e Desejos e de que maneira isso afeta como vivemos. No capítulo XVI/3, encontramos um exemplo: "O direito natural e cada homem definem-se, portanto, não pela razão sã, mas pelo desejo e pela potência. Ninguém, com efeito, está determinado a se comportar conforme as regras e as leis da razão; ao contrário, todos nascem ignorantes de todas as coisas e a maior parte de suas vidas transcorre antes que possam conhecer a verdadeira regra da vida e adquirir o estado de virtude, mesmo que tenham sido bem educados. E eles não são menos obrigados a viver e a se conservar, nessa espera, pelo simples impulso do apetite, pois a natureza não lhes deu outra coisa, e lhes recusou a potência atual de viver conforme a reta razão; logo, considerando submetido apenas ao império da natureza, tudo o que um indivíduo julgar como lhe sendo útil, seja pela conduta da razão seja pela violência de suas paixões, é-lhe permitido desejar, em virtude desejar, em virtude de um soberano direito de natureza e tomar por qualquer via que seja, pela força, pela artimanha, por preces, enfim, por meio mais fácil que lhe pareça. Consequentemente, também ter por inimigo aquele que quiser impedi-lo de se satisfazer".[7]

Mais adiante, Spinoza vai argumentar que o uso da Razão viria a partir de um exercício, mas que ainda estamos longe de chegar lá devido às Paixões. O autor disserta: "Mas falta muito para que todos se deixem facilmente se conduzir apenas pela razão; cada um se deixa levar por seu prazer e, mais amiúde, a avareza, a glória, a inveja, o ódio etc. ocupam a mente, de tal sorte que a razão não tem qualquer lugar".[8]

No ano de sua morte, Spinoza termina um outro livro, que seria uma continuação do anterior, dando sequência a seus pensamentos e sua teoria. No Tratado Político (Espinosa), título do novo livro, Espinosa também aborda, em diferentes momentos, a questão da natureza humana, bem como a força das paixões e os efeitos que elas produzem nos corpos. Logo no primeiro capítulo, o autor explica de que maneira ele tenta entender essas paixões e estudá-las, a fim de aplicá-las na sua teoria: "Quando, por conseguinte, apliquei o ânimo à política, não pretendi demonstrar com razões certas e indubitáveis, ou deduzir da própria condição humana, algo que seja novo ou jamais ouvido, mas só aquilo que está mais de acordo com a prática. E, para investigar aquilo que respeita a esta ciência com a mesma liberdade de ânimo que é costume nas coisas matemáticas, procurei escrupulosamente não rir, não chorar nem detestar as ações humanas, mas entendê-las. Assim não encarei os afetos humanos, como são o amor, o ódio, a ira, a inveja, a glória, a misericórdia e as restantes comoções do ânimo, como vícios da natureza humana, mas como propriedades que lhe pertencem, tanto como o calor, o frio, a tempestade, o trovão e outros fenômenos do mesmo gênero que pertencem à natureza do ar, os quais, embora sejam incômodos, são contudo necessários e têm causas certas mediante as quais tentamos entender sua natureza".[9]

O autor expõe seu pensamento com clareza acerca da sua discordância com o pensamento comum da época. Explicando o porquê de não acreditar que as pessoas agem exclusivamente através da razão: "Depois, na medida em que cada coisa se esforça, tanto quanto esta em si, por conservar o seu ser, não podemos de forma alguma duvidar de que, se estivesse tanto em nosso poder vivermos segundo os preceitos da razão como conduzidos pelo desejo cego, todos se conduziriam pela razão e organizaram sabiamente a vida, o que não acontece minimamente, pois cada um é arrastado pelo seu prazer".[10] Para o filósofo, as pessoas não se submetem ao estado por uma análise racional, mas por uma economia de seus desejos, sejam eles medo ou esperança. São as paixões que, em acordo com outras Paixões, encontram vontades comuns que permitem que as pessoas se agrupem em "estados" e, assim, se submetam de alguma maneira a algum sistema. Seja ele monárquico aristocrático ou democrático. "Longe de ser fruto de uma ruptura com a natureza, o estado forma-se no âmbito desta, mediante a dinâmica afetiva, ou passional, que associa ou põe em confronto os indivíduos". "Por isso também, a essência do político é impossível de se confundir com uma qualquer moldura racional de onde e no interior da qual as normas de conduta fossem deduzidas, de modo a imporem-se como condição necessária e legítima da paz e da estabilidade".[11]

Observamos que Spinoza defende uma espécie de sistema econômico de gerenciamento dos afetos, tanto por parte dos súditos, como do Soberano. Esse gerenciamento é subjetivo, e acontece individualmente, com efeitos no coletivo. Cabe, aos súditos, sentirem sua Potência, a fim de preservar sua vida, e maximizar sua liberdade, bem como o soberano de não impor sistema rígido demais que encurrale seus súditos a ponto de que esses se rebelem. O estado mais "racional", é aquele que consegue entender as demandas da sua população, e promover uma espécie de bem-estar. A paz imposta pelo medo, como au-

sência de guerra, é sempre temporária. O bem-estar de todos é o que ajuda a manter o estado coeso. Esse sistema é precário, e está sempre sujeito a avaliações e adequações para melhor atender a todos, defendendo, assim, até a manutenção do estado pelo soberano. Spinoza entende o estado como a potência da Multidão, e define, no TP 2/17, os sistemas políticos que podem constituir esse estado. O autor esclarece: "Detém–no absolutamente quem, por consenso comum, tem a incumbência da república, ou seja, de estatuir, interpretar e abolir direitos, fortificar as urbes, decidir sobre guerra e paz etc. E se esta incumbência pertencer a um conselho que é composto pela multidão comum, então o estado chama–se Democracia; mas se for composto só por alguns eleitos, chama–se Aristocracia; e se finalmente, a incumbência da República e por conseguinte, o estado, estiver nas mãos de um só, então chama–se Monarquia".[12] Com isso, podemos concluir o pensamento de Spinoza e entender como a Natureza age sobre/através as potências de todos e como isso influencia o estado e o sistema político.

4.4.3 Os afetos - o desejo, a alegria e a tristeza

Os corpos se individualizam em razão do "movimento e do repouso", da "velocidade e lentidão" e não em função de alguma substância particular (escólio 1 da proposição 13 da parte 2 da Ética), e a identidade individual através do tempo e da mudança consiste na manutenção de uma determinada proporção de movimento e repouso das partes do corpo (proposição 13 da parte 2 da Ética). O corpo humano é um complexo de corpos individuais, e é capaz de manter suas proporções de movimento e de repouso ao passar por uma ampla variedade de modificações impostas pelo movimento e repouso de outros corpos. Essas modificações são o que Espinoza chama de "afecções".[13]

Uma afecção que aumenta a capacidade do corpo de manter suas proporções características de movimento e repouso aumenta a "potência de agir" e tem, em paralelo, na mente, uma modificação que aumenta a "potência de pensar". A passagem de uma potência menor para uma maior é o "afeto de alegria" (definição dos afetos, parte 2 da Ética). Uma afecção que diminui a potência do corpo de manter as proporções de movimento e repouso diminui a potência de agir e tem, em paralelo, na mente, uma diminuição da potência de pensar. A passagem de uma potência maior para uma menor é o "afeto de tristeza". Já uma afecção que ultrapassa as proporções de movimento e repouso dos corpos que compõe o corpo humano destrói o corpo humano e a mente (morte).

Os indivíduos (mentes e corpos) se esforçam em perseverar em sua existência tanto quanto podem (proposição 6 da parte 3 da Ética). Eles sempre se esforçam para ter alegria, isto é, um aumento de sua potência de agir e de pensar, e eles sempre se opõem ao que lhes causa tristeza, ou seja, aquilo que diminui sua capacidade de manter as proporções de movimento e repouso características de seu corpo. O esforço por manter e aumentar a potência de agir do corpo e de pensar da mente é o que Espinoza chama de "desejo" (*conatus*).

> Não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apetecemos, que a desejamos, mas, ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apetecê-la, por desejá-la, que a julgamos boa.
>
> – Espinoza, Ética, parte 3, proposição 9 esc.

As afecções que são atribuídas à "ação" do corpo humano testemunham o aumento de sua potência de agir e de pensar e, por isso, o afeto de alegria sempre impulsiona a atividade. Em contraste, as afecções que diminuem a potência de agir e de pensar (provocando tristeza) testemunham sempre a passividade do corpo humano, são sempre passivas, são "paixões" (do grego *pathos*, "sofrer uma ação").

Para Espinoza, a ilusão dos homens de que suas ações resultam de uma livre decisão da mente é consequência de eles serem conscientes apenas de suas ações enquanto ignoram as causas pelas quais são determinados, o que faz com que suas ações sejam determinadas pelas paixões. Isso é o que ele chama de "primeiro gênero de conhecimento", "imaginação" ou "ideias inadequadas" (a consciência de nossos afetos, e a inconsciência do que os determina). O "segundo gênero de conhecimento" são as "noções comuns" ou "ideias adequadas", que se caraterizam pela consciência do que nos determina a agir. As ideias adequadas sempre são efeitos da alegria, acarretam alegria e impulsionam a atividade, enquanto a imaginação (ideias inadequadas) se caracteriza pela passividade e pelo acaso de causar ou ser efeito da alegria ou da tristeza.

> [...] uma criancinha acredita apetecer, livremente, o leite; um menino furioso, a vingança; e o intimidado, a fuga. Um homem embriagado também acredita que é pela livre decisão de sua mente que fala aquilo sobre o qual, mais tarde, já sóbrio, preferiria ter calado. Igualmente, o homem que diz loucuras, a mulher que fala demais, a criança e muitos outros do mesmo gênero acreditam que assim se expressam por uma livre decisão da mente, quando, na verdade, não são capazes de conter o impulso que os leva a falar. Assim, a própria experiência ensina, não menos claramente que a razão, que os homens se julgam livres apenas porque são conscientes de suas ações, mas desconhecem as causas pelas quais são determinados. Ensina também que as decisões da mente nada mais são do que os próprios apetites: elas variam, portanto, de acordo com a

> variável disposição do corpo. Assim, cada um regula tudo de acordo com o seu próprio afeto e, além disso, aqueles que são afligidos por afetos opostos não sabem o que querem, enquanto aqueles que não têm nenhum afeto são, pelo menor impulso, arrastados de um lado para outro. Sem dúvida, tudo isso mostra claramente que tanto a decisão da mente, quanto o apetite e a determinação do corpo são, por natureza, coisas simultâneas, ou melhor, são uma só e mesma coisa, que chamamos decisão quando considerada sob o atributo do pensamento e explicada por si mesma, e determinação, quando considerada sob o atributo da extensão e deduzida das leis do movimento e do repouso [...]
>
> – Spinoza, Ética, parte 3, proposição 2 esc.

A grande inovação da ética de Espinoza foi que, nela, a razão não se opõe aos afetos, pelo contrário, a própria razão é um afeto, um desejo de encontrar ou criar as oportunidades de alegria na vida e de evitar ou desfazer ao máximo as circunstâncias que causam tristeza, mas o próprio desejo-razão (do mesmo modo que os outros tipos de afetos) não depende da vontade livre, mas de afecções que fogem ao controle do indivíduo porque são modos da substância única infinita, que não tem finalidade nem providência. Em diversas obras[14][15], Espinoza diz que é nocivo (diminui nossa potência de agir e de pensar) ridicularizar ou reprovar alguém dominado pelas paixões, porque isso não depende da livre decisão da mente. O único modo do homem que se guia pela razão ajudar os outros é, nas palavras de Espinoza:

> Não rir nem chorar, mas compreender.
> – Espinoza, Tratado Político

A ética de Espinoza é a ética da alegria. Para ele, só a alegria é boa, unicamente a alegria nos leva ao amor (que ele define como a ideia de alegria associada a uma causa exterior) no cotidiano e na convivência com os outros, enquanto a tristeza sempre é má, intrinsecamente relacionada ao ódio (que ele define como a ideia de tristeza associada a uma causa exterior), a tristeza sempre é destrutiva para nós e para os outros.

4.4.4 O terceiro gênero de conhecimento - beatitude

Além dos dois gêneros citados anteriormente, Espinoza afirma ainda um terceiro, chamado beatitude. Esse conhecimento se caracteriza por compreender, nas coisas singulares, o aspecto da eternidade (*sub specie aeternitatis*). Seria algo como ver as coisas singulares como inseparáveis dos modos da substância infinita e eterna (Deus), compreendendo que as coisas singulares são elas mesmas eternas, existindo fora do tempo. Esse é um dos conceitos de Espinoza mais controversos e discutidos.[16]

4.5 A influência

Spinoza ficou considerado como maldito por muitos anos após sua morte. Quem recuperou sua reputação foi o crítico alemão Gotthold Ephraim Lessing em seus diálogos com Johann Jakob Reiskei em 1784. Na sequência, o filósofo foi citado, elogiado e inspirou pessoas como os teólogos liberais Johann Gottfried von Herder e Friedrich Schleiermacher, o poeta católico Novalis e o polímata Johann Wolfgang von Goethe.

Da combinação do pensamento de Spinoza com a epistemologia de Immanuel Kant, saíram os "panteísmos" de Johann Gottlieb Fichte, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling e de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Influenciou os conceitos de Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e Henri Bergson "vontade de viver", "vontade de poder" e "élan vital", respectivamente. Inspirou o pensador inglês Samuel Taylor Coleridge, bem como os poetas e também ingleses William Wordsworth e Shelley.

4.6 Bibliografia

4.6.1 Sobre Espinoza

- Gabriel Albiac, 1987. *La sinagoga vacía: un estudio de las fuentes marranas del espinosismo*. Madrid: Hiperión D.L. ISBN 84-7517-214-8
- Étienne Balibar, 1985. *Spinoza et la politique* ("Spinoza and politics") Paris: PUF.
- Boucher, Wayne I., 1999. Spinoza in English: A Bibliography from the Seventeenth Century to the Present. 2nd edn. Thoemmes Press.
- Boucher, Wayne I., ed., 1999. Spinoza: Eighteenth and Nineteenth-Century Discussions. 6 vols. Thommes Press.
- Damásio, António 2003. Looking for Spinoza: Joy, Sorrow, and the Feeling Brain, Harvest Books, ISBN 978-0-15-602871-4
- Gilles Deleuze, 1968. *Spinoza et le problème de l'expression*. Trans. "Expressionism in Philosophy: Spinoza".
- ———, 1970. *Spinoza - Philosophie pratique*. Transl. "Spinoza: Practical Philosophy".
- Della Rocca, Michael. 1996. *Representation and the Mind-Body Problem in Spinoza*. Oxford University Press. ISBN 0-19-509562-6
- Will Durant. 1955 *História da Filosofia* - 10a Edição
- Garrett, Don, ed., 1995. *The Cambridge Companion to Spinoza*. Cambridge Uni. Press.

- Gatens, Moira, and Lloyd, Genevieve, 1999. *Collective imaginings: Spinoza, past and present*. Routledge. ISBN 0-415-16570-9, ISBN 0-415-16571-7
- Gullan-Whur, Margaret, 1998. *Within Reason: A Life of Spinoza*. Jonathan Cape. ISBN 0-224-05046-X
- Hampshire, Stuart 1951. Spinoza and Spinozism, OUP, 2005 ISBN 978-0-19-927954-8
- Junior Pick - *Du bonheur, un voyage pholosophique* - Fayard - France ISN 978-223166136
- Lloyd, Genevieve, 1996. *Spinoza and the Ethics*. Routledge. ISBN 0-415-10781-4, ISBN 0-415-10782-2
- Kasher, Asa, and Shlomo Biderman. "Why Was Baruch de Spinoza Excommunicated?"
- Arthur O. Lovejoy, 1936. "Plenitude and Sufficient Reason in Leibniz and Spinoza" in his *The Great Chain of Being*. Harvard University Press: 144-82 (ISBN 0-674-36153-9). Reprinted in Frankfurt, H. G., ed., 1972. *Leibniz: A Collection of Critical Essays*. Anchor Books.
- Pierre Macherey, 1977. *Hegel ou Spinoza*, Maspéro (2nd ed. La Découverte, 2004).
- ———, 1994-98. *Introduction à l'Ethique de Spinoza*. Paris: PUF.
- Matheron, Alexandre, 1969. *Individu et communauté chez Spinoza*, Paris: Minuit.
- Nadler, Steven, 1999. *Spinoza: A Life*. Cambridge Uni. Press. ISBN 0-521-55210-9
- Antonio Negri, 1991. *The Savage Anomaly: The Power of Spinoza's Metaphysics and Politics*.
- ———, 2004. *Subversive Spinoza: (Un)Contemporary Variations)*.
- Michael Hardt, trans., University of Minnesota Press. Preface, in French, by Gilles Deleuze, available here.
- Pierre-Francois Moreau, 2003, *Spinoza et le spinozisme*, PUF (Presses Universitaires de France)
- Goce Smilevski: Conversation with SPINOZA. Chicago: Northwestern University Press, 2006.
- Stoltze, Ted and Warren Montag (eds.), *The New Spinoza* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- Yovel, Yirmiyahu, "Spinoza and Other Heretics", Princeton, Princeton University Press, 1989.
- Marilena Chaui, "Espinoza, uma filosofia da liberdade", São Paulo, Moderna, 1995.
- Marilena Chaui, "A Nervura do real. Imanência e liberdade em Espinoza", São Paulo, Cia. das Letras, 1999.
- Marilena Chaui, "Política em Espinoza", São Paulo, Cia. das Letras, 2003.

4.6.2 Traduções

Para o português

- *Tratado Político*. Tradução, introdução e notas: Diogo Pires. Revisão da tradução de Homero Santiago. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. ISBN 978-85-7827-141-1.
- *Tratado Teológico-político*. Organização J. Guinsburg, Newton Cunha, Roberto Romano. Tradução J. Guinsburg, Newton Cunha. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- Victor Civita. Editor. *Os Pensadores: Espinoza*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 3a edição.

  Inclui as seguintes obras: *Pensamentos Metafísicos*, *Tratado da Correção do Intelecto*, *Ética*, *Tratado Político*, *Correspondência*. Inclui também "Espinoza: Vida e Obra", de Marilena de Souza Chauí.

Para o francês

- Spinoza. *Oeuvres III: Éthique*. Paris: GF-Flammarion, 1965. Tradução Charles Appuhn.

4.6.3 Estudos introdutórios

Sobre a filosofia de Spinoza

- Stuart Hampshire. 1951. London: Penguin Books, 1953, reimpressão.

Sobre a *Ética*

- Charles Appuhn. "Notice sur l'Éthique". Em: Spinoza, *Oeuvres III: Éthique*. Paris: GF-Flammarion, 1965.

4.6.4 Tópicos spinozanos

Subjetividade, intersubjetividade e individualidade

- Martial Gueroult. 1974. *Spinoza II: L'Âme*. Millau: Aubier, 2001.

- Alexandre Matheron. 1969. *Individu et Communauté chez Spinoza*. Paris: Les Editions de Minuit, 1988, V+647 páginas.

  Nova edição da obra original à qual foi acrescida uma advertência na qual o autor diz que nada modifica no texto e remete aos seus outros trabalhos para maiores desenvolvimentos dos estudos spinozanos presentes no livro.

- Alexandre Matheron. 1986. *Anthropologie et Politique au 17^{e} siècle*. Vrin.

Liberdade

- Robert Sleigh Jr., Vere Chappell e Michael Della Rocca. "Determinism and human freedom." Em Daniel Garber e Michael Ayers, editores, The Cambridge history of seventeenth-century philosophy, volume II, capítulo 33. Cambridge, New York e Melbourne: Cambridge University Press, 1998.

  O trecho sobre liberdade em Spinosa vai da página 1226 à página 1236.

Sabedoria

- Alexandre Matheron. 1971. *Le Christ et le Salut des Ignorants chez Spinoza*. Aubier-Montaigne.

4.7 Ver também

- Sinagoga Portuguesa de Amsterdão
- Beth Haim

4.8 Referências

[1] A forma **Espinosa** também é utilizada.

[2] Fréderic Lenoir- Du bonheur, un voyage pholosophique, p 117/118

[3] Baruch Espinoza (em inglês) no Find a Grave

[4] A Linguagem de Espinos Publicações USP

[5] Obras de Espinoza Projeto Gutenberg

[6] Gilles Deleuze, *Espinoza, Filosofia Prática*

[7] ESPINOZA, Baruch de. *Tratado Teológico-político*. Organização J. Guinsburg, Newton Cunha, Roberto Romano. Tradução J. Guinsburg, Newton Cunha. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. Pg. 280.

[8] ESPINOZA, Baruch de. *Tratado Teológico-político*. Organização J. Guinsburg, Newton Cunha, Roberto Romano. Tradução J. Guinsburg, Newton Cunha. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. Pg. 283.

[9] ESPINOZA, Baruch de. *Tratado Político*. Tradução, introdução e notas: Diogo Pires. Revisão da tradução de Homero Santiago. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. ISBN 978-85-7827-141-1. Pgs. 7-8.

[10] ESPINOZA, Baruch de. *Tratado Político*. Tradução, introdução e notas: Diogo Pires. Revisão da tradução de Homero Santiago. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. ISBN 978-85-7827-141-1. Pg. 13.

[11] ESPINOZA, Baruch de. *Tratado Político*. Tradução, introdução e notas: Diogo Pires. Revisão da tradução de Homero Santiago. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. ISBN 978-85-7827-141-1. Pg XXIII-XXIV.

[12] ESPINOZA, Baruch de. *Tratado Político*. Tradução, introdução e notas: Diogo Pires. Revisão da tradução de Homero Santiago. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. ISBN 978-85-7827-141-1. Pg. 20.

[13] A Imortalidade de Espinoza EuroNet

[14] Tratado Político

[15] Ética

[16] YOVEL, Y. *Espinosa e Outros Hereges*.

4.9 Ligações externas

- Espinoza, o herói da liberdade intelectual
- A Linguagem na Filosofia de Espinosa: à guisa de introdução - Revista Discurso. Ano I, nº 2, 1971. (em português), por Marilena Chaui.
- *Cadernos Espinosanos*.FFLCH-USP (em português). Ensaios sobre Espinosa e autores do século XVII. Disponível para *download*.
- *Spinoza e a Filosofia* (em português). Círculo de leitura do Rio de Janeiro.
- Museu *Casa de Espinoza* (em neerlandês)
- *Substância, liberdade e existência - impasses metafisicos em Spinoza*, por Fabio Caprio Leite de Castro. Revista *Sens Public*.
- Refutation of Spinoza by Leibniz Versão integral no Google Books
- Versão simplificada da *Ética demonstrada à maneira dos geômetras* e do *Tratado Teológico-político* (em inglês).
- HyperSpinoza (em francês)

- EthicaDB Hypertextual and multilingual publication of Ethics
- Spinoza and Spinozism - BDSweb
- *A Theologico-Political Treatise; Ethics; Political Treatise; In the Improvement of the Understanding* (em inglês)
- Internet Encyclopedia of Philosophy - Spinoza
- Immortality in Spinoza
- Entrevista com Rebecca Goldstein, autora de "Betraying Spinoza: The Renegade Jew Who Gave Us Modernity" (em inglês) *California Literary Review*
- Spinoza Mind of the Modern. (em inglês) *Audio da Radio Opensource*
- *Stanford Encyclopedia of Philosophy*:
  - Spinoza (em inglês)
  - Spinoza's Psychological Theory (em inglês)
- Obras de Baruch Spinoza no Projeto Gutenberg (em inglês)

Capítulo 5

Immanuel Kant

Immanuel Kant (Königsberg, 22 de abril de 1724 — Königsberg, 12 de fevereiro de 1804) foi um filósofo prussiano. Amplamente considerado como o principal filósofo da era moderna, Kant operou, na epistemologia, uma síntese entre o racionalismo continental (de René Descartes e Gottfried Wilhelm Leibniz, onde impera a forma de raciocínio dedutivo), e a tradição empírica inglesa (de David Hume, John Locke, ou George Berkeley, que valoriza a indução).

Nascido de uma modesta família de artesãos, depois de um longo período como professor secundário de geografia, Kant veio a estudar filosofia, física e matemática na Universidade de Königsberg e em 1755 começou a lecionar ensinando Ciências Naturais. Em 1770 foi nomeado professor catedrático da Universidade de Königsberg, cidade da qual nunca saiu, levando uma vida monotonamente pontual e só dedicada aos estudos filosóficos. Realizou numerosos trabalhos sobre ciências naturais e exatas.

Kant é famoso sobretudo pela elaboração do denominado idealismo transcendental: todos nós trazemos formas e conceitos *a priori* (aqueles que não vêm da experiência) para a experiência concreta do mundo, os quais seriam de outra forma impossíveis de determinar. A filosofia da natureza e da natureza humana de Kant é historicamente uma das mais determinantes fontes do relativismo conceptual que dominou a vida intelectual do século XX.

Kant é também conhecido pela filosofia moral e pela proposta, a primeira moderna, de uma teoria da formação do Sistema Solar, conhecida como a hipótese Kant-Laplace.

Túmulo de Immanuel Kant em Kaliningrado (antiga Königsberg)

5.1 Biografia

Kant nasceu, viveu e morreu em Königsberg (atual Kaliningrado), na altura pertencente ao Reino da Prússia. Foi o quarto dos nove filhos de Johann Georg Kant, um artesão fabricante de correias (componente das carroças de então) e da mulher Regina. Nascido numa família protestante (luterana), teve uma educação austera numa escola pietista, que frequentou graças à intervenção de um pastor. Contudo, tornou-se muito cético relativamente à religião organizada na sua vida adulta embora preservasse a crença em Deus.

Passou grande parte da adolescência como estudante, sólido mas não espetacular, preferindo o bilhar ao estudo. Tinha a convicção curiosa de que uma pessoa não podia ter uma direcção firme na vida enquanto não atingisse os 39 anos. Com essa idade, era apenas um metafísico menor numa universidade prussiana, mas foi então que uma breve crise existencial o assomou. Pode argumentar-se que teve influência na posterior direcção.

Foi um competente professor universitário durante quase toda a vida, mas nada do que fez antes dos 50 anos lhe garantiria qualquer reputação histórica. Viveu uma vida extremamente regulada: o passeio que fazia às 15:30 todas as tardes era tão pontual que as mulheres domésticas das redondezas podiam acertar os relógios por ele.

Kant nunca deixou a Prússia e raramente saiu da cidade

natal. Apesar da reputação que ganhou, era considerado uma pessoa muito sociável: recebia convidados para jantar com regularidade, insistindo que a companhia era boa para a constituição física.

Por volta de 1770, com 46 anos, Kant leu a obra do filósofo escocês David Hume. Hume é por muitos considerados um empirista ou um cético, muitos autores o consideram um naturalista.

Kant sentiu-se profundamente inquietado. Achava o argumento de Hume irrefutável, mas as conclusões inaceitáveis. Durante dez anos não publicou nada e, então, em 1781 publicou a Crítica da Razão Pura, um dos livros mais importantes e influentes da moderna filosofia.

Neste livro, ele desenvolveu a noção de um argumento transcendental para mostrar que, em suma, apesar de não podermos saber necessariamente verdades sobre o mundo "como ele é em si", estamos forçados a percepcionar e a pensar acerca do mundo de certas formas: podemos saber com certeza um grande número de coisas sobre "o mundo como ele nos aparece". Por exemplo, que cada evento estará causalmente conectado com outros, que aparições no espaço e no tempo obedecem a leis da geometria, da aritmética, da física, etc.

Nos cerca de vinte anos seguintes, até a morte em 1804, a produção de Kant foi incessante. O seu edifício da filosofia crítica foi completado com a Crítica da Razão Prática, que lidava com a moralidade de forma similar ao modo como a primeira crítica lidava com o conhecimento; e a Crítica do Julgamento, que lidava com os vários usos dos nossos poderes mentais, que não conferem conhecimento factual e nem nos obrigam a agir: o julgamento estético (do Belo e Sublime) e julgamento teleológico (Construção de Coisas Como Tendo "Fins"). Como Kant os entendeu, o julgamento estético e teleológico conectam os nossos julgamentos morais e empíricos um ao outro, unificando o seu sistema.

Uma das obras, em particular, atinge hoje em dia grande destaque entre os estudiosos da filosofia moral. "A Fundamentação da Metafísica dos Costumes" é considerada por muitos filósofos a mais importante obra já escrita sobre a moral. É nesta obra que o filósofo delimita as funções da ação moralmente fundamentada e apresenta conceitos como o Imperativo categórico e a Boa vontade.

Os trabalhos de Kant são a sustentação e ponto de início da moderna filosofia alemã; como diz Georg Wilhelm Friedrich Hegel, frutificou com força e riqueza só comparáveis à do socratismo na história da filosofia grega. Johann Gottlieb Fichte, Hegel, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, Arthur Schopenhauer, para indicar apenas os maiores, inscrevem-se na linhagem desse pensamento que representa uma etapa decisiva na história da filosofia e está longe de ter esgotado a sua fecundidade.[1]

Kant escreveu alguns ensaios medianamente populares sobre história, política e a aplicação da filosofia à vida. Quando morreu, estava a trabalhar numa projetada "quarta crítica", por ter chegado à conclusão de que seu sistema estava incompleto; este manuscrito foi então publicado como *Opus Postumum*. Morreu em 12 de fevereiro de 1804 na mesma cidade em que nasceu e permaneceu durante toda sua vida. Encontra-se sepultado no Cemitério do Caliningrado, Caliningrado, Oblast de Kaliningrado na Rússia.[2]

5.2 Filosofia, o "Criticismo"

Heróis da Paz
Kant esculpido em estátua equestre

O "criticismo" kantiano [3] parte na confluência do racionalismo, do empirismo inglês (David Hume) e a ciência física-matemática de Isaac Newton. Seu caminho histórico está assinalado pelo governo de Frederico II, a independência americana e a Revolução Francesa.

As questões de partida do kantismo são o problema do conhecimento, e a ciência, tal como existe. A ciência se arranja de juízos que podem ser analíticos e sintéticos. Nos primeiros (o quadrado tem quatro lados e quatro ângulos internos), fundados no princípio de identidade, o predicado aponta um atributo contido no sujeito. Tais juízos independem da experiência, são universais e necessários. Os sintéticos, a posteriori resultam da experiência e sobrepõem ao sujeito no predicado um atributo que nele não se acha previamente contido (o calor dilata os corpos), sendo, por isso, privados e incertos.

Uma indagação iminente que o levara à sintetização do pensar: Que juízos constituem a ciência físico matemática? Caso fossem analíticos, a ciência sempre diria o mesmo (e não é assim), e, se fossem sintéticos um hábito sem fundamento (o calor dilata os corpos porque costuma dilatá-los). Os juízos da ciência devem ser, ao mesmo tempo, a priori, quer dizer, universais e necessários, e sintéticos objetivos, fundados na experiência. Trata-se pois, de saber como são possíveis os juízos sintéticos a priori na matemática e na física ("Estética transcendental" e "Analítica transcendental"), e se são possíveis na

metafísica (“Dialética transcendental”, partes da Crítica da razão pura).

Para os juízos sintéticos a priori são admissíveis na matemática porque essa ciência se fundamenta no espaço e no tempo, formas a priori da sensibilidade, intuições puras e não conceitos de coisas como objetos. O espaço é a priori, não deriva da experiência, mas é sua condição de possibilidade. Podemos pensar o espaço sem coisas, mas não coisa sem espaço. O espaço é o objeto de intuição e não conceito, pois não podemos ter intuição do objeto de um conceito (pedra, carro, cavalo, etc.), gênero ou espécie. Ora, o espaço não é nem uma coisa nem outra, e só há um espaço (o nada, referindo ao espaço).

Na apresentação transcendental do espaço, Kant determina as condições subjetivas ou transcendentais da objetividade. Se o conhecimento é relação, ou relacionamento (do sujeito com o objeto), não, pode conhecer as coisas “em si”, mas “para nós”.

A geometria pura, quando aplicada, coincide totalmente com a experiência, porque o espaço é a forma a priori da sensibilidade externa. O tempo é, também, a priori. Podemos concebê-lo sem acontecimentos, internos ou externos, mas não podemos conceber os acontecimentos fora do tempo. Objeto de intuição, não pode ser conceito. Forma vazia, intuição pura, torna possíveis por exemplo os juízos sintéticos a priori na aritmética, cujas operações (soma, subtração, etc.), ocorrendo sucessivamente, o pressupõem. O tempo é, pois, a forma a priori da sensibilidade interna e externa.

Esse privilégio explica a compenetração da geometria e da aritmética. A geometria analítica (Descartes) permite reduzir as figuras a equações e vice-versa. O cálculo infinitesimal (Leibniz) arremata essa compenetração definindo a lei de desenvolvimento de um ponto em qualquer direção do espaço. A matemática é pois, um conjunto de leis a priori, que coincidem com a experiência e a tornam cognoscível.

As condições de possibilidade do conhecimento sensível são, portanto, as formas a priori da sensibilidade. Não existe a “coisa em si”. Se existisse não se poderia a conhecer enquanto tal, e nada se poderia dizer a seu respeito. Só é possível conhecer coisas extensas no espaço e sucessivas no tempo, enquanto se manifestam, ou aparecem, ou seja, fenômenos.

Na “analítica transcendental”, Kant analisa a possibilidade dos juízos sintéticos a priori na física. Compreendemos que a natureza é regida por leis matemáticas que ordenam com rigor o comportamento das coisas (o que permite ciências como engenharia, etc., serem possíveis o determinismo com certa regularidade). Não há como saber das coisas com apenas percepções sensíveis, impressões. Há um conhecimento a priori da natureza. A função principal dos juízos da natureza. Ora, a função principal dos juízos é pôr, colocar a realidade e, em seguida, determiná-la. As diversas formas do juízo deverão, portanto, conter as diversas formas da realidade.

Essa formas estão estudadas desde Aristóteles, que as classifica de acordo com a quantidade, a qualidade, a relação e a modalidade. Na “Dedução transcendental” das categorias, Kant volta a classificação aristotélica, dando-lhe novo sentido. Assim, à quantidade, correspondem a unidade, a pluralidade e a totalidade; à qualidade, a essência, a negação e a limitação; à relação, a substância, a causalidade e a ação recíproca; à modalidade, a possibilidade, a existência e a necessidade.

Tais categorias são as condições de possibilidade dos juízos sintéticos a priori em física. As condições do conhecimento são, enfim, como se acabe de ver, as condições prévias da objetividade. A ciência da natureza postula a existência de objetos, sua consistência e as relações de causa e efeito. Se as categorias universais, particulares e contingentes, devem proceder de nós mesmos, de nosso entendimento.

Em tal descoberta consiste a “inversão copernicana", realizada por Kant. Não é o objeto que determina o sujeito, mas o sujeito que determina o objeto. As categorias são conceitos, todavia, puros, a priori, anteriores à experiência e que, por isso, a tornam possível. Em suma, o objeto só se torna cognoscível na medida em que o sujeito que determina o objeto. Em suma, o objeto só se torna cognoscível na medida em que o sujeito cognoscente o reveste das condições de cognoscibilidade.[4]

Na “dialética transcendental”, finalmente Kant examina a possibilidade dos juízos sintéticos a priori na metafísica. A “coisa em si” (alma, Deus, essência do cosmos, etc.), não nos é dada em experiência alguma. Ora, como chega a razão a formar esses objetos? Sintetizando além da experiência, fazendo a síntese das sínteses, porque aspira ao infinito, ao incondicionado, ao absoluto. Nas célebres, “antinomias”, Kant mostra que a razão pura demonstra, “indiferentemente”, a finitude e a infinitude do universo, a liberdade e o determinismo, a existência e a inexistência de Deus. Ultrapassando os limites da experiência, aplica arbitrariamente as categorias e pretende conhecer o incognoscível. A metafísica é impossível como ciência, pois não se pode chegar mais, além disso.

5.3 A menoridade humana

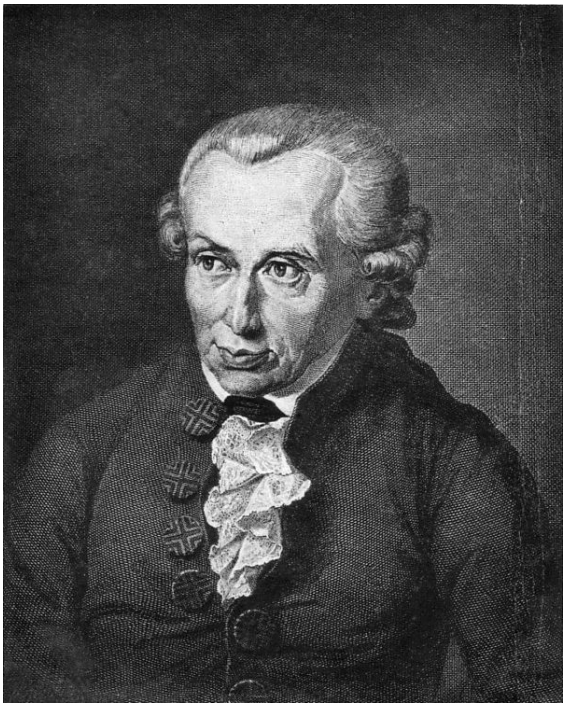
Kant define a palavra esclarecimento como a saída do homem de sua menoridade. Segundo esse pensador, o homem é responsável por sua saída da menoridade. Kant define essa menoridade como a incapacidade do homem de fazer uso do seu próprio entendimento autonomamente, ou seja, sem a tutela de uma razão alheia.

A permanência do homem na menoridade se deve ao fato de ele não ousar pensar. A covardia e a preguiça são as causas que levam os homens a permanecerem na menoridade. Um outro motivo é o comodismo. É bastante cômodo permanecer na área de conforto. É cômodo que existam pessoas e objetos que pensem e façam tudo e to-

mem decisões em nosso lugar. É mais fácil que alguém o faça, do que fazer determinado esforço, pois já existem outros que podem fazer por mim. Os homens quando permanecem na menoridade, são incapazes de fazer uso das próprias pernas, são incapazes de tomar suas próprias decisões e fazer suas próprias escolhas.

Em seu texto “O que é o Iluminismo?", Kant sintetiza seu otimismo iluminista [5] em relação à possibilidade de o homem seguir por sua própria razão, sem deixar enganar pelas crenças, tradições e opiniões alheias. Nele, descreve o processo de ilustração como sendo “a saída do homem de sua menoridade”, ou seja, um momento em que o ser humano, como uma criança que cresce e amadurece, se torna consciente da força e inteligência para fundamentar, sob o conhecimento à priori, a sua própria maneira de agir, sem a doutrina ou tutela de outrem.

Kant afirma que é difícil para o homem sozinho livrar-se dessa menoridade, pois ela se apossou dele como uma segunda natureza. Aquele que tentar sozinho terá inúmeros impedimentos, pois seus tutores sempre tentarão impedir que ele experimente tal liberdade. Para Kant, são poucos aqueles que conseguem pelo exercício do próprio espírito libertar-se da menoridade.



Immanuel Kant
Por J. L. Raab, baseado em pintura de Döbler

5.4 Juízos

5.4.1 Juízo analítico

É formado quando o predicado repete o conteúdo formal do sujeito, desenvolvendo-o. Thonnard dá o exemplo da frase ”o corpo é uma substância extensa”, que representa uma tautologia e é incapaz de fazer progredir a ciência, pois não é um juízo científico, mas analítico. A frase mencionada, para Kant não passa de um princípio de contradição, que é apenas a regra negativa dos juízos. A conclusão à que chegamos é que todo o juízo implicando contradição é errôneo, mas a ausência de contradição não basta para que um juízo seja verdadeiro ou científico, porque, segundo Thonnard, o puro conceito, mesmo analisado, não contém verdade alguma.

5.4.2 Juízo sintético

É formado quando o predicado é estranho ao conteúdo formal do sujeito e lhe é atribuído por uma razão diferente da análise desse conteúdo. A frase ” todo ser é inteligível” é um juízo sintético, pois a inteligibilidade é um fato especial da inteligência, que não é necessariamente exigida pela noção de ser. O juízo sintético é àquele que vai enriquecer e avançar a ciência.

5.4.3 Juízo estético

O juízo estético é abordado no livro “Crítica da Faculdade do Juízo”. De acordo com Kant para se ter uma investigação crítica a respeito do belo, devemos estar orientados pelo poder de julgar. E a indagação básica que move essa investigação crítica a respeito do belo é: existe algum valor universal que conceitue o belo e que reivindique que outras pessoas, a partir da minha apreciação de uma forma bela da natureza ou da arte, confirmem essa posição? Ou então somos obrigados a admitir que todo objeto que julgamos como sendo belo é uma valoração subjetiva?

O poder de julgar, pertencendo a todo sujeito, é universal e congraça o julgamento estético, especulativo e prático. Portanto a investigação crítica que Kant se refere diz respeito às possibilidades e limitações das faculdades subjetivas que agem sob princípios formulados e que pertencem à essência do pensamento.

Como podemos desnudar o fenômeno que explica o nosso gosto? Se fizermos uma experiência com vários indivíduos e o defrontarmos com um objeto de arte, observaremos que as impressões causadas serão as mais diversas. Então chegaremos à conclusão de que a observação atenta e valorativa daquele objeto, somada as diferentes opiniões que foram apresentadas pelos indivíduos, nos dá respaldo para afirmar que o gosto tem que ser discutido. Para Kant apenas sobre gosto se discute, ao passo que, representa uma reivindicação para tornar universal um juízo subjetivo.

A universalidade do juízo estético é detectada por envolver um exercício persuasivo de convencimento de outro sujeito que aquela determinada forma da natureza ou da arte é bela. E, dessa forma, torna aquele valor universal. Os sujeitos têm em comum um princípio de avaliação moral livre que determina a avaliação estética e, portanto, julga o belo como universal.

O juízo estético está relacionado ao prazer ou desprazer que o objeto analisado nos imprime e, como se refere Kant, o belo "é o que agrada universalmente, sem relação com qualquer conceito". Essa situação fica bem evidente quando visitamos um museu. Digamos que essa experiência fosse realizada no Museu do Louvre, em Paris, com o quadro Monalisa. Se nos colocarmos como observador, perceberemos que os mais diversos comentários serão tecidos a cerca dessa obra tão famosa.

Detendo-nos na análise dos comentários favoráveis notaremos que, ratificando Kant, o belo não está arraigado em nenhum conceito. Pois, dos vários indivíduos que vão apreciar a obra de Leonardo da Vinci, encontraremos desde pessoas especializadas em arte até leigos, como eu ou você, que vão empregar cada qual um conceito, de acordo com a percepção, após a contemplação da Monalisa. Então isso comprova que não existe uma definição exata a cerca do belo, mas sim um sentimento que é universal e necessário.

Em sua "Crítica da Faculdade do Juízo", Kant também discorre sobre o Juízo Reflexionante, no tocante à observação da natureza. Kant reconhece que, nas ciências baseadas na observação empírica, existem diversas leis, padrões e comportamentos regulares que não são determinados analiticamente a partir das leis a priori do entendimento. Para garantir a necessidade dessas leis empíricas, ele lança mão do juízo reflexionante, o qual, "comparável à indução científica, [...] procede da diversidade particular das leis a um princípio unificador transcendental" [6]. Esse ideal de organização sistemática nos encaminha a considerar a existência de um propósito maior, que possibilite uma experiência unificada para o entendimento da natureza [7]. Tal raciocínio leva esse filósofo a reconhecer a necessidade de uma ideia de finalidade que englobe toda a natureza enquanto tal (e que, no caso tratado, seria também responsável pela harmonia observável no mundo natural).[6]

Note-se que a referida ideia de finalidade atribuída ao mundo natural é apenas um princípio regulador, sem meios de ser comprovada a priori por nosso aparato cognitivo, mas a qual precisamos adotar para resolver nossas questões práticas de conhecimento [8]. Devemos estar sempre conscientes de que se trata de uma pressuposição, mas não de imputação como tal. Em vez de afirmar que existe realmente essa finalidade, afirmaríamos que tudo se passa como se a mesma existisse.[6]

É nesses termos que se torna coerente a tese de que nunca poderia haver um "Newton dos Talos de Grama", pois a Física, definida com base em conceitos puros do entendimento a priori, estaria em um grau de certeza superior aos conhecimentos que necessitam da suposição de um princípio regulador teleológico (visto ser necessário supor que a grama tem como finalidade o seu próprio crescimento).[8]

O juízo teleológico terá uma importância primordial na obra kantiana, visto que somente a partir dele será possível intermediar a causalidade natural com a finalidade moral. Enfim, o juízo teleológico conseguirá transitar da ideia de uma harmonia interna ao sujeito transcendental (das faculdades mentais subjetivas, que é a pressuposição para o juízo estético), para uma harmonia que resida na própria natureza.[8] E para falar de uma finalidade em um objeto da natureza, é preciso que esse objeto seja causa final de si mesmo, de maneira que o "nexo das partes seja tal que cada parte pareça determinada pelo todo; e o todo, por seu turno, não seja possível senão pelas partes".[6] Os principais exemplos dos objetos em questão serão os seres orgânicos, os quais se organizam a si mesmos e, no contexto mais amplo, formam uma harmonia maior: o ambiente natural.

Consequencialmente, Kant define dois métodos para se investigar a natureza. Primeiro, o conhecimento discursivo fundado nas causas eficientes e, portanto, no determinismo causal, cujo exemplo é a física; e, em segundo lugar, de um entendimento intuitivo, que inicia por supor finalidades em um ser vivo, ou mesmo na natureza enquanto todo orgânico para, em seguida, investigar suas partes.[8]

O juízo teleológico que, como vimos, está ancorado no juízo reflexionante, é imprescindível para o estudo concernente aos fenômenos vitais. Embora não possamos aplicá-lo com o rigor de uma causa eficiente, conforme se faz na física, o juízo em foco deve ser um fio condutor para o cientista da natureza, para que ele compreenda os seres vivos e o ambiente natural.[8]

5.4.4 A paz perpétua

A paz perpétua trata que o direito cosmopolítico deve circunscrever-se às condições de uma hospitalidade universal. Dessa forma, Kant traz no terceiro artigo definitivo de um tratado de paz perpétua, o fato de que existe um direito cosmopolitano relacionado com os diferentes modos do conflito dos indivíduos intervirem nas relações com outros indivíduos. A pessoa que está em seu território, no seu domínio, pode repelir o visitante se este interfere em seu domínio.

No entanto, caso o visitante mantenha-se pacífico, não seria possível hostilizá-lo. Também, não se trata de um direito que obrigatoriamente o visitante poderia exigir daquele que o tem assim, mas sim, de um direito que persiste em todos os homens, o do direito de apresentar-se na sociedade.

O direito de cada um na superfície terrestre pode ser limi-

tada no sentido da superfície. Já o indivíduo deve tolerar a presença do outro, sem interferir nele, visto que tal direito persiste a toda espécie humana. Então, o direito da posse comunitária da superfície terrestre pertence a todos aqueles que gozam da condição humana, existindo uma tolerância de todos a fim de que se alcance uma convivência plena.

Veja que o ato de hostilidade está presente no ato do direito de hospitalidade. Mesmo que o espaço seja limitado, os indivíduos devem se comportar pacificamente com o intuito de se alcançar a paz de convívio mútuo. O relacionamento entre as pessoas está na construção dos direitos de cada um, sendo indispensável para a compreensão do direito cosmopolítico de modo a garantir as condições necessárias para termos uma hospitalidade universal.

Por fim, a não violação do direito cosmopolitano e o direito público da humanidade criará condições para o favorecimento da paz perpétua, proporcionando a esperança de uma possível aproximação do estado pacífico.

5.4.5 Crítica e sistema

Apesar de ter adaptado a ideia de uma filosofia crítica, cujo objectivo primário era "criticar" as limitações das nossas capacidades intelectuais, Kant foi um dos grandes construtores de sistemas, levando a cabo a ideia de crítica nos seus estudos da metafísica, ética e estética.

Uma citação famosa - "o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim" - é um resumo dos seus esforços: ele pretendia explicar, numa teoria sistemática, aquelas duas áreas. Isaac Newton tinha desenvolvido a teoria da física sob a qual Kant queria edificar a filosofia. Esta teoria envolvia a assunção de forças naturais de que os homens não se apercebem, mas que são usadas para explicar o movimento de corpos físicos.

O seu interesse na ciência também o levou a propor em 1755 que o sistema solar fora criado a partir de uma nuvem de gás na qual os objectos se condensaram devido à gravidade. Esta Hipótese Nebular é amplamente reconhecida como a primeira teoria moderna da formação do sistema solar e é precursora das actuais teorias da formação estelar.

5.4.6 Metafísica e epistemologia de Kant

O livro mais lido e mais influente de Kant é a Crítica da Razão Pura (1781). De acordo com o próprio autor, a obra, também conhecida como "primeira crítica", é resultado da leitura de David Hume e do seu despertar do "sono dogmático", a saber: Kant se perguntou como são possíveis juízos sintéticos *a priori*? Para responder a essa pergunta, Kant escreveu esse livro portentoso, de mais de 800 páginas.

Na primeira crítica, Kant vai mostrar que tempo e espaço

Critik
der
reinen Vernunft
von
Immanuel Kant
Professor in Königsberg.
Riga,
verlegts Johann Friedrich Hartknoch
1781.

Capa da obra Crítica da Razão Pura, 1781

são formas fundamentais de percepção (formas da sensibilidade) que existem como ferramentas da mente, mas que só podem ser usadas na experiência.

Tente imaginar alguma coisa que existe fora do tempo e que não tem extensão no espaço.[4] A mente humana não pode produzir tal ideia. Nada pode ser percebido excepto através destas formas, e os limites da física são os limites da estrutura fundamental da mente. Assim, já vemos que não podemos conhecer fora do espaço e do tempo.

Mas além das formas da sensibilidade, Kant vai nos dizer que há também o entendimento, que seria uma faculdade da razão. O entendimento nos fornece as categorias com as quais podemos operar as sínteses do diverso da experiência.

Assim, como são possíveis juízos sintéticos *a priori*? São possíveis porque há uma faculdade da razão - o entendimento - que nos fornece categorias *a priori* - como causa e efeito - que nos permitem emitir juízos sobre o mundo.

Contudo, diz Kant, as categorias são próprias do conhecimento da experiência. Elas não podem ser empregadas fora do campo da experiência. Daí porque, na filosofia crítica de Kant, não nos é possível conhecer "a coisa em si", ou aquilo que não está no campo fenomenológico da experiência.

Na perspectiva de Kant, há, por isso, o conhecimento *a*

priori de algumas coisas, uma vez que a mente tem que ter estas categorias, de forma a poder compreender a massa sussurrante de experiência crua, não-interpretada que se apresenta às nossas consciências. Em segundo lugar, ela remove o mundo real (a que Kant chamou o mundo numenal ou númeno) da arena da percepção humana.

Kant denominou a filosofia crítica de "idealismo transcendental". Apesar da interpretação exacta desta frase ser contenciosa, uma maneira de a compreender é através da comparação de Kant, no segundo prefácio à "Crítica da Razão Pura", da filosofia crítica com a revolução copernicana na astronomia.

Tal como Nicolau Copérnico revolucionou a astronomia ao mudar o ponto de vista, a filosofia crítica de Kant pergunta quais as condições *a priori* para que o nosso conhecimento do mundo se possa concretizar.

O idealismo transcendental descreve este método de procurar as condições da possibilidade do nosso conhecimento do mundo. Mas esse idealismo transcendental de Kant deverá ser distinguido de sistemas idealistas, como os de Berkeley. Enquanto Kant acha que os fenómenos dependem das condições da sensibilidade, espaço e tempo, esta tese não é equivalente à dependência-mental no sentido do idealismo de Berkeley.

Para Berkeley, uma coisa é um objecto apenas se puder ser percepcionada. Para Kant, a percepção não é o critério da existência dos objectos. Antes, as condições de sensibilidade - espaço e tempo - oferecem as "condições epistémicas", para usar a frase de Henry Allison, requeridas para que conheçamos objectos no mundo dos fenómenos. Kant tinha querido discutir os sistemas metafísicos mas descobriu "o escândalo da filosofia": não se pode definir os termos correctos para um sistema metafísico até que se defina o campo, e não se pode definir o campo até que se tenha definido o limite do campo da física - física, no sentido de discussão do mundo perceptível.

Kant afirma, em síntese, que não somos capazes de conhecer inteiramente os objetos reais visto que o nosso conhecimento sobre os objetos reais é apenas fruto do que somos capazes de pensar sobre eles.

5.4.7 Filosofia moral

Immanuel Kant desenvolveu a filosofia moral em três obras: "Fundamentação da Metafísica dos Costumes" (1785), 'Crítica da Razão Prática" (1788) e "Crítica do Julgamento" (1790).

Nesta área, Kant é provavelmente mais bem conhecido pela teoria sobre uma obrigação moral única e geral, que explica todas as outras obrigações morais que temos: o imperativo categórico.

O imperativo categórico, em termos gerais, é uma obrigação incondicional, ou uma obrigação que temos independentemente da nossa vontade ou desejos (em contraste com o imperativo hipotético).

As nossas obrigações morais podem ser resultantes do imperativo categórico. O imperativo categórico pode ser formulado em três formas, que ele acreditava serem mais ou menos equivalentes (apesar de opinião contrária de muitos comentadores):

§ A primeira formulação (a fórmula da lei universal) diz: "Age somente em concordância com aquela máxima através da qual tu possas ao mesmo tempo querer que ela venha a se tornar uma lei universal".

§ A segunda fórmula (a fórmula da humanidade) diz: "Age por forma a que uses a humanidade, quer na tua pessoa como de qualquer outra, sempre ao mesmo tempo como fim, nunca meramente como meio".

§ A terceira fórmula (a fórmula da autonomia) é uma síntese das duas prévias. Diz que deveremos agir por forma a que possamos pensar de nós próprios como leis universais legislativas através das nossas máximas. Podemos pensar em nós como tais legisladores autônomos apenas se seguirmos as nossas próprias leis..

5.4.8 A geografia em Kant

Além de seu trabalho filosófico, Kant também foi professor de física, antropologia, geografia, lógica, metafísica e outras disciplinas. A contribuição de Kant à geografia deu-se tanto por seu trabalho como professor geógrafo, quanto também por suas reflexões sobre o papel da geografia no estudo dos fenômenos naturais, dentro de seu sistema filosófico sobre o conhecimento humano.

O curso de Geografia Física, ministrado por Kant, era ofertado no período inicial dos cursos universitários e tinha como proposta apresentar aos alunos um "sumário da natureza", ou seja, um quadro geral do saber humano mostrando ser possível conhecer o mundo de uma maneira integrada e sistemática. Esse quadro geral, além de propiciar ao aluno uma base de conhecimentos empíricos, necessários para os raciocínios e pesquisas científicos posteriores de seu curso, também consistiria em um primeiro contato com o que seria uma propedêutica do conhecimento científico do mundo.[10]

Kant nunca publicou um livro específico sobre o seu curso de geografia. Porém, ao fim de sua vida, permitiu que um antigo aluno publicasse uma obra contendo as notas de sua disciplina. Essa publicação autorizada condensa muito do conhecimento geográfico existente na época de Kant e torna-se um dos livros referenciais na história do pensamento geográfico.[11]

Kant identificava a geografia em cinco partes, a saber: Geografia Matemática (forma, dimensão, e movimento da Terra), Geografia Moral (os costumes e o caráter do homem em relação ao meio ambiente), Política, Mercantil (comercial), e Teológica (a distribuição das religiões).[12]

Em sua obra filosófica, cumpre destacar duas grandes contribuições à geografia: a classificação da geografia como ciência dentro do esquema do conhecimento humano e as obras kantianas que tratam sobre o tema da observação e do estudo dos fenômenos naturais. [13]

Kant nos apresenta duas definições da geografia. Na primeira, nos define a geografia como a ciência da diferenciação da crosta terrestre. Na segunda, seria a ciência responsável pela descrição das coisas em termos de espaço [12]. Essa segunda definição será de grande relevância para classificação científica da geografia dentro do sistema kantiano, devido à importância da intuição de espaço na teoria do conhecimento de sua obra "Crítica da Razão Pura". Enquanto a história seria a responsável pela descrição temporal dos fenômenos, cabe à geografia a descrição dos dados em sua organização espacial [14]. Essa organização confere um status de especificidade ao método geográfico (descrição espacial), que lhe assegura um lugar no rol das ciências.

Kant também classificou as ciências quanto ao seu objeto, dividindo-as em ciências específicas (de um só objeto) e ciências de síntese, sendo que estas últimas seriam responsáveis por aglutinar e integrar os conhecimentos das demais ciências. À geografia cabe o título de ciência de síntese dos fenômenos naturais [10], enquanto à antropologia cabe o de síntese dos conhecimentos sobre a estrutura humana. Nesse tocante, cabe ressaltar que os fenômenos naturais, objeto da geografia, abarcavam todos os fenômenos perceptíveis, inclusive a observação da sociedade humana sobre o espaço [15].

5.5 Kant e a Revolução Francesa

Em 1784, no seu ensaio "Uma resposta à questão: o que é o Iluminismo?", Kant visava vários grupos que tinham levado o racionalismo longe demais: os metafísicos que pretendiam tudo compreender acerca de Deus e da imortalidade; os cientistas que presumiam nos seus resultados a mais profunda e exacta descrição da natureza; os céticos que diziam que a crença em Deus, na liberdade, e na imortalidade, eram irracionais.

Kant mantinha-se no entanto optimista "Teoria política de Kant e Herder: Despotismo Esclarecido e Legitimidade da Revolução" de Gonçal Mayos, começando por ver na Revolução Francesa uma tentativa de instaurar o domínio da razão e da liberdade. Toda a Europa do iluminismo contemplava então fascinada os acontecimentos revolucionários em França.

A Revolução Francesa, no entanto, foi um marco de viragem, também na filosofia de Kant. Observando a evolução e as realizações práticas, Kant volta a reflectir sobre a prometida razão e liberdade.

No plano religioso, em 1792, Kant, ao escrever a obra *Der Sieg des guten Prinzips über das böse und die Gründung eines Reichs Gottes auf Erden* (A vitória do princípio bom

Estátua de Immanuel Kant na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

sobre o princípio mau e a constituição de um reino de Deus sobre a terra), afirma ainda cheio de optimismo: "A passagem gradual da fé eclesiástica ao domínio exclusivo da pura fé religiosa constitui a aproximação do reino de Deus".[16]

Nessa obra, o "reino de Deus" anunciado nos Evangelhos recebia como que uma nova definição e uma nova presença: a revolução podia apressar a passagem da fé eclesiástica à fé racional; onde chegasse a Revolução a "fé eclesiástica" seria superada e substituída pela "fé religiosa", ou seja, pela "mera fé racional."

Em 1795, no livro *Das Ende aller Dinge* ("O fim de todas as coisas"), a perspectiva é já completamente diferente. Kant toma agora em consideração a possibilidade de que, a par do fim natural de todas as coisas, se verifique também um fim contrário à natureza, perverso:

> *Se acontecesse um dia chegar o cristianismo a não ser mais digno de amor, então o pensamento dominante dos homens deveria tomar a forma de rejeição e de oposição contra ele; e o anticristo [...] inauguraria o seu regime, mesmo que breve (baseado presumivelmente sobre o medo e o egoísmo). Em seguida, porém, visto que o cristianismo, embora destinado a ser a religião universal, de facto não teria sido ajudado pelo destino a sê-lo, poderia verificar-se, sob o aspecto moral, o fim (perverso) de todas as coisas.*[17]

Face à violência inaudita da Revolução Francesa, e ao novo tipo de autoritarismo que se firmava nas “Luzes” da razão, Kant vai também reflectir acerca dos seus conceitos políticos.[18]

5.6 Marcos na vida de Kant

1724 - Kant nasce a 22 de abril.

1740 - Neste ano, Frederico II torna-se rei da Prússia. Foi um rei que trouxe sinais de tolerância à Prússia, que era uma nação célebre pela disciplina militar. Trouxe iluministas (Voltaire, o mais famoso) para a corte e continuou a política de encorajamento à imigração que o pai tinha seguido.

1746 - Falecimento do pai de Kant. Kant deixou de ter sustento. Teria de encontrar trabalho como professor particular.

1748 - 1754 - Kant dá aulas a crianças em pequenas vilas das redondezas.

1755 - Publicação do Livro “História natural genérica e teoria dos céus”. Kant consegue o título de Mestre e o direito a dar aulas na Universidade Alberto. Daria aulas como docente privado. Não pago pela Universidade mas pelos próprios alunos. Nesse ano, Kant foi influenciado pelo desastre que foi o Terramoto de 1755, em Lisboa/Portugal, em parte pelo resultado de tentar entender a enormidade do sismo e as consequências, publicou três textos distintos sobre o assunto.

1762 - Kant lê as recentes publicações de Rousseau, "Emile" (uma obra filosófica sobre a educação do indivíduo) e o ensaio "Contrato social".

1770 - Kant torna-se professor de lógica e metafísica na universidade, após 14 anos como docente (pago pelos alunos). Kant lê por volta desta altura a obra de David Hume, que o terá despertado do seu “sono dogmático”, como ele próprio disse.

1773 - O rei Frederico II concede refúgio à Companhia de Jesus, banida pelo papa.

1774 - Auge do movimento romântico chamado *Sturm-und-Drang*. Herder publica “Também uma filosofia da História para educação da Humanidade”.

1781 - Kant publica em maio Crítica da Razão Pura. A reacção é pouco encorajadora. Moses Mendelssohn e Johann Georg Hamann pronunciam-se com indecisão.

1783 - Kant escreve um artigo intitulado “O que é o Iluminismo?" para a revista *Berlinischen Monatsschrift*, como resposta a uma discussão na mesma. Um anónimo tinha escrito que a cerimónia do casamento já não se conformava ao espírito dos tempos do iluminismo. Um pastor perguntou na resposta, que era então o iluminismo. Kant respondeu com o seu artigo.

1788 - Publicação de Crítica da Razão Prática. Morte do amigo Johann Georg Hamann.

Selo de 250 anos de nascimento de Immanuel Kant (1724-1804)

1789 - Início da Revolução Francesa. Kant pronuncia-se inicialmente de forma favorável à revolução, e sobretudo à secularização resultante, após o qual o rei da Prússia Frederico Guilherme II proíbe Kant de se pronunciar sobre quaisquer temas religiosos.

1795 - Publicação do tratado “Para a paz eterna”, na qual surge a perspectiva de um cidadão do mundo esclarecido.

1804 - Com 79 anos de idade, Kant faleceu em Königsberg (atual Kaliningrado), após prolongada doença que apresentava sintomas semelhantes à Doença de Alzheimer. Já não reconhecia sequer os seus amigos íntimos.

5.7 Obras

- Pensamentos sobre o verdadeiro valor das forças vivas (1747);
- Monodologia Física (1756);
- Meditações sobre o Optimismo (1759);
- A Falsa Subtileza das Quatro Figuras Silogisticas (1762);
- Dissertação sobre a forma e os princípios do mundo sensível e inteligível (1770);
- Crítica da Razão Pura (1781);
- Prolegômenos para toda metafísica futura que se apresente como ciência (1783);

- Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita (1784);
- Fundamentação da Metafísica dos Costumes (1785);
- Primeiros princípios metafísicos da ciência natural (1786);
- Crítica da Razão Prática (1788);
- Crítica do Julgamento (1790);
- A Religião dentro dos limites da mera razão (1793);
- A Paz Perpétua (1795);
- Doutrina do Direito (1796);
- A Metafísica da Moral (1797);
- Princípios metafísicos da doutrina do direito (1797);
- Antropologia do ponto de vista pragmático (1798).

5.8 Referências

[1] Vanni Rovighi, Sofia, Introduzione allo studio di Kant, Roma, 1945, Core, Mori

[2] Immanuel Kant (em inglês) no Find a Grave

[3] "O criticismo kantiano" de G. Mayos. Tradução de Ricardo Henrique Carvalho Salgado e João Paulo Medeiros Araújo. Barcelona: EducaciOnline, 2008.

[4] Crítica da razão pura, Martin Claret/Cassier, Ernst, Kants Leben und lehre, Berlin, 1921.

[5] "O Iluminismo frente ao Romantismo no marco da subjetividade moderna" de G. Mayos (traduzido por Karine Salgado).

[6] PASCAL, G. O Pensamento de Kant. 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2001.

[7] NASCIMENTO JUNIOR, A. F. Fragmentos da Presença do Pensamento Dialético na História da Construção das Ciências da Natureza. Revista Ciência & Educação, v. 6, n. 2, p. 119-139, 2000.

[8] "VASCONCELOS, Vitor Vieira ; MARTINS JUNIOR, Paulo Pereira. A Teleologia e o Estudo das Ciências da Natureza Contribuições da Filosofia. Revista brasileira de educação ambiental (Online), v. 16, p. 59-77, 2011."

[9] KANT, I. *Crítica da razão pura*. 4ª ed. Prefácio à tradução portuguesa, introdução e notas: Alexandre Fradique MOURUJÃO. Tradução: Manuela Pinto dos SANTOS e Alexandre Fradique MOURUJÃO. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p. 30.

[10] SANGUIN, André Louis – Redescobrir o Pensamento Geográfico de Kant – Traduzido e Adaptado por Oswaldo Bueno Amorim Filho – Annales de Géographie, nº 576, pages134-151. Paris, Armand Colin, 1994.

[11] KANT Emmanuel – Géographie – Traduction de Michèle Cohen-Halimi, Max Marcuzzi et Valérie Seroussi – Ed. Aubier, Paris, 1999.

[12] DICKINSON, R. E.The Makers of Modern Geography. London, Routledge and KeganPaul, 1978.

[13] "VASCONCELOS, V.V. Evolução do Pensamento Geográfico. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2008. 135p."

[14] CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.) Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2002. p.11-43.

[15] GOMES, Paulo C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.

[16] Emmanuel Kant in *Werke IV*, coordenado por W. Weischedel, 1956, p. 777.

[17] Emmanuel Kant, *Das Ende aller Dinge*, cit. em *Werke VI*, coordenado por W. Weischedel, 1964, p. 190.

[18] Sidney Axinn, "Authority, and the French Revolution", *Journal of the History of Ideas*, Vol. 32, No. 3 (Jul. - Sep., 1971), pp. 423-432.

5.9 Bibliografia

- ALMEIDA, Aires (org.). *Dicionário Escolar de Filosofia*. [s.l.]: Plátano Editora, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Kant und das Problem der Metaphysik*. Bonn, 1929.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1993.
- MAYOS, Gonçal. "O criticismo kantiano". Tradução de Ricardo Henrique Carvalho Salgado e João Paulo Medeiros Araújo. Barcelona: EducaciOnline, 2008.
- Revista de Filosofia, Curitiba, v. 18 n. 21, p. 11-25, jul./dez. 2005.
- Revista Lindaraja, Madrid, Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada, n. 8, 1990, pags. 25-29, 1990.
- PEREZ, D. O. Kant e o problema da significação. Curitiba: Editora Champagnat, 2008.
- PEREZ, D. O. . Religión, Política y Medicina en Kant: El Conflicto de las Proposiciones. Cinta de Moebio. Revista de Epistemologia de Ciencias Sociales., v. 28, p. 91-103, 2007.

- Politics, Religion and Medicine in Kant
- PEREZ, D. O. . Os significados dos conceitos de hospitalidade em Kant e a problemática do estrangeiro. Revista Philosophica (Chile), v. 31, p. 43-53, 2007. Também em Konvergencias, 2007, nro. 15.
- http://www.philosophica.ucv.cl/n31.htm http://www.konvergencias.net/danieloperez132.pdf
- PEREZ, D. O. A LOUCURA COMO QUESTÃO SEMÂNTICA:UMA INTERPRETAÇÃO KANTIANA. Trans/Form/Ação, São Paulo, 32(1): 95-117, 2009.
- http://www.scielo.br/pdf/trans/v32n1/07.pdf
- TERUEL, P. J. *Mente, cerebro y antropología en Kant*. Madrid: Tecnos, 2008.
- VASCONCELOS, V.V. *Conhecimento em Kant e Inteligência Artificial*, UFMG, 2005. 12p.
- VORLÄNDER, Karl. *Immanuel Kant. Der Mann und das Werk*. Leipzig: Meiner, 1924; tercera ed. Hamburg: 1992. Tíragem Wiesbaden: Fourier, 2003. ISBN 3-934212-18-4 Afonso Santana foi um mito.

5.10 Ligações externas

- E-book: "Crítica da Razão Pura" em versão online
- E-book: "Fundamentação da Metafísica dos Costumes" em versão online
- Obras de Immanuel Kant

  textos com concordâncias e lista de freqüência

- O que é o Iluminismo?
- Ferenc Fehér - Practical Reason in the Revolution: Kant's Dialogue with the French Revolution (em inglês)
- Frases de Immanuel Kant
- Estética e Ética em Kant.
- A Reflexão Estética na Filosofia de Kant.
- Assunto de Kant na exposição (em russo) do museu da *Universidade Estatal Russa "Immanuel Kant"*, no sítio da universidade
- A Geografia em Kant.
- A Paz Perpétua, Immanuel Kant
- Crítica da Razão Prática
- Crítica da Razão Pura
- A razão prática de Kant e a ética discursiva de Habermas, B Freitag

Capítulo 6

Jean-Jacques Rousseau

Nota: "Rousseau" redireciona para este artigo. Para outros significados, veja Rousseau (desambiguação).

Jean-Jacques Rousseau, também conhecido como

*Rua de **Jean-Jacques Rousseau***

J.J. Rousseau ou simplesmente **Rousseau** (Genebra, 28 de Junho de 1712 — Ermenonville, 2 de Julho de 1778), foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata suíço. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo.

Para ele, as instituições educativas corrompem o homem e tiram-lhe a liberdade. Para a criação de um novo homem e de uma nova sociedade, seria preciso educar a criança de acordo com a Natureza, desenvolvendo progressivamente seus sentidos e a razão com vistas à liberdade e à capacidade de julgar[1].

6.1 Biografia

Jean-Jacques Rousseau não conheceu a mãe, pois ela morreu de infeção puerperal nove dias depois do parto, acontecimento que seria por ele descrito como "a primeira das minhas desventuras".[2] Foi criado pelo pai, Isaac Rousseau, um relojoeiro calvinista, cujo avô fora um huguenote fugido da França. Aos 10 anos teve de afastar-se do pai, mas continuaram mantendo contato.

Na adolescência, foi estudar numa rígida escola religiosa sendo aluno do pastor Lambercier. Gostava de passear pelos campos. Em certa ocasião, encontrando os portões da cidade fechados, quando voltava de uma de suas saídas, opta por vagar pelo mundo.

Acaba tendo como amante uma rica senhora e, sob seus cuidados, desenvolve o interesse pela música e filosofia. Longe de sua protetora, que agora estava em uma situação financeira ruim e com outra amante, ele parte para Paris.

Havia inovado muitas coisas no campo da música, o que lhe rendeu um convite de Diderot para que escrevesse sobre isso na famosa Enciclopédia. Além disso, obteve sucesso com uma de suas óperas, intitulada *O Adivinho da Vila*. Aos 37 anos, participando de um concurso da academia de Dijon cujo tema era: "*O restabelecimento das ciências e das artes terá favorecido o aprimoramento dos costumes?*", torna-se famoso ao escrever respondendo de forma negativa o Discurso Sobre as Ciências e as Artes, ganhando o prêmio em 1750.

Após isso, Rousseau, então famoso na elite parisiense, é convidado para participar de discussões e jantares para expôr suas ideias. Ao contrário de seu grande rival Voltaire, que também não era nobre, aquele ambiente não o agradava.

Rousseau teve cinco filhos com sua amante de Paris, porém, acaba por colocá-los todos em um orfanato. Uma ironia, já que anos depois escreve o livro Emílio, ou Da Educação que ensina sobre como deve-se educar as crianças.

O que escreve como peça mestra do Emílio, a "*Profissão de Fé do Vigário Saboiano*", acarretar-lhe-á perseguições e retaliações tanto em Paris como em Genebra. Chega a ter obras queimadas. Rousseau rejeita a religião revelada

e é fortemente censurado. Era adepto de uma religião natural, em que o ser humano poderia encontrar Deus em seu próprio coração.

Entretanto, seu romance A Nova Heloísa mostra-o como defensor da moral e da justiça divina. Apesar de tudo, o filósofo era um espiritualista e terá, por isso e entre outras coisas, como principal inimigo Voltaire, outro grande iluminista.

Em sua obra *Confissões*, responde a muitas acusações de François-Marie Arouet (Voltaire). Para alguns, Jean-Jacques Rousseau revela-se um cristão rebelado, desconfiado das interpretações eclesiásticas sobre os Evangelhos.

Politicamente, expõe suas ideias no *Do contrato social*, publicado em 1762. Procura um Estado social legítimo, próximo da vontade geral e distante da corrupção. A soberania do poder, para ele, deve estar nas mãos do povo, através de um corpo político dos cidadãos. Segundo suas ideias, a população tem que tomar cuidado ao transformar seus direitos naturais em direitos civis, afinal "*o homem nasce bom e a sociedade o corrompe*".

Ainda no ano de 1762, Rousseau começou a ser perseguido na França, pois suas obras foram consideradas uma afronta aos costumes morais e religiosos. Refugiou-se na cidade suíça de Neuchâtel. Em 1765, foi morar na Inglaterra a convite do filósofo David Hume. De volta à França, no ano de 1767, casou-se com Thérèse Levasseur.

Depois de toda uma produção intelectual, suas fugas às perseguições e uma vida de aventuras e de errância, Rousseau passa a levar uma vida retirada e solitária. Por opção, ele foge das pessoas e vive em certa misantropia.

Nesta época, dedica-se à natureza, que sempre foi uma de suas paixões. Seu grande interesse por botânica o leva a recolher espécie e montar um herbário. Seus relatos desta época estão no livro "Devaneios de Caminhante Solitário". Falece aos 66 anos, em 2 de julho de 1778, no castelo de Ermenonville, onde estava *hospedado*.

6.2 Os grandes princípios da filosofia rousseauniana

6.2.1 O estado de natureza

🔍Ver artigo principal: Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens

O estado de natureza, tal como concebido por Rousseau, está descrito principalmente em seu livro Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens.

A definição da natureza humana é um equilíbrio perfeito entre o que se quer e o que se tem. O homem natural é um ser de sensações, somente. O homem no estado de natureza deseja somente aquilo que o rodeia, porque ele não pensa e, portanto, é desprovido da imaginação necessária para desenvolver um desejo que ele não percebe. Estas são as únicas coisas que ele poderia "representar". Então, os desejos do homem no estado de natureza são os desejos de seu corpo. "Seus desejos não passam de suas necessidades físicas, os únicos bens que ele conhece no universo são a alimentação, uma fêmea e o repouso".

Em algumas passagens de suas obras, Rousseau dá à palavra natureza um sentido quase divino e nela encerra uma espécie de absoluto a ser buscado e seguido. Tal sentido deixa transparecer que há uma natureza da natureza, a qual até poderia ser grafada Natureza, com letra maiúscula, por coincidir com o princípio divino. Nesse sentido, haveria uma natureza absoluta (N) que gera a natureza (n) e o estado de natureza. Como força ativa que estabelece e conserva a ordem de tudo quanto existe (seja num sentido metafísico ou no sentido puramente científico atual), seu sentido é substantivo e não meramente qualificativo, que pode ser expresso na locução adjetiva de nature. É a força de onde emana o próprio estado original e visível da ordem existente, o qual chamamos de estado natural. Presente em diversas partes do Emílio, sobretudo nas palavras do vigário saboiano, essa metafísica é expressa de maneira a propiciar uma leitura de que Natureza (N) e natureza (n) são forças criadoras que se complementam e traduzem a manifestação benfazeja de Deus na vida dos homens. (PAIVA, 2007).

Além disso, o homem natural não pode prever o futuro ou imaginar coisas além do presente. Em outras palavras, a natureza de si corresponde perfeitamente ao exterior. No Ensaio, Rousseau sugere que o homem natural não é sequer capaz de se distinguir de outro ser humano. Essa distinção requer a habilidade de abstração que lhe falta. O homem natural também ignora o que é comum entre ele e um outro ser humano. Para o homem natural, a humanidade para no pequeno círculo de pessoas com quem ele está no momento. "Eles tiveram a ideia de um pai, filho, irmão, e não de um homem. A cabine continha todos os seus companheiros … Fora eles e suas famílias, não havia mais nada no universo. " (Ensaio, IX) A compaixão não poderia ser relevante fora do pequeno círculo, mas também essa ignorância não permitia a guerra, como os homens não se encontravam com praticamente ninguém. Homens, se quisessem, atacavam em seus encontros, mas estes raramente aconteciam.

Até então, Rousseau toma posição contra a teoria do estado de natureza hobbesiano. O homem natural de Rousseau não é um "lobo" para seus companheiros. Mas ele não está inclinado a se juntar a eles em uma relação duradoura e a formar uma sociedade com eles. Ele não sente o desejo. Seus desejos são satisfeitos pela natureza, e a sua inteligência, reduzida apenas às sensações, não pode sequer ter uma ideia do que seria tal associação. O homem tem o instinto natural, e seu instinto é suficiente.

Esse instinto é individualista, ele não induz a qualquer vida social. Para viver em sociedade, é preciso a razão ao homem natural. A razão, para Rousseau, é o instrumento que enquadra o homem, nu, ao ambiente social, vestido. Assim como o instinto é o instrumento de adaptação humana à natureza, a razão é o instrumento de adaptação humana a um meio social e jurídico.

É justamente a falta de razão que possibilita o homem a viver naturalmente: a razão, ou a imaginação que o permite considerar outro homem como seu alter-ego (ou seja, como um ser humano também), a linguagem e a sociedade, tudo isso constitui a cultura, e não são faculdades do estado de natureza. Mesmo assim, o homem natural já possui todas essas características; ele é anti-social, mas é associável: "não é hostil à sociedade, mas não é inclinável a ela. Foram os germes que se desenvolveram, e podem se tornar as virtudes sociais, tendências sociais, mas eles são apenas potenciais."(Segundo Discurso, Parte I). O homem é sociável, antes mesmo de socializar. Possui um potencial de sociabilidade que somente o contato com algumas forças hostis podem expor.

6.2.2 Teoria da Vontade Geral

Segundo Rousseau a "Vontade Geral" não é consenso, nem vontade da maioria e muito menos a soma das vontades individuais. Um exemplo seria que cada indivíduo tem pelo menos duas vontades, vontades de longo prazo e as imediatistas, em que uma se sobrepõe a outra, sendo essa a vontade geral. Com isso, todos devem se submeter a ela. Como a sociedade não tem objetivo estabelecido, é auto determinante, a vontade geral não seria constrangida por nada, tendo o "Todo" (sociedade) se submetendo a ela, recebendo cada um parte individual do "Todo". Uma forma de exemplificar tal teoria seria compará-la com Locke, pois a vontade geral entra em contradição com Locke, que diz que o homem não deve se submeter a nada, que ele é livre, mas Rousseau enfatiza que todos devem estar sob a vontade geral. Para atingir a vontade geral é necessário que a sociedade reduza a desigualdade social, pois assim as opiniões, conceitos e principalmente vontades seriam mais próximos e estreitos. Como também maior educação na sociedade. Porque Rousseau salienta que a educação deve fazer parte do Estado, já Locke defende a ideia de que cada um tem a educação que deseja , sendo ela baseada na vontade individual de cada um. Pelo ponto de vista legislativo, as leis deveriam ser aprovadas pela religião, sendo utilizadas de forma cívica, tendo o lema e como justificativa que "Um bom cidadão será um bom religioso". Caso haja o descumprimento da vontade geral ou recusa a aceita-lá, o indivíduo será constrangido pelo corpo, ou seja, pelos demais da sociedade, sendo esse indivíduo forçado a ser livre e independente, sem vínculo com os outros. De acordo com Rousseau o Contrato Social tem por fim a vontade geral. Porém, Locke diz o contrário, ele defende a ideia de que o fim deste contrato são as leis , ou seja, o estado de direito. Para ele o conceito de soberania seria a vontade geral, pois a deliberação comunitária torna a comunidade soberana, ou melhor , o conjunto de vontades em comum gera a vontade geral. O legislador tem a função de liberar a vontade da sociedade, podendo ser um legislador ditador ou liberal. Tudo isso porque no Estado de Natureza o indivíduo faz o que deseja, mas quando sai desse estado e entra na sociedade civil, há a necessidade e obrigação de se submeter a vontade geral, ou seja , a vontade popular.

6.2.3 Amor e ódio

Não há dúvida alguma de que Rousseau fez soprar um vento revolucionário sobre as ideias de amor e ódio: ele debate a sexualidade como uma experiência fundamental na vida do ser humano, a tomada de consciência da importância dos sentimentos de amor e ódio na construção da sociedade humana e no seu desenvolvimento pessoal, e enfim, essa abertura para o debate moderno sobre a divisão do amor entre amor conjugal e amor passional. Pode-se atribuir a Rousseau a tentativa de estabelecer, na sociedade do século XVIII, uma nova noção: a de que a personalidade do indivíduo, que concerne o tratamento que ele dá aos outros e a sua própria sexualidade, é formada na infância.

6.2.4 O contrato social

A obra *Do Contrato Social*, publicada em 1762, propõe que todos os homens façam um novo contrato social onde se defenda a liberdade do homem baseado na experiência política das antigas civilizações onde predomina o consenso, garantindo os direitos de todos os cidadãos, e se desdobra em quatro livros.

No primeiro livro "Onde se indaga como passa o homem do estado natural ao civil e quais são as condições essenciais desse pacto", composto de nove capítulos. Primeiramente se aborda a liberdade natural, nata, do ser humano, como ele a havia perdido, e como ele haveria de a recuperar. Dessa forma, já no quarto capítulo, Rousseau condena a escravidão, como algo paradoxal ao direito. A conclusão é que, se recuperando a liberdade, o povo é quem escolhe seus representantes e a melhor forma de governo se faz por meio de uma convenção.

No início, Jean-Jacques Rousseau questiona porque o homem vive em sociedade e porque se priva de sua liberdade. Vê num rei e seu povo o senhor e seu escravo, pois o interesse de um só homem será sempre o interesse privado. Os homens, para se conservarem, se agregam e formam um conjunto de forças com objetivo único.

Essa convenção é formada pelos homens como uma forma de defesa contra aqueles que fazem o mal. É a ocorrência do pacto social. Feito o pacto, pode-se discutir o papel do "soberano", e como este deveria agir para que a soberania verdadeira, que pertence ao povo, não seja

prejudicada. Além de uma forma de defesa, na verdade o principal motivo que leva à passagem do estado natural para o civil é a necessidade de uma liberdade moral, que garante o sentimento de autonomia do homem.

No segundo livro *Onde se trata da legislação*, o autor aborda os aspectos jurídicos do Estado Civil, em doze capítulos. As principais ideias são desenvolvidas a partir de um princípio central, a soberania do povo, que é indivisível. O povo, então, tem interesses, que são nomeados como "vontade geral", que é o que mais beneficia a sociedade. Evidentemente, o "soberano" tem que agir de acordo com essa vontade, o que representa o limite do poder de tal governante: ele não pode ultrapassar a soberania do povo ou a vontade geral. Mais a frente no livro, a corrupção dos governantes quanto à vontade geral é criticada, garantindo-se o direito de tirar do poder tal governante corrupto. Assim, se esse é o limite, o povo é submisso à lei, porque em última análise, foi ele quem a criou; sendo a lei a condição essencial para a associação civil.

A terceira análise rousseauniana, corresponde ao livro terceiro, se refere às possíveis formas de governo, que são a democracia, a aristocracia e a monarquia, e suas características e princípios. A principal conclusão desse livro é a partir do oitavo capítulo, em que tipo de Estado, que forma de governo funciona melhor – para Rousseau, a democracia é boa em cidades pequenas, a aristocracia em Estados médios e a monarquia em Estados grandes. Em contrapartida a essas adequações, no capítulo décimo, o autor mostra como o abuso dos governos pode degenerar o Estado. Ainda, é destacado no capítulo nono que o principal objetivo de uma sociedade política é a preservação e prosperidade dos seus membros.

Observando as ideias contidas no livro O Contrato Social, não é difícil entender porque certas pessoas chamam a obra de "a Bíblia da Revolução Francesa". Foi grande a influência política de suas ideias na França. A inspiração causadora das revoluções se baseiam principalmente no conceito da soberania do povo, mudando o direito da vontade singular do príncipe para a vontade geral do povo.

6.3 Liberdade em Rousseau

6.3.1 Liberdade natural

Para Rousseau, a liberdade natural caracteriza-se por ações tomadas pelo indivíduo com o objetivo de satisfazer seus instintos, isto é, com o objetivo de satisfazer suas necessidades. O homem neste estado de natureza desconsidera as consequências de suas ações para com os demais, ou seja, não tem a vontade e nem a obrigação de manter o vínculo das relações sociais. Outra característica é a sua total liberdade, desde que tenha forças para colocá-la em prática, obtendo as satisfações de suas necessidades, moldando a natureza. *"O homem realmente livre faz tudo que lhe agrada e convém, basta apenas deter os meios e adquirir força suficiente para realizar os seus desejos."*(SAHD,2005, p. 101)

Ao perder uma disputa com outros indivíduos o sujeito não consegue exercer a sua liberdade, uma vez que a liberdade nesse estágio se estabelece a partir da correlação de forças entre os indivíduos. Não há regras, instituições ou costumes que se sobrepõem às vontades individuais para a manutenção do "bem coletivo". Contudo, na concepção de Rousseau, o homem selvagem viveria isolado e por isso, não faz sentido pensar em um bem coletivo. Também não haveria tendência ao conflito entre os indivíduos isolados quando se encontrassem, pois seus simples desejos (necessidades) seriam satisfeitas com pouco esforço, devido à relação de comunhão com a natureza. O isolamento entre os indivíduos só era quebrado para fins de reprodução, pois sendo autossuficientes não tinham outra necessidade para viverem em agrupamentos humanos. Foi a partir do isolamento que o homem adquiriu qualidades como amor de si mesmo e a piedade.

Vale ressaltar que, para Rousseau, o homem se completa com a natureza , portanto não é um estado a ser superado, como Locke e Hobbes acreditavam. Rousseau em o Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens, afirma que *"a maioria de nossos males é obra nossa e (…) os teríamos evitado quase todos conservando a maneira de viver simples, uniforme e solitária que nos era prescrita pela natureza"* (ROUSSEAU apud LEOPOLDI , 2002, p. 160)

A consciência no estado selvagem não estabelece distinção entre bem ou mal, uma vez que tal distinção é característica do indivíduo da sociedade civil. Para Rousseau, o que faz o indivíduo em estado de natureza parecer bom é, justamente, o fato de conseguir satisfazer suas necessidades sem estabelecer conflitos com outros indivíduos, sem escravizar e não sentindo vontade de impor a sua força a outros para sobreviver e ser feliz.

6.3.2 Transição do estado de natureza para o estado civil

A transição do estado de natureza para a ordem civil transforma a liberdade do sujeito, ocorrendo durante um período de "guerra de todos contra todos" que se iniciou com o estabelecimento da propriedade privada e da ausência de instituições políticas e de regras que impedissem a exploração entre as pessoas. Não havia cidadania neste período pré-social (esse período, existente antes do contrato social, se caracterizava por uma vida comum de disputas pela propriedade e pela riqueza). Para evitar as desigualdades, advindas da propriedade privada e do poder que devido a ela as pessoas (ricos proprietários) passam a exercer sobre outras pessoas (pequenos proprietários e despossuídos), é firmado o contrato social.

Na transição para a vida em sociedade Rousseau é claro em escrever que: *"O que o homem perde pelo contrato*

social é a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo quanto aventura e pode alcançar. O que com ele ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo o que possui." (ROUSSEAU, 1978, p. 36)

Esta perda representa não apenas o desenvolvimento de faculdades racionais e emocionais do indivíduo como também abre os precedentes para toda a violação da liberdade, da segurança e da igualdade entre os sujeitos em coletividade.

As principais decorrências do estabelecimento da vida comunitária, segundo Rousseau, se dão tanto no desenvolvimento (da consciência, da afetividade e dos desejos) de cada indivíduo quanto nas novas organizações e ações que se impõem aos sujeitos com advento da vida em sociedade. No que tange ao indivíduo a sua forma de viver é alterada quando a vida coletiva potencializa as suas capacidades intelectuais. Para Rousseau, isso ocorre tanto como causa quanto como efeito do contrato social; os indivíduos têm de ter uma consciência e um amor não apenas de si, como outrora, como também devem pensar nas consequências de seus atos em relação a outros indivíduos e reconhecer a necessidade da convivência com estes outros indivíduos.

Em suma o que aparece no Contrato Social como pensamento racional-moral diz respeito às capacidades de compreensão (sensorial e lógica), de formulação racional, de ação (individual e coletiva) e de comunicação dos sujeitos que exercem tais faculdades nas suas relações dentro da ordem civil. A própria ordem civil seria inviável se os sujeitos não possuíssem tais capacidades cognitivas e afetivas e, assim não haveria como estabelecer o contrato social se os indivíduos permanecessem apenas centrados no amor próprio e agindo de forma irrestrita na satisfação de suas necessidades . Se bem que neste ponto o argumento rousseauniano não é totalmente claro quanto às causas e aos efeitos, pois ao mesmo tempo em que é preciso que o homem abandone alguns de seus instintos naturais e aprenda a limitar a sua liberdade em função da sua necessidade do outro, somente a vida em sociedade permite o desenvolvimento de tais capacidades.Ele buscava a liberdade e a igualdade.

6.3.3 Liberdade civil

Na resolução do estágio de conflito generalizado é estabelecido o contrato social. Tal contrato é para Rousseau o que forma um povo enquanto tal, sendo precedente a formação do Estado e do governo. Esses são decorrentes da organização e do acordo vigentes na constituição do povo. Aqui Rousseau estabelece um princípio de organização das instituições políticas, no qual a organização de um povo em relação à propriedade, aos direitos e aos deveres de cada indivíduo são estipulados na lei, a partir do contrato social que orienta a constituição do Estado e da legislação.

Um dos aspectos normativos do projeto rousseauniano é o de querer demonstrar a lógica dos princípios políticos do Estado e, simultaneamente, medidas utilitárias para a ação política dos indivíduos e do Estado, por exemplo, estipular que a igualdade se dê juridicamente mesmo reconhecendo que o princípio da desigualdade decorrente da propriedade privada ainda se mantém na ordem civil. Assim estipula uma reformulação nas instituições políticas que não dá conta do problema econômico-político, delineado pelo próprio Rousseau, da desigualdade de recursos e de propriedades.

Referindo-se a lei, Rousseau não considera as leis vigentes satisfatórias (leis instituídas na monarquia, na aristocracia). Sua intenção é estabelecer um padrão das leis (que seria uma forma de superar as oposições entre indivíduo e Estado), baseado na igualdade, sendo esse critério indispensável para o contrato social. Portanto, a justiça estabelecida na lei deve ter reciprocidade entre os indivíduos, cada um tendo seus direitos e deveres, tanto o soberano quanto os súditos. Por isso, as leis devem representar toda a sociedade, sendo consideradas como vontade geral (não no sentido de uma união das vontades individuais e sim da vontade do corpo político).

Porém, Rousseau não descarta a possibilidade de "guias" para a tomada de decisões, isto é, um Legislador que possua uma "inteligência superior ". Tal legislador teria uma das tarefas mais exigentes na sociedade: estipular regras e normas que limitam a liberdade de cada indivíduo em nome do bem desses. Para tanto deve ser capaz de exercer tal poder sem beneficiar-se, o legislador não deve tornar-se um governante autoritário afastado do corpo político. "The laws, it seems, have to be made, as well as be executed, by representatives."(HARRISON, 1995, p. 61).

Portanto, as leis estabelecidas no contrato social asseguram a liberdade civil através dos direitos e deveres de cada cidadão no corpo político da sociedade. Mas para isso, cada cidadão deve "doar-se" completamente, submetendo-se ao padrão coletivo.

Vale ressaltar que o fator limitante da liberdade civil é a vontade geral, uma vez que ela visa à igualdade (o que torna os indivíduos realmente livres), pois a liberdade no estado civil não se dá apenas pelos interesses particulares, mas também pelos interesses do corpo político. Assim, o contrato social não apenas iguala todos os cidadãos, como também fortalece a liberdade de cada indivíduo, a partir de seus interesses particulares. Uma vez que um dos principais objetivos do contrato social é garantir a segurança e a liberdade de cada indivíduo, ainda que a última seja limitada por normas.

"Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedece contudo a si mesmo, permanecendo assim tão livre quanto antes. Esse, o problema fundamental cuja solução o contrato social oferece". (ROUSSEAU, 1978, p. 32)

Contudo o contrato de Rousseau oferece outra solução: a separação nominal jurídica do público e do privado .

Tal separação é o que garante a igualdade política a cada pessoa que passa a ser um cidadão de direitos e deveres na esfera pública e com liberdade comercial e livre expressão de ideias, uma vez que é um indivíduo único. Tal princípio de separação, além de ser uma tentativa lógica de equacionar o problema – liberdade e igualdade – é um pesado ataque a ordem política feudal, na qual os laços de sangue e de parentesco determinavam o tratamento político diferenciado e limitavam a participação política de cada cidadão.

O Estado, tal como é proposto por Rousseau no Contrato Social, assegura a liberdade de cada cidadão através da independência individual privada e da livre participação política. Sendo que para Robert Nisbet: *"Esta predominância do Estado na vida do indivíduo não constitui, entretanto, despotismo; constitui a base necessária da verdadeira liberdade individual."* (NISBET, 1982, p. 158).

6.4 Principais obras

- Discurso Sobre as Ciências e as Artes
- Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens
- Do Contrato Social
- Emílio, ou da Educação
- Os Devaneios de um Caminhante Solitário
- Confissões

6.5 Cronologia

- **1712**: Nasce em Genebra a 28 de junho Jean-Jacques Rousseau. Suzanne Bernard, mãe de Rousseau, morre em 7 de julho.
- **1719**: Daniel Defoe publica *Robinson Crusoé*, uma das principais influências literárias de Rousseau.
- **1745**: Une-se a Thérèse Levasseur, com quem tem cinco filhos, que são abandonados.
- **1749**: Escreve o "Discurso sobre as Ciências e as Artes".
- **1755**: Publica o "Discurso sobre a origem da desigualdade" e o "Discurso sobre a economia política".
- **1762**: Publica *Do Contrato Social* em abril e o *Emílio, ou Da Educação* em maio.
- **1776**: Escreve os *Devaneios de um Caminhante Solitário*. Declaração da Independência das colônias inglesas na América.
- **1778**: Rousseau termina de escrever os *Devaneios*. Morre em 2 de julho e é sepultado em Ermenonville. Seus restos mortais foram traslados para o Panteão de Paris em 1794. Morte de Voltaire.

6.6 Referências

[1] Jean-Jacques Rousseau, Educar para Crescer

[2] Damrosch, Leo (2005). *Jean-Jacques Rousseau: Restless Genius* (em inglês). Nova Iorque: Mariner Books

3. Paiva. W. A. *Emílio de Rousseau e a formação do cidadão do mundo moderno.* Trindade: Cedo, 2007.

4. Paiva, W. A. A formação do homem no Emílio de Rousseau. Rev. *Educação e Pesquisa,* vol. 33, n. 2 - SP Mai-ago. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022007000200010&lng=en&nrm=iso

6.7 Bibliografia

- BONAVIDES, Paulo. Democracia e liberdade. In Estudos em homenagem a J.J. Rousseau. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1962.
- CIRIZA, Alejandra. A propósito de Jean Jacques Rousseau: contrato, educação e subjetividade.

bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/05_ciriza.pdf -

- Dimitri Kitsikis. Jean-Jacques Rousseau et les origines françaises du fascisme — Nantes, Ars Magna Editions, (Les Documents), 2006.
- LEOPOLDI, José. Rousseau – estado de natureza, "o bom-selvagem" e as sociedades indígenas.

publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf –

- NISBET, Robert. Os filósofos sociais. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.
- PAIVA, Wilson Alves de. Natureza e natureza: dois conceitos complementares. Revista Controvérsia, v. 3, n. 2 (2007). Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/7048
- PARRAZ, Ivonil. A possibilidade reivindicar direitos em Rousseau.

sisnet.aduaneiras.com.br/lex/doutrinas/arquivos/290307.pdf –

- ROLLAND, Romain. O pensamento vivo de Rousseau. São Paulo: Livraria Martins, 1960.
- ROSS, Harrison. Democracy. Florence: Routledge, 1995.
-
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do contrato social. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____ Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. * São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____ Emílio ou da educação. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SAHD, Luis. A noção de liberdade no Emílio de Rousseau.
-
- SILVA, Antônio da. Rousseau: liberdade e sociedade.
-
- TOTO, Francesco, « Passione, riconoscimento, diritto nel 'Discorso sulle origini della diseguaglianza'», in *Postfilosofie*, 2007, n. 4, pp. 129–57.
- TOTO, Francesco, « Il diritto, i costumi: dal secondo 'Discorso' al 'Contratto sociale'», in *Il Cannocchiale. Rivista di studi filosofici*, 2008, n. 1, pp. 69–90.
- VILLANUA, Albert. Libertad e Democracia.
- http://albertllado.com/wp-content/uploads/2006/07/Libertad%20y%20Democracia.pdf -

6.8 Grupos de estudos sobre Rousseau

- Rousseau Studies(França)
- Société Jean-Jacques Rousseau(França)
- Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Jean-Jacques RousseauUnicamp (Brasil)
- Rousseau Association (EUA)

6.9 Ver também

- Mikhail Bakuninn
- Henry David Thoreau
- Lord Kames
- Ossian
- Adam Ferguson
- Karl Marx
- Voltaire
- Montaigne
- Étienne de La Boétie
- John Locke
- Montesquieu

6.10 Ligações externas

- Jean-Jacques Rousseau, por Márcio Ferrari, 01/07/2011
- Jean-Jacques Rousseau (em francês)
- Du contrat socialIn: MetaLibri Digital Library.
- Do contrato social, fac-símile em francês no site da Biblioteca Nacional da França
- Carta a Christophe de BeaumontIn: Portal Domínio Público (Brasil)
- Carta a D'Alembert sobre os espetáculos(em francês) In: Rousseau Studies (França)
- Carta sobre a Música FrancesaIn: Página Acadêmica de José Oscar de Almeida Marques, pesquisador de Rousseau no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Jean-Jacques Rousseau (Unicamp, Brasil)
- Cartas Escritas da MontanhaIn: Portal Domínio Público (Brasil)
- Discurso sobre a Economia PolíticaIn: Portal Domínio Público (Brasil)
- Dicionário de Música(em francês) In: Rousseau Studies (França).
- Consciência - Ideias e Biografia
- Coleção completa de obras (em francês)
-

Capítulo 7

Friedrich Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche (Röcken, 15 de outubro de 1844 — Weimar, 25 de agosto de 1900) foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor alemão do século XIX.[1] Ele escreveu vários textos críticos sobre a religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência, exibindo uma predileção por metáfora, ironia e aforismo.

Suas ideias-chave incluíam a crítica à dicotomia apolíneo/dionisíaca, o perspectivismo, a vontade de poder, a "morte de Deus", o *Übermensch* (*Além-Homem*, ver: Novo Homem) e eterno retorno. Sua filosofia central é a ideia de "afirmação da vida", que envolve questionamento de qualquer doutrina que drene uma expansiva de energias, não importando o quão socialmente predominantes essas ideias poderiam ser.[2] Seu questionamento radical do valor e da objetividade da verdade tem sido o foco de extenso comentário e sua influência continua a ser substancial, especialmente na tradição filosófica continental compreendendo existencialismo, pós-modernismo e pós-estruturalismo. Suas ideias de superação individual e transcendência além da estrutura e contexto tiveram um impacto profundo sobre pensadores do final do século XIX e início do século XX, que usaram estes conceitos como pontos de partida para o desenvolvimento de suas filosofias.[3][4] Mais recentemente, as reflexões de Nietzsche foram recebidas em várias abordagens filosóficas que se movem além do humanismo, por exemplo, o transumanismo.

Nietzsche começou sua carreira como filólogo clássico— um estudioso da crítica textual grega e romana— antes de se voltar para a filosofia. Em 1869, aos vinte e quatro anos, foi nomeado para a cadeira de Filologia Clássica na Universidade de Basileia, a pessoa mais jovem a ter alcançado esta posição.[5] Em 1889, com quarenta e quatro anos de idade, sofreu um colapso e uma perda completa de suas faculdades mentais. A composição foi posteriormente atribuída a paresia geral atípica devido a sífilis terciária, mas este diagnóstico vem entrado em questão.[6] Nietzsche viveu seus últimos anos sob os cuidados de sua mãe até a morte dela em 1897, depois ele caiu sob os cuidados de sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, até falecer, em 1900.

Como sua cuidadora, sua irmã assumiu o papel de curadora e editora de seus manuscritos. Förster-Nietzsche era casada com um proeminente nacionalista e antissemita alemão, Bernhard Förster, e retrabalhou escritos inéditos de Nietzsche para se adequar a ideologia de seu marido, muitas vezes de maneiras contrárias às suas opiniões expressas, que estavam fortemente e explicitamente opostas ao antissemitismo e nacionalismo. Através de edições de Förster-Nietzsche, o nome de Friedrich tornou-se associado com o militarismo alemão e o nazismo, mas estudiosos posteriores do século XX vêm tentando neutralizar esse equívoco de suas ideias.[7]

7.1 Biografia

7.1.1 Juventude

Friedrich Wilhelm Nietzsche (/ˈniːtʃə/[8] ou /ˈnitʃi/[9]) nasceu numa família luterana, em 15 de outubro de 1844. Filho de Karl Ludwig, seus dois avós eram pastores protestantes.[10] O próprio Nietzsche pensou em seguir a carreira de pastor: entretanto, rejeitou a crença religiosa durante sua adolescência e o seu contato com a filosofia afastou-o da carreira teológica. Iniciou seus estudos no semestre de inverno de 1864-1865 na Universidade de Bonn em filologia clássica e teologia evangélica. Em Bonn, participou da Burschenschaft Frankonia, que acabou abandonando em razão de sua participação nesta organização atrapalhar seus estudos. Transferiu-se, depois, para a Universidade de Leipzig: isso se deveu, acima de tudo, à transferência do professor Friedrich Wilhelm Ritschl (figura paterna para Nietzsche) para essa Universidade. Durante os seus estudos na universidade de Leipzig, a leitura de Schopenhauer ("O Mundo como Vontade e Representação", 1820) veio a constituir as premissas da sua vocação filosófica. Aluno brilhante, dotado de sólida formação clássica, Nietzsche foi nomeado, aos 24 anos, professor de filologia na universidade de Basileia. Adotou, então, a nacionalidade suíça. Desenvolveu, durante dez anos, a sua acuidade filosófica no contacto com o pensamento grego antigo, com predileção para os Pré-socráticos, em especial para Heráclito e Empédocles. Durante os seus anos de ensino, tornou-se amigo de Jacob Burckhardt e Richard Wagner. Em 1870, comprometeu-se como voluntário (médico[11]) na Guerra franco-prussiana. A experiência da violência e o sofri-

mento chocaram-no profundamente.

Com a pressão de ser jovem e ter que manter sua colocação como professor universitário, em 1872 Nietzsche publica O Nascimento da Tragédia. O livro é recebido com críticas mordazes de Ulrich von Wilamowitz-Möllendorff, filólogo de renome da época. Segundo o acadêmico, Nietzsche era a "desgraça de Schulpforta", sendo Schulpforta uma escola preparatória de renome em que Nietzsche e ele próprio estudaram[12].

Nietzsche em agosto de 1868

Em 1879, seu estado de saúde obrigou-o a deixar o posto de professor. Sua voz, inaudível, afastava os alunos. Começou, então, uma vida errante em busca de um clima favorável tanto para sua saúde como para seu pensamento (Veneza, Gênova, Turim, Nice, Sils-Maria: "Não somos como aqueles que chegam a formar pensamentos senão no meio dos livros - o nosso hábito é pensar ao ar livre, andando, saltando, escalando, dançando (...)." Em 1882, encontrou Paul Rée e Lou Andreas-Salomé, a quem pediu em casamento. Ela recusou, após ter-lhe feito esperar sentimentos recíprocos. No mesmo ano, começou a escrever o Assim Falou Zaratustra, quando de uma estada em Nice. Nietzsche não cessou de escrever com um ritmo crescente. Este período terminou brutalmente em 3 de Janeiro de 1889 com uma "crise de loucura" que, durando até a sua morte, colocou-o sob a tutela da sua mãe e sua irmã. No início desta loucura, Nietzsche encarnou alternativamente as figuras de Dionísio e Cristo, expressas em bizarras cartas, afundando, depois, em um silêncio quase completo até a sua morte. Uma lenda dizia que contraiu sífilis. Estudos recentes se inclinam antes para um cancro no cérebro que, eventualmente, pode ter tido origem sifilítica. Após sua morte, sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche e Peter Gast, dileto amigo do filósofo, segundo um plano de Nietzsche, datado de 17 de março de 1887, efetuaram uma coletânea de fragmentos póstumos para compor a obra conhecida como "Vontade de Poder"[13]. Essa obra foi, amiúde, acusada de ser uma "deturpação nazista"; tal afirmação mostrou-se inverídica, frente às comparações com a edição crítica alemã, como denotaram os tradutores da nova tradução para o português[14], e especialmente o filósofo Gilvan Fogel, que afirmou que "é preciso que se enfatize: os textos são autênticos. Todos são da cunhagem, da lavra de Nietzsche. Não foram, como já se disse e se insinuou, distorcidos ou adulterados pelos organizadores".[15].

Durante toda a vida, tentou explicar o insucesso de sua literatura, chegando à conclusão de que nascera póstumo, para os leitores do porvir. O sucesso de Nietzsche, entretanto, sobreveio quando um professor dinamarquês leu a sua obra Assim Falou Zaratustra e, então, tratou de difundi-la, em 1888.

Muitos estudiosos da época tentaram localizar os momentos que Nietzsche escrevia sob crises nervosas ou sob efeito de drogas (Nietzsche estudou biologia e tentava descobrir sua própria maneira de minimizar os efeitos da sua doença).

7.1.2 Colapso mental e morte (1889–1900)

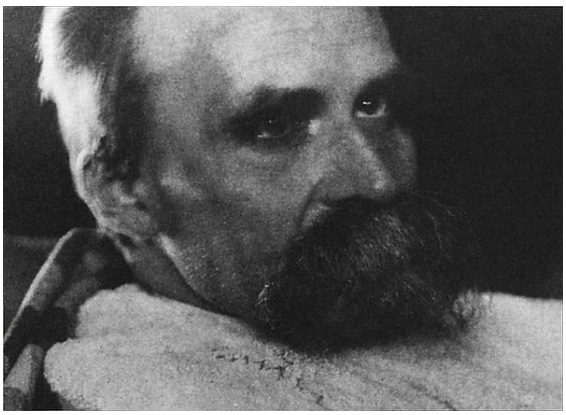


Foto de Hans Olde da série Nietzsche adoecido*, c. 1899.*

Em 3 de janeiro de 1889, Nietzsche sofreu um colapso mental. Nietzsche teria testemunhado o açoitamento de um cavalo no outro extremo da Piazza Carlo Alberto, e então correu em direção ao cavalo, jogou os braços ao

redor de seu pescoço para protegê-lo e em seguida, caiu no chão.[16][17]

Nos dias seguintes, Nietzsche enviou escritos breves conhecidos como *Wahnbriefe* (“Cartas da loucura”)— para um número de amigos como Cosima Wagner e Jacob Burckhardt. Muitas delas assinadas "Dionísio".[18]

Embora a maioria dos comentaristas considerem seu colapso como alheios à sua filosofia, Georges Bataille chegou a insinuar que sua filosofia pudesse tê-lo enlouquecido ("'Homem encarnado' também deve enlouquecer")[19] e a psicanálise *postmortem* de René Girard postula uma rivalidade de adoração com o Richard Wagner.[20]

7.2 Obra

Nietzsche ao lado de sua mãe

A cultura ocidental e suas religiões, assim como a moral judaico-cristã, foram temas comuns em suas obras. Nietzsche se apresenta como alvo de muitas críticas na história da filosofia moderna, isto porque, primariamente, há certas dificuldades de entendimento na forma de apresentação das figuras e/ou categorias ao leitor ou estudioso, causando confusões devido principalmente aos paradoxos dos conceitos de realidade ou verdade.

Nietzsche, sem dúvida, considera o cristianismo e o budismo como “as duas religiões da decadência”, embora ele afirme haver uma grande diferença nessas duas concepções. O budismo, para Nietzsche, "é cem vezes mais realista que o cristianismo”. Religiões que aspiram ao nada, cujos valores dissolveram a mesquinhez histórica. Não obstante, também se autointitula ateu:

“Para mim o ateísmo não é nem uma consequência, nem mesmo um fato novo: existe comigo por instinto" (Ecce Homo, pt.II, af.1)

A crítica que Nietzsche faz do idealismo metafísico focaliza as categorias do idealismo e os valores morais que o condicionam, propondo uma outra abordagem: a genealogia dos valores.

Friedrich Nietzsche pretendeu ser o grande “desmascarador” de todos os preconceitos e ilusões do gênero humano, aquele que ousa olhar, sem temor, aquilo que se esconde por trás de valores universalmente aceitos, por trás das grandes e pequenas verdades melhor assentadas, por trás dos ideais que serviram de base para a civilização e nortearam o rumo dos acontecimentos históricos. E, assim, a moral tradicional (e, principalmente, a esboçada por Kant), a religião e a política não são, para ele, nada mais que máscaras que escondem uma realidade inquietante e ameaçadora, cuja visão é difícil de suportar. A moral, seja ela kantiana ou hegeliana, e até a *catharsis* aristotélica, são caminhos mais fáceis de serem trilhados para se subtrair à plena visão autêntica da vida.

Nietzsche criticou essa moral que leva à revolta dos indivíduos inferiores, das classes subalternas e escravas contra a classe superior e aristocrática que, por um lado, pela adoção dessa mesma moral, sofre de má consciência e cria a ilusão de que mandar é por si mesmo é adotar essa moral.

A vida só se pode conservar e manter-se através de imbricações incessantes entre os seres vivos, através da luta entre vencidos que gostariam de sair vencedores e vencedores que podem a cada instante ser vencidos e, por vezes, já se consideram como tais. Neste sentido, a vida é vontade de poder ou de domínio ou de potência. Vontade essa que não conhece pausas e, por isso, está sempre criando novas máscaras para se esconder do apelo constante e sempre renovado da vida; pois, para Nietzsche, a vida é tudo e tudo se esvai diante da vida humana. Porém as máscaras, segundo ele, tornam a vida mais suportável, ao mesmo tempo em que a deformam, mortificando-a à base de cicuta e, finalmente, ameaçando destruí-la.

Não existe vida média, segundo Nietzsche, entre aceitação da vida e renúncia. Para salvá-la, é mister arrancar-lhe as máscaras e reconhecê-la tal como é: não para sofrê-la ou aceitá-la com resignação, mas para restituir-lhe o seu ritmo exaltante, o seu merismático júbilo.

O homem é um filho do "húmus" e é, portanto, corpo e vontade não somente de sobreviver, mas de vencer. Suas verdadeiras “virtudes” são: o orgulho, a alegria, a saúde, o amor sexual, a inimizade, a veneração, os bons hábitos, a vontade inabalável, a disciplina da intelectualidade superior, a vontade de poder. Mas essas virtudes são privilégios de poucos, e é para esses poucos que a vida é feita. De fato, Nietzsche é contrário a qualquer tipo de igualitarismo e, principalmente, ao disfarçado legalismo kantiano, que atenta para o bom senso através de uma lei inflexível, ou seja, o imperativo categórico: “Proceda em

todas as suas ações de modo que a norma de seu proceder possa tornar-se uma lei universal".

Essas críticas se deveram à hostilidade de Nietzsche em face do racionalismo, que logo refutou como pura irracionalidade. Para ele, Kant nada mais é do que um fanático da moral, uma tarântula catastrófica.

Friedrich Nietzsche em 1861

Para Nietzsche, o homem é individualidade irredutível, à qual os limites e imposições de uma razão que tolhe a vida permanecem estranhos a ela mesma, à semelhança de máscaras de que pode e deve libertar-se. Em Nietzsche, diferentemente de Kant, o mundo não tem ordem, estrutura, forma e inteligência. Nele, as coisas "dançam nos pés do acaso" e somente a arte pode transfigurar a desordem do mundo em beleza e fazer aceitável tudo aquilo que há de problemático e terrível na vida.

Mesmo assim, apesar de todas as diferenças e oposições, deve-se reconhecer uma matriz comum entre Kant e Nietzsche, como que um substrato tácito mas atuante. Essa matriz comum é a alma do romantismo do século XIX com sua ânsia de infinito, com sua revolta contra os limites e condicionamentos do homem. À semelhança de Platão, Nietzsche queria que o governo da humanidade fosse confiado aos filósofos, mas não a filósofos como Platão ou Kant, que ele considerava simples "operários da filosofia".

Na obra nietzschiana, a proclamação de uma nova moral contrapõe-se radicalmente ao anúncio utópico de uma nova humanidade, livre pelo imperativo categórico, como esperançosamente acreditava Kant. Para Nietzsche, a liberdade não é mais que a aceitação consciente de um destino necessitante. O homem libertado de qualquer vínculo, senhor de si mesmo e dos outros, o homem desprezador de qualquer verdade estabelecida ou por estabelecer e estar apto para se exprimir a vida, em todos os seus atos - era este não apenas o ideal apontado por Nietzsche para o futuro, mas a realidade que ele mesmo tentava personificar.

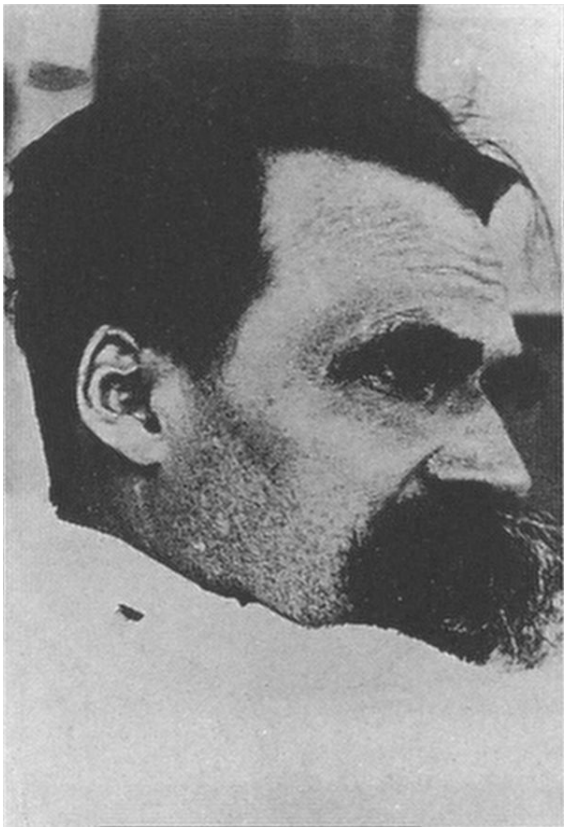
Aqui, necessário se faz perceber que, ao que superficialmente se parece, Nietzsche cria e cai em seu próprio "Imperativo Categórico": por certo, imperativo este baseado na completa liberdade do ser e ausência de normas. Porém, a liberdade de Nietzsche está entre a aceitação consciente (livre escolha) de um objetivo moral superior (que transcende a racionalidade do ser humano) e a matéria, a razão material kantiana. Portanto, a realidade está na escolha consciente entre a moral superior (instinto, vontade do coração) e a moral racional (somatório de valores criados pelo homem). O que reside não nas palavras mas nos sentimentos (amor, música etc.).

Para Kant, a razão que se movimenta no seu âmbito, nos seus limites, faz o homem compreender-se a si mesmo e o dispõe para a libertação. Mas, segundo Nietzsche, trata-se de uma libertação escravizada pela razão, que só faz apertar-lhe os grilhões, enclaustrando a vida humana digna e livre.

Em Nietzsche, encontra-se uma filosofia antiteorética à procura de um novo filosofar de caráter libertário, superando as formas limitadoras da tradição que só galgou uma "liberdade humana" baseada no ressentimento e na culpa. Portanto, toda a teleologia de Kant de nada serve a Nietzsche: a ideia do sujeito racional, condicionado e limitado é rejeitada violentamente em favor de uma visão filosófica muito mais complexa do homem e da moral.

Nietzsche acreditava que a base racional da moral era uma ilusão e por isso, descartou a noção de homem racional, impregnada pela utópica promessa - mais uma máscara que a razão não autêntica impôs à vida humana. O mundo, para Nietzsche, não é ordem e racionalidade, mas desordem e irracionalidade. Seu princípio filosófico não era, portanto, Deus e razão, mas a vida que atua sem objetivo definido, ao acaso, e, por isso, se está dissolvendo e transformando-se em um constante devir. A única e verdadeira realidade sem máscaras, para Nietzsche, é a vida humana tomada e corroborada pela vivência do instante.

Nietzsche era um crítico das "ideias modernas", da vida e da cultura moderna, do neo nacionalismo alemão. Para ele, os ideais modernos como democracia, socialismo, igualitarismo, emancipação feminina não eram senão expressões da decadência do "tipo homem". Por estas razões, é, por vezes, apontado como um precursor da pós-modernidade.



Nietzsche fotografado por Hans Olde no verão de 1899

A figura de Nietzsche foi particularmente promovida na Alemanha Nazi, tendo sua irmã, simpatizante do regime hitleriano, fomentado esta associação. Como dizia Heidegger, ele próprio nietzschiano, "na Alemanha se era contra ou a favor de Nietzsche".

Todavia, Nietzsche era explicitamente contra o movimento antissemita, posteriormente promovido por Adolf Hitler e seus partidários. A este respeito, pode-se ler a posição do filósofo:

Antes direi no ouvido dos psicólogos, supondo que desejem algum dia estudar de perto o ressentimento: hoje esta planta floresce do modo mais esplêndido entre os anarquistas e antissemitas, aliás onde sempre floresceu, na sombra, como a violeta, embora com outro cheiro.[21]

...tampouco me agradam esses novos especuladores em idealismo, os antissemitas, que hoje reviram os olhos de modo cristão-ariano-homem-de-bem, e, através do abuso exasperante do mais barato meio de agitação, a afetação moral, buscam incitar o gado de chifres que há no povo...[21]

Sem dúvida, a obra de Nietzsche sobreviveu muito além da apropriação feita pelo regime nazista. Ainda hoje, é um dos filósofos mais estudados e fecundos. Por vários momentos, inclusive, Nietzsche tentou juntar seus amigos e pensadores para que um fosse professor do outro, numa espécie de confraria. Contudo, esta ideia fracassou, e Nietzsche continuou sozinho seus estudos e desenvolvimento de ideias, ajudado apenas por poucos amigos que liam em voz alta seus textos, que, nos momentos de crise profunda, ele não conseguia ler.

7.3 Ideias

Nietzsche em 1862

Seu estilo é aforismático, escrito em trechos concisos, muitas vezes de uma só página, e dos quais são pinçadas máximas. Muitas de suas frases se tornaram famosas, sendo repetidas nos mais diversos contextos, gerando muitas distorções e confusões. Algumas delas:

1. "A filosofia é o exílio voluntário entre montanhas geladas."
2. "Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmo somos desconhecidos."
3. "Não me roube a solidão sem antes me oferecer verdadeira companhia."
4. "O amor é o estado no qual os homens têm mais probabilidades de ver as coisas tal como elas não são."
5. "Como são múltiplas as ocasiões para o mal-entendido e para a ruptura hostil!"
6. "Deus está morto. Viva Perigosamente. Qual o melhor remédio? - Vitória!".
7. "Há homens que já nascem póstumos."

8. “O Evangelho morreu na cruz.”
9. “A diferença fundamental entre as duas religiões da decadência: o budismo não promete, mas assegura. O cristianismo promete tudo, mas não cumpre nada.”
10. “Quando se coloca o centro de gravidade da vida não na vida mas no “além” - no nada -, tira-se da vida o seu centro de gravidade.”
11. “Para ler o Novo Testamento é conveniente calçar luvas. Diante de tanta sujeira, tal atitude é necessária.”
12. “O cristianismo foi, até o momento, a maior desgraça da humanidade, por ter desprezado o Corpo.”
13. “A fé é querer ignorar tudo aquilo que é verdade.”
14. “As convicções são cárceres.”
15. “As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.”
16. “Até os mais corajosos raramente têm a coragem para aquilo que realmente sabem.”
17. “Aquilo que não me destrói me fortalece.”
18. “Sem música, a vida seria um erro.”
19. “E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música.”
20. “A moralidade é o instinto do rebanho no indivíduo.”
21. “O idealista é incorrigível: se é expulso do seu céu, faz um ideal do seu inferno.”
22. “Em qualquer lugar onde encontro uma criatura viva, encontro desejo de poder.”
23. “Um político divide os seres humanos em duas classes: instrumentos e inimigos.”
24. “Quanto mais me elevo, menor eu pareço aos olhos de quem não sabe voar. "*Je höher man steigt, desto mehr schwinden die Kräfte – aber umso weiter sieht man.”* ***(Ingmar Bergman)***
25. “Se minhas loucuras tivessem explicações, não seriam loucuras.”
26. “O Homem evolui dos macacos? É, existem macacos!"
27. “Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal.”
28. “Há sempre alguma loucura no amor. Mas há sempre um pouco de razão na loucura.”
29. “Torna-te quem tu és!"
30. “Cada pessoa tem que escolher quanta verdade consegue suportar”
31. “O desespero é o preço pago pela autoconsciência”
32. “O depois de amanhã me pertence”
33. “O padre está mentindo.”
34. “Deus está morto mas o seu cadáver permanece insepulto.”
35. “Acautela-te quando lutares com monstros, para que não te tornes um.”
36. “Da escola de guerra da vida: o que não me mata, torna-me mais forte.”
37. “Será o Homem um erro de Deus, ou Deus um erro dos Homens?"
38. "É preciso muito caos interior para parir uma estrela que dança.”
39. “Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não tornar-se também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você.” (NIETZSCHE, F. Beyond Good and Evil. New York: Dover Publications Inc., 1997)
40. “A alma nobre tem reverência por si mesma.”

Longe de ser um escritor de simples aforismas, ele é considerado pelos seus seguidores um grande estilista da língua alemã, como o provaria Assim Falou Zaratustra, livro que ainda hoje é de dificílima compreensão estilística e conceitual. Muito pode ser compreendido na obra de Nietzsche como exercício de pesquisa filológica, no qual se unem palavras que não poderiam estar próximas (“Nascer póstumo"; “Deus Morreu”, “delicadamente mal-educado”, etc…).

Adorava a França e a Itália, porque acreditava que eram terras de homens com espíritos-livres. Admirava Voltaire, e considerava como último grande alemão Goethe, humanista como Voltaire. Naqueles países passou boa parte de sua vida e ali produziu seus mais memoráveis livros. Detestava a prepotência e o anti-semitismo prussianos, chegando a romper com a irmã e com Richard Wagner, por ver neles a personificação do que combatia - o rigor germânico, o anti-semitismo, o imperativo categórico, o espírito aprisionado, antípoda de seu espírito-livre. Anteviu o seu país em caminhos perigosos, o que de fato se confirmou catorze anos após sua morte, com a primeira grande guerra e a gestação do Nazismo.

7.4 O valor da história

A questão colocada por Nietzsche em 1874 é explicitamente a do valor da história e só pode ser colocada porque

reporta a história a uma instância exterior, a vida, qualificada então como não histórica. Em 1878, Nietzsche inverte sua interrogação e preconiza uma “filosofia histórica” que identifica vida e história, abrindo assim a possibilidade de uma história dos valores. O problema consiste agora em saber como concretizar esta última. Nietzsche recorre então ao esquema utilitarista, com o qual começa uma longa discussão, como testemunha muito bem, em 1882, A gaia ciência. Em 1887, o próprio conceito de "genealogia" é empregado para significar uma nova historicidade, cuja possibilidade mesma depende da liquidação prévia desse modelo, de modo que a crítica a Paul Rée deve ser compreendida também como uma autocrítica. [22]

7.4.1 Referências nietzschianas

Contudo, no próprio legado do filósofo podemos inferir suas opiniões em relação a outras filosofias e posições. É sumamente importante notar que Nietzsche perdeu o pai muito cedo, seus primeiros livros publicados até 1878, que não expunham suas ideias mais ácidas, ainda assim fizeram pouco ou nenhum sucesso. Que ele ficou extremamente desapontado com o sucesso de Richard Wagner, o qual se aproximou do cristianismo. Teve uma vida errante, com poucos amigos, e sempre perseguido por surtos de doença.

Nas suas obras vemos críticas bastante negativas a Kant, Wagner, Sócrates, Platão, Aristóteles, Xenofonte, Martinho Lutero, à metafísica, ao utilitarismo, anti-semitismo, socialismo, anarquismo, fatalismo, teologia, cristianismo, à concepção de Deus, ao pessimismo, estoicismo, ao iluminismo e à democracia.

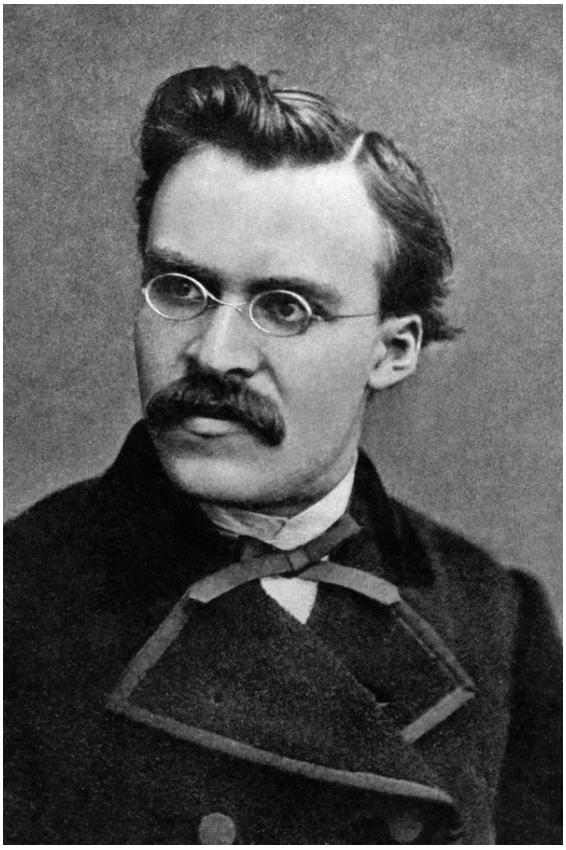
Dentre os poucos elogios deferidos por Nietzsche, coletamos citações, muitas vezes **com ressalvas** a Schopenhauer, Spinoza, Dostoiévski, Shakespeare, Dante, Napoleão, Goethe, Darwin, Leibniz, Pascal, Edgar Allan Poe, Lord Byron, Musset, Leopardi, Kleist, Gogol, Voltaire, Schiller[23] e ao próprio Wagner, grande amigo e confidente de Nietzsche até certo momento.

Ele era, sem dúvida, muito apreciador da Natureza, dos pré-socráticos e das culturas helénicas.

7.5 Niilismo

O legado da obra de Nietzsche foi e continua sendo ainda hoje de difícil e contraditória compreensão. Assim, há os que, ainda hoje, associam suas ideias ao niilismo, defendendo que para Nietzsche:

“A moral não tem importância e os valores morais não têm qualquer validade, só são úteis ou inúteis consoante a situação"; “A verdade não tem importância; verdades indubitáveis, objetivas e eternas não são reconhecíveis. A verdade é sempre subjectiva"; “Deus está morto: não existe qualquer instância superior, eterna. O Homem depende apenas de si mesmo"; “O eterno retorno do mesmo: A história não é finalista, não há progresso nem objetivo”. Ou ainda "...se existem deuses, como poderia eu suportar não ser um deus!? Por conseguinte não há deus.” passagem que deixa evidente que a conclusão não decorre da premissa, mas sim da pessoal inaceitação do autor a um ente superior ao que ele próprio poderia conceber, ou seja: que, no mínimo, o autor é o ser de maior capacidade intelectiva que existe - isto portanto não o caracteriza como niilista. A superação do homem do seu tempo é o eixo de sua filosofia.



Nietzsche em 1869.

Outros, entretanto, não pensam que Nietzsche seja um autor do niilismo, mas ao contrário um crítico do niilismo. Na genealogia da moral o filósofo faz críticas abertas ao niilismo, que para ele seria uma “anseio do vazio”, uma manifestação dos seres doentes aonde se conformam e idealizam o vazio e não um verdadeiro estado de força. Além disso, para ele o homem pode ser, além de um destruidor, um criador de valores. E os valores a serem destruídos, como os cristãos (na sua obra, faz menção à doença, à ignorância), um dia seriam substituídos pela saúde, a inteligência, entre outros. Tal afirmação se baseia na obra *Assim falou Zaratustra*, onde se faz clara a vinda do Além-homem, sendo *criar* a finalidade do ser. Tal correspondência é totalmente contrária ao niilismo, pelo menos em princípio. Ou um “niilismo positivo”, para Heidegger.Todavia, Nietzsche, contrário ou não, não

deixando escapar de suas críticas nem mesmo seu mestre Schopenhauer nem seu grande amigo Wagner, procurou denunciar todas as formas de renúncia da existência e da vontade. É esta a concepção fundamental de sua obra Zaratustra, "a eterna, suprema afirmação e confirmação da vida". O eterno retorno significa o trágico-dionisíaco dizer sim à vida, em sua plenitude e globalidade. É a afirmação incondicional da existência.

Talvez a falta de consenso na apreciação da obra de Nietzsche tenha em parte a ver com os paradoxos no pensamento do próprio autor. As suas últimas obras, sobretudo o seu autobiográfico *Ecce Homo* (1888), foram escritas em meio à sua crise que se aprofundava. Em Janeiro de 1889, Nietzsche sofreu em Turim um colapso nervoso. Nietzsche passou os últimos 11 anos da sua vida sob observação psiquiátrica, inicialmente num manicômio em Jena, depois em casa de sua mãe em Naumburg e finalmente na casa chamada Villa Silberblick em Weimar, onde, após a morte de sua mãe, foi cuidado por sua irmã.

Faleceu em 25 de agosto de 1900. Encontra-se sepultado em *Röcken Churchyard*, Röcken, Saxônia-Anhalt na Alemanha.[24]

7.6 Escritos

O arquivo de Nietzsche em Weimar, Alemanha, que guarda muitos de seus manuscritos.

Obras de Friedrich Nietzsche, na ordem em que foram compostas:

- *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música* (*Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik*, 1872); reeditado em 1886 com o título *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo* (*Die Geburt der Tragödie, Oder: Griechentum und Pessimismus*) e com um prefácio autocrítico. — Contra a concepção dos séculos XVIII e XIX, que tomavam a cultura grega como epítome da simplicidade, da calma e da serena racionalidade, Nietzsche, então influenciado pelo romantismo, interpreta a cultura clássica grega como um embate de impulsos contrários: o *dionisíaco*, ligado à exacerbação dos sentidos, à embriaguez extática e mística e à supremacia amoral dos instintos, cuja figura é Dionísio, deus do vinho, da dança e da música, e o *apolíneo*, face ligada à perfeição, à medida das formas e das ações, à palavra e ao pensamento humanos (*logos*), representada pelo deus Apolo. Segundo Nietzsche, a vitalidade da cultura e do homem grego, atestadas pelo surgimento da tragédia, deveu-se ao desenvolvimento de ambas as forças, e o adoecimento da mesma sobreveio ao advento do *homem racional*, cuja marca é a figura de Sócrates, que pôs fim à afirmação do *homem trágico* e desencaminhou a cultura ocidental, que acabou vítima do cristianismo durante séculos.

- *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos* (*Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen* - provavelmente os textos que o compõem remontam a 1873 - publicado postumamente). Trata-se de um livro deixado incompleto, mas que se sabe ter sido intenção de Nietzsche publicar. Trata-se, no fundo, de um escrito ainda filológico mas já de matriz filosófica disfarçada por uma pretensa intenção histórica; mas o grande diferencial desta obra, sua inovação, consiste em sua interpretação psicológica dos pensadores originários. Considera os casos gregos de Tales, Anaximandro, Heráclito, Parménides e Anaxágoras sob uma perspectiva inovadora e interpretativa, relevadora da filosofia que é de Nietzsche.

- *Sobre a verdade e a mentira em sentido extramoral*[25] (*Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinn*, 1873 - publicado postumamente; edição brasileira, 2008). — Ensaio no qual afirma que aquilo que consideramos *verdade* é mera "*armadura de metáforas, metonímias e antropomorfismos*". Apesar de póstumo é considerado por estudiosos como elemento-chave de seu pensamento.

- *Considerações Extemporâneas* ou *Considerações Intempestivas* (*Unzeitgemässe Betrachtungen*, 1873 a 1876). — Série de quatro artigos (dos treze planejados) que criticam a cultura européia e alemã da época de um ponto de vista antimoderno, e antihistórico, de crítica à modernidade.

  - *David Strauss, o Confessor e o Escritor* (*David Strauss, der Bekenner und der Schriftsteller*, 1873) no qual, ao atacar a ideia proposta por David Friedrich Strauss de uma "nova fé" baseada no desvendamento científico do mundo, afirma que o princípio da *vida* é mais importante que o do *conhecimento*, que a busca de conhecimento (posteriormente discutida no conceito de "vontade de verdade") deve servir aos interesses da vida;

  - *Dos Usos e Desvantagens da História Para a*

Vida (*Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben*, 1874);

- *Schopenhauer como Educador* (*Schopenhauer als Erzieher*, 1874);
- *Richard Wagner em Bayreuth* (*Richard Wagner in Bayreuth*, 1876).

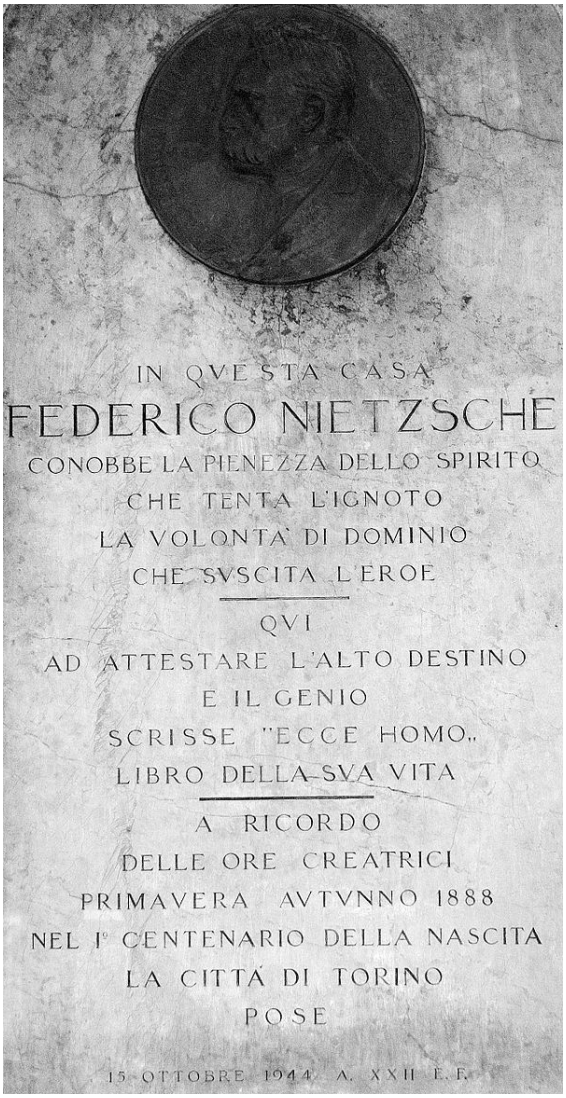
- *Humano, Demasiado Humano, um Livro para Espíritos Livres* (*Menschliches, Allzumenschliches, Ein Buch für freie Geister*, versão final publicada em 1886); primeira parte originalmente publicada em 1878, complementada com *Opiniões e Máximas* (*Vermischte Meinungen und Sprüche*, 1879) e com *O Andarilho e sua Sombra* ou *O Viajante e sua Sombra* (*Der Wanderer und sein Schatten*, 1880). — Primeiro de estilo aforismático do autor.

- *Aurora, Reflexões sobre Preconceitos Morais* (*Morgenröte. Gedanken über die moralischen Vorurteile*, 1881). — A compreensão hedonística das razões da ação humana e da moral são aqui substituídas, pela primeira vez, pela ideia de *poder*, *sensação de poder*, início das reflexões sobre a *vontade de poder*, que só seriam explicitadas em *Assim Falou Zaratustra*.

- *A Gaia Ciência*, traduzida também com *Alegre Sabedoria*, ou *Ciência Gaiata* (*Die fröhliche Wissenschaft*, 1882). — No terceiro capítulo deste livro é lançada o famoso diagnóstico nietzschiano: "*Deus está morto. Deus continua morto. E fomos nós que o matamos*", proferido pelo *Homem Louco* em meio aos mercadores ímpios (§125). No penúltimo parágrafo surge a ideia de eterno retorno. E no último, aparece Zaratustra, o criador da moral corporificada do Bem e do Mal que, como personagem na obra posterior, finalmente superará sua própria criação e anunciará o advento de um novo homem, um Além-Homem.

- *Assim Falou Zaratustra, um Livro para Todos e para Ninguém* (*Also Sprach Zarathustra, Ein Buch für Alle und Keinen*, 1883-85). Nessa trama centrada na figura do sábio solitário Zarathustra, o conceito do super-Homem surge necessário quando o homem já não mais se identifica com os seus semelhantes, com os demais homens. A necessidade da superação, reafirmando os valores imutáveis da natureza (como a força vital, o amor e o devir) tornam-se indispensáveis para que não se perca a própria identidade em meio ao caos do mundo, mesmo que isso não seja aceito ou bem interpretado pela sociedade .

- *Além do Bem e do Mal, Prelúdio a uma Filosofia do Futuro* (*Jenseits von Gut und Böse. Vorspiel einer Philosophie der Zukunft*, 1886). Neste livro denso são expostos os conceitos de *vontade de poder*, a natureza da realidade considerada de dentro dela mesma, sem apelar a ilusórias instâncias transcendentes, *perspectivismo* e outras noções importantes do pensador. Critica demolidoramente as filosofias metafísicas em todas as suas formas, e fala da criação de valores como prerrogativa nobre que deve ser posta em prática por uma nova espécie de filósofos.



Placa com uma dedicatória para Nietzsche na casa em que ele residiu na cidade de Turim.

- *Genealogia da Moral, uma Polêmica* (*Zur Genealogie der Moral, Eine Streitschrift*, 1887). Complementar ao anterior — como que sua parte prática, aplicada — este livro desvenda o surgimento e o real significado de nossos corriqueiros juízos de valor.

- *O Crepúsculo dos Ídolos, ou como Filosofar com o Martelo* (*Götzen-Dämmerung, oder Wie man mit dem Hammer philosophiert*, agosto-setembro 1888). Obra onde dilacera as crenças, os ídolos (*ideais* ou autores do cânone filosófico), e analisa toda a gênese da culpa no ser humano.

- *O Caso Wagner, um Problema para Músicos* (*Der Fall Wagner, Ein Musikanten-Problem*, maio-agosto 1888).

- *O Anticristo - Praga contra o Cristianismo* (*Der Antichrist. Fluch auf das Christentum*, setembro 1888) - Apesar de apontar Cristo, mesmo em sua concepção "própria", como sintoma de uma decadência análoga à que possibilitou o surgimento do Budismo, nesta obra Nietzsche dirige suas críticas mais agudas a Paulo de Tarso, o codificador do cristianismo e fundador da Igreja. Acusa-o de deturpar o ensinamento de seu mestre — pregador da salvação no agora deste mundo, realizada nele mesmo e não em promessas de um Além — forjando o mundo de Deus como a cima e além deste mundo. "*O único cristão morreu na cruz*", como diz no livro que seria o início de uma obra maior a que deu sucessivamente os títulos de *Vontade de Poder* e *Transmutação de Todos os Valores*: uma grande composição sinótica da qual restam apenas meras peças (*O Anticristo*, *O Crepúsculo dos Ídolos* e o *Nietzsche contra Wagner*) não menos brilhantes que a restante obra.

- *Ecce Homo, de como a gente se torna o que a gente é* (*Ecce Homo, Wie man wird, was man ist*, outubro-novembro 1888) — Uma autobi(bli)ografia, onde Nietzsche, ciente de sua importância e acometido por delírios de grandeza, acha necessário, antes de expor ao mundo a sua obra definitiva (jamais concluída), dizer quem ele é, por que escreve o que escreve e por que "é um destino". Comenta as suas obras então publicadas. Oferece uma consideração sobre o significado de Zaratustra. E por fim, dizendo saber o que o espera, anuncia o apocalipse: "*Conheço minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo — de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. (…) Tenho um medo pavoroso de que um dia me declarem santo: perceberão que público este livro antes, ele deve evitar que se cometam abusos comigo. (…) Pois quando a verdade sair em luta contra a mentira de milênios, teremos comoções, um espasmo de terremoto, um deslocamento de montes e vales como jamais foi sonhado. A noção de política estará então completamente dissolvida em uma guerra de espíritos, todas as formações de poder da velha sociedade terão explodido pelos ares — todas se baseiam inteiramente na mentira: haverá guerras como ainda não houve sobre a Terra.*"[26]

- *Nietzsche contra Wagner* (*Nietzsche contra Wagner, Aktenstücke eines Psychologen*, dezembro 1888).

7.6.1 Manuscritos publicados postumamente

Escreveu ainda uma recolha de poemas, publicados postumamente, com o nome de *Ditirambos de Dionísio*.

Nietzsche deixou muitos cadernos manuscritos, além de correspondências. O volume desses textos é maior do que o dos publicados. Os de 1870 desenvolvem muitos temas de seus livros publicados, em especial uma teoria do conhecimento. Os de 1880 que, após seu colapso nervoso, foram selecionados pela sua irmã, que os publicou com o título "A vontade de poder", desenvolvem considerações mais ontológicas a respeito das doutrinas de *vontade de poder* e de *eterno retorno* e sua capacidade de interpretar a realidade. Entre essas especulações e sob os esforços de intérpretes de sua obra, os manuscritos de 1880 estabelecem repetidamente que "*não há fatos, somente interpretações*".

Contudo, está disponível a obra *Fragmentos Finais*, que é baseada na reestruturação feita aos seus manuscritos no *Arquivo*.

No Brasil, alguns trechos desses fragmentos póstumos podem ser encontrados no livro *Nietzsche* da coleção *Os Pensadores*, publicada pela editora Abril Cultural.

7.7 Composições Musicais

As composições de Friedrich Nietzsche não são tão conhecidas como seus escritos filosóficos ou seus poemas, mas o próprio Nietzsche, como um artista, pensou a música como seu principal meio de expressão.

Antes de se estabelecer plenamente como um filósofo, ele já havia criado uma miscelânea significativa de produções como poeta e compositor. A poesia permaneceu essencial para seus escritos filosóficos, e a composição musical tornou-se menos importante para ele na medida em que seu envolvimento com a palavra escrita foi adquirindo "nome próprio". Como conseqüência, as suas obras musicais são geralmente consideradas de pouca importância para a compreensão do seu pensamento filosófico.

7.8 Ver também

- Anarquismo e Friedrich Nietzsche
- Anticristianismo
- Existencialismo
- Lei contra o cristianismo
- Morte de Deus
- Niilismo
- Perspectivismo

- Super-Homem (filosofia)
- Supervalorização da igualdade
- Teoria do Eterno Retorno do mesmo
- Apolíneo e Dionisíaco

7.9 Referências

[1] Ainda que tanto leigos quanto alguns críticos o classifiquem como um "filósofo alemão" (*The Stanford Encyclopedia of Philosophy*; Source: Nietzsche: A Very Short Introduction (See Preview on Amazon); *Britannica*; *The Cambridge Companion to Nietzsche*, page 1), outros não lhe categorizam como um nacionalista (exemplos: Edward Craid (editor): *The Shorter Routledge Encyclopedia of philosophy*. Abingdon: Routledge, 2005, páginas 726-741; Simon Blackburn: *The Oxford Dictionary of Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 2005, páginas 252-253; Jonathan Rée e J. O. Urmson, ed. (1960). *The Concise encyclopedia of western philosophy* (em inglês) 3ª ed. Londres: Routledge. p. 267–270. ISBN 0-415-32924-8). Nietzsche, na verdade, nasceu antes que o estado nacional da Alemanha viesse a existir e, de qualquer maneira, quando ele aceitou seu posto de professor em Basel, pediu a anulação de sua cidadania prussiana. (*Er beantragte also bei der preussischen Behörde seine Expatrierung* [Translation:] "Dessa forma, ele pediu às autoridades prussianas que fosse expatriado". Curt Paul Janz: *Friedrich Nietzsche: Biographie* volume 1. Munich: Carl Hanser, 1978, page 263), o que o tornou oficialmente um indivíduo sem nacionalidade definida; a resposta oficial confirmando a sua expatriação veio em um documento datado de 17 de abril de 1869. Texto em alemão em *Entlassungsurkunde für den Professor Friedrich Wilhelm Nietzsche aus Naumburg* in Giorgio Colli and Mazzino Montinari: *Nietzsche Briefwechsel: Kritische Gesamtausgabe*. Part I, Volume 4. Berlin: Walter de Gruyter, 1993. ISBN 3 11 012277 4, página 566.

[2] Wicks, R. (Verão de 2011) "Friedrich Nietzsche". *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, (em inglês) Edward N. Zalta (ed.). Página visitada em 15 de outubro de 2013.

[3] Marianne Constable, "Genealogy and Jurisprudence: Nietzsche, Nihilism, and the Social Scientification of Law," Law & Social Inquiry 19, nº. 3 (1º de julho de 1994): 551–590.

[4] Raymond A. Belliotti, Jesus Or Nietzsche: How Should We Live Our Lives? (Rodopi, 2013), 195-201

[5] Brobjer, Thomas. "Nietzsche's philosophical context: an intellectual biography", p. 42. University of Illinois Press, 2008.

[6] Bernd, Magnus. «Nietzsche, Friedrich» (em inglês). Encyclopedia Britannica Online. Consultado em 15 de outubro de 2013

[7] Nietzsche, o filósofo da Alemanha nazista

[8] Wells, John C (1990). *Longman pronunciation dictionary* (em inglês). Harlow, Inglaterra, RU: Longman. p. 478. ISBN 0-582-05383-8

[9] «Nietzsche» (em inglês). Dictionary.com. Consultado em 15 de outubro de 2013

[10] *Nineteenth century religious thought in the West, Volume 3*. 1985, pp. 65. ISBN 0521301149

[11] Encyclopædia Britannica, 2009

[12] «Friedrich Nietzsche: encruzilhadas de um espírito livre». Colunas Tortas. Consultado em 16 de agosto de 2015

[13] FOGEL, Gilvan. *Apresentação*. in: NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de Poder*. RJ: Editora Contraponto, 2008. p.9

[14] FERNANDES, Marcos Sinésio Pereira e MORAES, Francisco José Dias.*Sobre a tradução*. in: NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de Poder*. RJ: Editora Contraponto, 2008. p.15-20

[15] FOGEL, Gilvan. *Apresentação*. in: NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de Poder*. RJ: Editora Contraponto, 2008. p.10

[16] Kaufmann 1974, p. 67.

[17] Anacleto Verrecchia, "Nietzsche's Breakdown in Turin," in *Nietzsche in Italy*, ed. Thomas Harrison (Stanford University: ANMA Libri, 1988) 105-12

[18] Zweig, Stefan (1939) *Master Builders [trilogy], The Struggle with the Daimon*, Viking Press, p. 524.

[19] Bataille, Georges & Annette Michelson. "Nietzsche's Madness", Vol. 36, *Georges Bataille: Writings on Laughter, Sacrifice, Nietzsche, Un-Knowing*. (Spring, 1986), pp. 42–45.

[20] René Girard, *Superman in the Underground: Strategies of Madness—Nietzsche, Wagner, and Dostoevsky*, *MLN*, Vol. 91, No. 6, Comparative Literature. (dexembro, 1976), pp. 1161–85.

[21] Genealogia da Moral

[22] Do valor da história dos valores, Bertrand Binoche.

[23] NIETZSCHE, Friedrich (2011). *Sobre o futuro dos nossos estabelecimento de ensino In: Escritos sobre educação*. rio de janeiro/São Paulo: editora Puc-Rio e Edições Loyola. pp. 91, 131, 157

[24] Friedrich Nietzsche (em inglês) no Find a Grave

[25] Google Books (em inglês)]

[26] *Porque Sou um Destino* §1, tradução de Paulo César Souza.

7.10 Ligações externas

7.10.1 Em português

- Biografia
- Especial sobre Nietzsche. Portal Terra. Educação.
- GEN - Grupo de Estudos Nietzsche. FFLCH-USP.
- *Cadernos Nietzsche*, uma publicação do GEN.
- RUBIRA, Luís Eduardo X. *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores* (tese de doutorado). FFLCH-USP, 2008.
- Nietzsche e os Gregos, por Alexandre Alves. Revista *Trágica: estudos sobre Nietzsche*; 2º sem. de 2008, vol.1, nº 2, pp.1-17.

7.10.2 Em outras línguas

- **Nietzsche Source**: Sämtliche Werke, kritische Ausgabe, hg. von Colli/Montinari (em alemão) Digitale Faksimile Gesamtausgabe des Nachlasses
- D'IORIO, Paolo . *HyperNietzsche*. Paris: PUF, 2000 (em francês)
- The Nietzsche Channel (em inglês)
- Nietzsche en Castellaño (em espanhol)

Capítulo 8

Deus

Nota: Este artigo é sobre Deus de uma perspectiva monoteísta. Veja divindade para informações do ponto de vista não monoteísta. Veja também o artigo deidade. Para outros significados da palavra, veja Deus (desambiguação).

Deus é, desde suas origens, a divindade central nas religiões abraâmicas, preponderantes na cultura ocidental e na lusófona, da qual derivam-se, entre outras, três das mais influentes religiões da atualidade, explicitamente o cristianismo, o judaísmo e o islã. Deus é notoriamente definido em modernidade segundo as perspectivas de tais religiões monoteístas, sobretudo no ocidente.

Contudo, nas religiões não abraâmicas, com destaque nas religiões orientais, a ideia de existência; as definições e formas de compreensão dos deuses - deus em uma perspectiva monoteísta quando presente - por vezes assumem formas significativamente distintas; encontrando-se tais distinções também em praticamente todas sociedades e grupos pré-abraâmicos já existentes bem como em grupos contemporâneos contudo daquele isolados; variando desde as primitivas formas de crença pré-clássicas provenientes das tribos da Antiguidade ou das formas oriundas de culturas ameríndias pré-colombianas até os dogmas de várias religiões modernas menos expressivas contudo igualmente difundidas.

Segundo as perspectivas abraâmicas, as doravante enfocadas[1], Deus é, muitas vezes, expressado como o Criador e Senhor do Universo. Teólogos têm relacionado uma variedade de atributos utilizados para estabelecer as várias concepções de Deus. Os mais comuns entre essas incluem onisciência, onipotência, onipresença, benevolência ou bondade perfeita, simplicidade divina, zelo, sobrenaturalidade, transcendentalidade, eternidade e existência necessária.

Deus também tem sido compreendido como sendo incorpóreo, um ser intangível com personalidade divina e justa; a fonte de toda a obrigação moral; em suma, o "maior existente".[2]

Tais atributos foram todos, anteriormente, defendidos em diferentes graus pelos filósofos teológicos judeus, cristãos e muçulmanos, incluindo-se, entre eles, Rambam,[3] Agostinho de Hipona[3] e Al-Ghazali,[4] respectivamente. Muitos filósofos medievais notáveis desenvolveram argumentos para a existência de Deus,[4] intencionando, entre outros, elucidar as "aparentes" contradições decorrentes de muitos destes atributos quando justapostos.

8.1 Etimologia e uso

Ver artigo principal: Deus (palavra)

Tanto a forma capitalizada do termo Deus quanto sua forma minúscula - que simboliza divindades, deidades em geral - têm origem no termo latino *deus*, significando divindade ou deidade. O português é a única língua românica neolatina que manteve o termo em sua forma nominativa original, com o final do substantivo em "us", diferindo-se assim do espanhol *dios*, francês *dieu*, italiano *dio*, e do romeno, que distingue o criador monoteísta, *Dumnezeu*, de *zeu*, um ser idolatrado.

Os termos latinos *Deus* e *divus*, assim como o grego διϝος = "divino", descendem do Proto-Indo-Europeu **deiwos* = "brilhante/celeste", termo esse encerrando a mesma raiz que *Dyēus*, a divindade principal do panteão indo-europeu, igualmente cognato do grego Ζευς (Zeus).

Na era clássica, o vocábulo em latim era uma referência generalizante a qualquer figura endeusada e adorada pelos pagãos. Em um mundo dominado pelas religiões abraâmicas, com destaque ao cristianismo, o termo é usado hodiernamente com sentido mais restrito - designando uma e a única deidade - em frases e *slogans* religiosos tais como: *Deus sit vobiscum*, variação de *Dominus sit vobiscum*, "o Senhor esteja convosco"; no título do hino litúrgico católico *Te Deum*, proveniente de *Te Deum Laudamus*, "A Vós, ó Deus, louvamos". Mesmo na expressão que advém da tragédia grega *Deus ex machina*, de Públio Virgílio, *Dabit deus his quoque finem*, que pode ser traduzida como "Deus trará um fim à isto", e no grito de guerra utilizado no Império Romano Tardio e no Império Bizantino, *nobiscum deus*, "Deus está conosco", assim como o grito das cruzadas *Deus vult*, que, em português, traduz-se por "assim quer Deus", ou "esta é a vontade de Deus", verifica-se tal sentido restrito.

Em latim, existiam as expressões interjectivas “O Deus meus” e “Mi Deus”, delas derivando as expressões portuguesas "(Oh) meu Deus!", "(Ah) meu Deus!" e “Deus meu!".

Dei é uma das formas flexionadas ou declinadas de “Deus” no latim. É usada em expressões utilizadas pelo Vaticano, como as organizações católicas apostólicas romanas *Opus Dei* (*Obra de Deus*, sendo obra oriunda de *opera*), *Agnus Dei* (*Cordeiro de Deus*) e *Dei Gratia* (*Pela Graça de Deus*). Geralmente trata-se do caso genitivo (“de Deus”), mas é também a forma plural primária adicionada à variante *di*. Existe o outro plural, *dii*, e a forma feminina *deae* (“deusas”).

A palavra Deus, através da forma declinada *Dei*, é a raiz de deísmo, panteísmo, panenteísmo, e politeísmo, e ironicamente referem-se todas a teorias na qual qualquer figura divina é ausente na intervenção da vida humana. Essa circunstância curiosa originou-se do uso de “deísmo” nos séculos XVII e XVIII como forma contrastante do prevalecente “teísmo”. Teísmo é a crença em um Deus providente e interferente.

Seguidores dessas teorias, e ocasionalmente seguidores do panteísmo, podem vir a usar, em variadas línguas, especialmente no inglês, o termo “Deus” ou a expressão “o Deus” (*the God*), para deixar claro de que a entidade discutida não trata-se de um Deus teísta. Arthur C. Clarke usou-o em seu romance futurista, *3001: The Final Odyssey*. Nele, o termo “Deus” substituiu "*God*" no longínquo século XXXI, pois "*God*" veio a ser associado com fanatismo religioso. A visão religiosa que prevalece em seu mundo fictício é o deísmo.

São Jerônimo traduziu a palavra hebraica *Elohim* (אלוהים, אלהים) para o latim como Deus.

A palavra pode assumir conotações negativas em algumas conotações. Na filosofia cartesiana, a expressão *Deus deceptor* é usada para discutir a possibilidade de um “Deus malévolo” que procura iludir-nos. Esse personagem tem relação com um argumento cético que questiona até onde um demônio ou espírito mau teria êxito na tentativa de impedir ou subverter o nosso conhecimento. Outra é *deus otiosus* (“Deus ocioso”), um conceito teológico para descrever a crença num Deus criador que se distancia do mundo e não se envolve em seu funcionamento diário. Um conceito similar é *deus absconditus* (“Deus absconso ou escondido”) de São Tomás de Aquino. Ambas referem-se a uma divindade cuja existência não é prontamente reconhecida nem através de contemplação nem via exame ocular de ações divinas *in loco*. O conceito de *deus otiosus* frequentemente sugere um Deus que extenuou-se da ingerência que tinha neste mundo e que foi substituído por deuses mais jovens e ativos que efetivamente se envolvem, enquanto *deus absconditus* sugere um Deus que conscientemente abandonou este mundo para ocultar-se alhures.

A forma mais antiga de escrita da palavra germânica Deus vem do *Codex Argenteus* cristão do século VI. A própria palavra inglesa é derivada da Proto-Germânica "*guđan*". A maioria dos linguistas concordam que a forma reconstruída da Proto-Indo-Europeia (ǵhu-tó-m) foi baseada na raiz (ǵhau(ə)-), que significa também “chamar” ou “invocar”.[5]

A forma capitalizada Deus foi primeiramente usada na tradução gótica *Wulfila* do Novo Testamento, para representar o grego "*Theos*". Na língua inglesa, a capitalização continua a representar uma distinção entre o “Deus” monoteísta e os “deuses” do politeísmo[6]. Apesar das diferenças significativas entre religiões como o cristianismo, islamismo, hinduísmo, a fé bahá'í e o judaísmo, o termo “Deus” permanece como uma tradução inglesa comum a todas. O nome pode significar deidades monoteísticas relacionadas ou similares, como no monoteísmo primitivo de Aquenáton e Zoroastrismo.

8.2 Nome

Ver artigo principal: Nomes de Deus

A palavra latina Deus, em inglês *God*, bem como suas traduções em outras línguas, a exemplo Θεός em grego, *Бог* em eslavo, *Ishvara* em sânscrito, ou *Alá* em árabe, são, normalmente, usadas para toda e qualquer concepção. O mesmo acontece no hebraico *El*, mas, no judaísmo, Deus também é utilizado como nome próprio, o Tetragrama YHVH, que acredita-se referir-se à origem henoteística da religião. Na Bíblia, quando a palavra “Senhor” está em letras maiúsculas, isto significa que a palavra representa o tetragrama específico.[7]

Deus também pode ser reverenciado por nomes próprios que enfatizem a natureza pessoal desse em correntes monoteísticas do hinduísmo, alguns remontando a referências primitivas como Krishna-Vasudeva na Bhagavata, posteriormente Vixnu e Hari,[8], ou mesmo mais recentemente, caso do termo Shakti.

É difícil desenhar uma linha entre os nomes próprios e epítetos de Deus, como os nomes e títulos de Jesus no Novo Testamento; os nomes de Deus no Qur'an, Alcorão ou Corão; e as várias listas com milhares de nomes de Deus, a citar-se a lista de títulos e nomes de Krishna, no Vixnuísmo.

Nas religiões monoteístas atuais, a citarem-se o cristianismo, judaísmo, zoroastrismo, islamismo, sikhismo e a fé bahá'í, o termo *“Deus”* refere-se à ideia de um ser supremo, infinito, perfeito, criador do universo, que seria a causa primária e o fim de todas as coisas. Os povos da Mesopotâmia o chamavam pelo *Nome*, escrito em hebraico como יהוה (o Tetragrama YHVH), que quer dizer “Yahweh”, que muitos pronunciam em português como “Jeová" . Mas, com o tempo, deixaram de pronunciar o seu nome diretamente, apenas se referindo a ele por meio de associações e abreviações,

ou através de adjetivos como “O Senhor”, “O Salvador”, “O Todo-Poderoso”, “O Deus Altíssimo”, “O Criador” ou “O Supremo”, “O Deus de Israel", ou títulos similares.

Um bom exemplo desse tipo de associação entre Deus e suas características ou ações, bem como da expressão do relacionamento dos homens com deus, ainda fazem-se explícitas em alguns nomes e expressões hebraicas, como *Rafael*, “curado - (*Raf*) - por Deus - (*El*)"; e árabes, por exemplo em “Abdallah”, “servo - (*abd*) - de Deus - (*Allah*)".

Muitas traduções das Bíblias cristãs grafam a palavra, opcionalmente, com a inicial em maiúscula, ou em versalete (**DEUS**), substituindo a transcrição referente ao tetragrama, YHVH, conjuntamente com o uso de SENHOR em versalete, para referenciar que se tratava do *impronunciável* nome de Deus, que, na cultura judaica, era substituído pela pronúncia *Adonay*.

As principais características deste Deus-Supremo seriam:

- a Onipotência: poder absoluto sobre todas as coisas;
- a Onipresença: poder de estar presente em todo lugar; e:
- a Onisciência: poder de saber tudo.
- a Onibenevolência: poder da bondade infinita.

Essas características foram reveladas aos homens através de textos contidos nos livros sagrados, quais sejam:

- o Bagavadguitá, dos hinduístas;
- o Tipitaka, dos budistas;
- o Tanakh, dos judeus;
- o Avesta, dos zoroastrianos;
- a Bíblia, dos cristãos;
- o Livro de Mórmon, dos santos dos últimos dias;
- o Alcorão, dos islâmicos;
- o Guru Granth Sahib dos sikhs;
- o Kitáb-i-Aqdas, dos bahá'ís;
- o Evangelho do Monstro do Espaguete Voador dos ensinamentos do Pastafarianismo.

Esses livros relatam histórias e fatos envolvendo personagens supostamente escolhidos para testemunhar e transmitir a vontade divina na Terra ao povo de seu tempo, tais como:

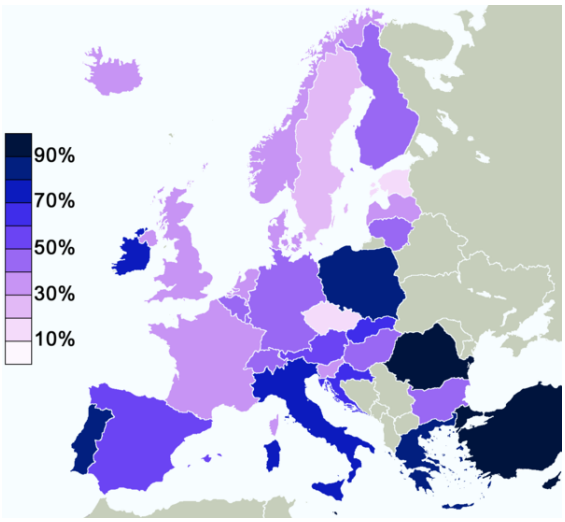
- Abraão e Moisés, na fé judaica, cristã e islâmica;
- Zoroastro, na fé zoroastriana;
- Krishna, na fé hindu;
- Buda, na fé budista;
- Jesus Cristo, na fé cristã e islâmica;
- Maomé, na fé islâmica;
- Guru Nanak, no sikhismo,
- Báb e Bahá'u'lláh, na fé Bahá'í

8.3 A existência de Deus

Ver artigo principal: Existência de Deus

Há milênios, a questão da existência de Deus foi levantada dentro do pensamento do homem. As principais correntes filosóficas que investigam e procuram dar respostas para a questão são:

- Deísmo – Doutrina que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando, para tal fim, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada. O deísmo é uma postura filosófica-religiosa que admite a existência de um Deus criador, mas rejeita a ideia de revelação divina.



Percentagem de pessoas que, em 2005, na Europa, afirmaram acreditar em Deus. Os países da Europa Oriental de maioria ortodoxa (como Grécia e Roménia) ou muçulmana (Turquia) apresentam percentagens mais elevadas.

- Teísmo – O teísmo é um conceito que surgiu no século XVII.[9] Contrapõe-se ao ateísmo, deísmo e panteísmo. O teísmo sustenta a existência de um Deus (oposto ao ateísmo), ser absoluto transcendental (contra o panteísmo), pessoal, vivo, que atua

no mundo através de sua providência, mantendo-o (contra o deísmo). No teísmo a existência de um Deus pode ser provada pela razão e por evidências empíricas, prescindindo da revelação; mas não a negando, contudo. Seu ramo principal é o teísmo Cristão, que fundamenta sua crença em Deus e na Sua revelação sobrenatural através da Bíblia.

- Teísmo agnóstico - Existe ainda o teísmo agnóstico, que é a filosofia que engloba tanto o teísmo quanto o agnosticismo. Um teísta agnóstico é alguém que admite não poder ter conhecimento algum acerca de Deus, mas decide acreditar em Deus mesmo assim. A partir do teísmo se desenvolve a teologia, que é encarada principalmente, mas não exclusivamente, do ponto de vista da fé. Embora tenha suas raízes no teísmo, pode ser aplicada e desenvolvida no âmbito de todas as religiões. Não deve ser confundida com o estudo e codificação dos rituais e legislação de cada credo.

- Agnosticismo – Dentro da visão agnóstica, não é possível provar racional e cientificamente a existência de Deus, como também é igualmente impossível provar a sua inexistência. O agnóstico pode ser teísta ou ateísta, dependendo da posição pessoal de acreditar (sem certeza) na existência ou não de divindades.

- Ateísmo – O ateísmo engloba tanto a *negação* da existência de divindades quanto a simples *ausência da crença* em sua existência.

Em resumo, podem-se distinguir três linhas centrais de pensamento:

Entre os teístas, além das revelações oriundas de livros considerados sagrados, como a Bíblia, muitos argumentam que pode-se conhecer *Deus* e suas qualidades observando a natureza e suas *criações*. Argumentam que existem evidências científicas suficientes que inequivocamente implicam uma fonte de energia ilimitada, e que esta seria o criador da substância do universo. Alegam que, observando a ordem, o poder e a complexidade da criação, tanto macroscópica quanto microscópica, podem inequivocamente concluir pela existência de Deus. Como exemplo, uma das correntes cristãs que defendem tal posição é a dos protestantes norte-americanos engajados no movimento do Desenho Inteligente. William Dembski é um dos defensores dessa linha de pensamento.

Para vários ateístas e agnósticos, a situação é diferente. Para a maioria desses, a definição de Deus, conforme proposta pelos teístas, se faz por sentença não testável frente ao mundo natural, que segue seu curso seguindo regras inexoráveis; e, nesses termos, Deus é sustentado apenas por fé, não havendo razão física natural que permita decisão racional ou a favor ou contra Sua existência. Citam, não raramente, a fim de corroborar seu posicionamento, a postura similar adotada pela ciência moderna; a de que deus(es) transcende(m) aos "tubos de ensaio"; e que, por tal não se pode entrar empiricamente nos “méritos daquEle(s)". Adotam, em essência, o posicionamento definido pela ciência, sendo Marcelo Gleiser um dos defensores dessa linha de pensamento.

Há, ainda, os que vão além, e afirmam que a situação inicial se inverte. Para alguns ateístas a análise fria do universo e do que nele e na Terra ocorre mostra-nos, claramente, que não há um Deus ou mesmo outra deidade onipotente qualquer atrelados. Segundo essa corrente de pensamento, o universo, se fosse projetado e concebido por um ser onipotente, onisciente, justo e paternal - como geralmente definido pelos teístas -, teria, certamente, características muito distintas das cientificamente observadas. Richard Dawkins é um dos mais famosos defensores dessa linha de pensamento.

8.4 Concepções de Deus

Ver artigo principal: Concepções de Deus

As concepções de Deus variam amplamente. Filósofos

Detalhe da capela Sistina: fresco Criação do sol e da lua*, por Michelangelo (completado em 1512).*

e teólogos têm estudado inúmeras concepções de Deus desde o início das civilizações, focando-se sobretudo nas concepções socializadas ou institucionalizadas, já que concepções de Deus formuladas por pessoas individuais usualmente variam tanto que não há claro consenso possível sobre a natureza de Deus.

- As concepções abraâmicas de Deus incluem a visão cristã da Trindade, a definição cabalística de Deus do misticismo judaico, e os conceitos islâmicos de Deus.

- As religiões indianas diferem no seu ponto de vista do divino: pontos de vista de Deus no hinduísmo variam de região para região, seita, e de casta, que vão desde as monoteístas até as politeístas; sendo o ponto de vista sobre Deus no budismo praticamente não teísta.

- Nos tempos modernos, mais alguns conceitos abstratos foram desenvolvidos, tais como teologia do processo e teísmo aberto[10]. O filósofo francês contemporâneo Michel Henry tem proposto entretanto uma definição fenomenológica de Deus como a essência fenomenológica da vida.

- Doutrina espírita – Considera Deus a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas, eterno, imutável, imaterial, único, onipotente e soberanamente justo e bom. Reconhecem a inexorabilidade das leis naturais, contudo todas as leis da natureza são leis divinas, pois Deus é seu autor.

- Martinismo – Nesta doutrina, podemos encontrar no livro *Corpus Hermeticum* a seguinte citação: "vejo o Todo, vejo-me na mente… No céu eu estou, na terra, nas águas, no ar; estou nos animais, nas plantas. Estou no útero, antes do útero, após o útero - estou em todos os lugares."

- Teosofia, baseada numa interpretação não-ortodoxa das doutrinas místicas orientais e ocidentais, afirma que o Universo é, em sua essência, espiritual, e o homem é um ser espiritual em progresso evolutivo cujo ápice é conhecer e integrar a Realidade Fundamental, que é Deus.

- Algumas pessoas especulam que Deus ou os deuses são seres extraterrestres. Muitas dessas teorias sustentam que seres inteligentes provenientes de outros planetas visitaram a Terra no passado e influenciaram no desenvolvimento das religiões. Alguns livros, como o livro "Eram os Deuses Astronautas?" de Erich von Däniken, propõem que tanto os profetas como também os messias foram enviados ao nosso mundo com o objetivo exclusivo de ensinar conceitos morais e encorajar o desenvolvimento da civilização.

- Especula-se também que toda a religiosidade do homem criará no futuro uma entidade chamada Deus, a qual emergirá de uma inteligência artificial. Arthur Charles Clarke, um escritor de ficção científica, disse em uma entrevista que: "Pode ser que nosso destino nesse planeta não seja adorar a Deus, mas sim criá-Lo".

- Vários pensadores de renome e muitos não tão conhecidos especulam que as religiões e mitos são derivados do medo. Medo da morte, medo das doenças, medo das calamidades, medo dos predadores, medo de um "inferno eterno", ou mesmo medo do desconhecido. Com o passar do tempo, essas religiões foram subjugadas sob a tutela das autoridades dominantes, as quais se transformaram em governantes divinos ou enviados pelos deuses. Nessa linha de raciocínio, a religião é vista simplesmente como um meio para se dominar a massa que se vale das fraquezas humanas intrínsecas. Napoleão Bonaparte disse: "o povo não precisa de Deus, mas precisa de religião"; afirmando em essência que a massa necessita de uma doutrina que lhe discipline e lhe estabeleça um rumo, sendo que Deus é um detalhe meramente secundário, o meio para um fim.

8.5 Abordagens teológicas

Ver artigo principal: Teologia

Teólogos e filósofos atribuíram um número de atributos para Deus, incluindo onisciência, onipotência, onipresença, amor perfeito, simplicidade, e eternidade e de existência necessária. Deus tem sido descrito como incorpóreo, um ser com personalidade, a fonte de todos as obrigações morais, e concebido como o melhor ser existente.[2] Estes atributos foram todos atribuídos em diferentes graus por acadêmicos judeus, cristãos e muçulmanos desde épocas anteriores, incluindo Santo Agostinho,[3] Al-Ghazali[4] e Maimônides.[3]

Muitos argumentos desenvolvidos por filósofos medievais para a existência de Deus[4] buscaram compreender as implicações precisas dos atributos divinos. Conciliar alguns desses atributos gerou problemas filosóficos e debates importantes. A exemplo, a onisciência de Deus implica que Deus sabe como agentes livres irão escolher para agir. Se Deus sabe isso, a aparente vontade deles pode ser ilusória, ou o conhecimento não implica predestinação, e se Deus não sabe, então não é onisciente.[11]

Nos últimos séculos, tem-se visto, na filosofia, vigorosas perguntas acerca dos argumentos para a existência de Deus, propostas por filósofos tais como Immanuel Kant, David Hume e Antony Flew. Mesmo Kant, embora considerasse que o argumento de moralidade era válido, fez várias críticas aos usuais argumentos empregados.

A resposta teísta tem sido, usualmente, fundada em argumentos como os de Alvin Plantinga, que afirmam que a fé é "adequadamente básica", ou em argumentos, como Richard Swinburne, fundados na posição evidencialista.[12] Alguns teístas concordam que nenhum dos argumentos para a existência de Deus são vinculativos, mas alegam que a fé não é um produto da razão, mas

exige risco. Não haveria risco, dizem, se os argumentos para a existência de Deus fossem tão sólidos quanto as leis da lógica, uma posição assumida por Pascal bem ao estilo: "O coração tem razões que a razão não conhece."[13]

A maior parte das grandes religiões considera Deus não como uma metáfora, mas um ser que influencia a existência de cada um no dia a dia. Muitos fiéis acreditam na existência de outros seres espirituais, e dão-lhes nomes como anjos, santos, *djinni*, demônios, e devas.

8.5.1 Teísmo e deísmo

O teísmo sustenta que Deus existe realmente, objetivamente, e independentemente do pensamento humano, sustenta que Deus criou tudo; que é onipotente e eterno, e é pessoal, interessado, e responde às orações. Afirma que Deus é tanto imanente e transcendente, portanto, Deus é infinito e de alguma forma, presente em todos os acontecimentos do mundo.

A teologia católica sustenta que Deus é infinitamente simples, e não está sujeito involuntariamente ao tempo. A maioria dos teístas asseguram que Deus é onipotente, onisciente e benevolente, embora esta crença levante questões acerca da responsabilidade de Deus para com o mal e sofrimento no mundo. Alguns teístas atribuem a Deus uma autoconsciência ou uma proposital limitação da onipotência, onisciência, ou benevolência.

O teísmo aberto, pelo contrário, afirma que, devido à natureza do tempo, a onisciência de Deus não significa que a divindade pode prever o futuro. O "Teísmo" é por vezes utilizado para se referir, em geral, para qualquer crença em um Deus ou deuses, ou seja, politeísmo ou monoteísmo.[14][15]

O deísmo afirma que Deus é totalmente transcendente: Deus existe, mas não intervém no mundo para além do que era necessário para criá-lo. Em vista desta situação, Deus não é antropomórfico, e não responde literalmente às orações ou faz milagres acontecerem. É comum no deísmo a crença de que Deus não tem qualquer interesse na humanidade e pode nem sequer ter conhecimento dela.

O pandeísmo e o panendeísmo, respectivamente, combinam as crenças do deísmo com o panteísmo ou panenteísmo.

8.6 Posições científicas e críticas a respeito da ideia de Deus

Stephen Jay Gould propôs uma abordagem dividindo o mundo da filosofia no que ele chamou de "magistérios não sobrepostos". Nessa visão, as questões do sobrenatural, tais como as relacionadas com a existência e a natureza de Deus, são não-empíricas e estão no domínio próprio da teologia. Os métodos da ciência devem ser utilizadas para responder a qualquer questão empírica sobre o mundo natural, e a teologia deve ser usada para responder perguntas sobre o propósito e o valor moral.

Nessa visão, a percepção de falta de qualquer passo empírico do magistério do sobrenatural para eventos naturais faz da ciência o único ator no mundo natural.[16]

Outro ponto de vista, exposto por Richard Dawkins, é que a existência de Deus é uma questão empírica, com o fundamento de que "um universo com um deus seria um tipo completamente diferente de um universo sem deus, e poderia ser uma diferença científica ".[17]

Carl Sagan argumentou que a doutrina de um Criador do Universo era difícil de provar ou rejeitar e que a única descoberta científica concebível que poderia trazer desafio seria um universo infinitamente antigo.[18]

Stephen Hawking argumenta que, em vista das recentes descobertas e avanços da ciência, sobretudo na área da cosmologia, a existência de um deus responsável pela existência e pelos eventos do universo mostra-se não apenas desnecessária mas também altamente improvável, para não dizer incompatível.

8.6.1 Antropomorfismo

🔍Ver artigo principal: Antropomorfismo

Pascal Boyer argumenta que, embora exista uma grande variedade de conceitos sobrenaturais encontrados ao redor do mundo, em geral seres sobrenaturais tendem a se comportar tanto como as pessoas. A construção de deuses e espíritos como as pessoas é um dos melhores traços conhecidos da religião. Ele cita exemplos de mitologia grega, que é, na sua opinião, mais como uma novela moderna do que outros sistemas religiosos.[19] Bertrand du Castel e Timothy Jurgensen demonstram através de formalização que o modelo explicativo de Boyer corresponde ao que a epistemologia física faz ao trabalhar com entidades não diretamente observáveis como intermediários.[20]

O antropólogo Stewart Guthrie afirma que as pessoas projetam características humanas sobre os aspectos não-humanos do mundo porque isso os torna mais familiares e por tal "compreensíveis". Sigmund Freud também sugeriu que os conceitos de Deus são projeções de um pai.[21]

Da mesma forma, Émile Durkheim foi um dos primeiros a sugerir que os deuses representam uma extensão da vida social humana para incluir os seres sobrenaturais. Em linha com esse raciocínio, o psicólogo Matt Rossano afirma que quando os humanos começaram a viver em grupos maiores, eles podem ter criado os deuses como um meio de garantir a moralidade. Em pequenos grupos, a moralidade pode ser executada por forças sociais, como a fofoca ou a reputação. No entanto, é muito mais difícil impor a moral usando as forças sociais em grupos

muito maiores. Ele indica que, ao incluir sempre deuses e espíritos atentos, os humanos descobriram uma estratégia eficaz para a contenção do egoísmo e a construção de grupos mais cooperativos.[22]

O anarquista Mikhail Bakunin faz uma crítica à ideia de Deus, posicionando-O como sendo uma ideia criada pelas elites - reis, senhores de escravos, senhores feudais, sacerdotes, capitalistas etc. - que busca justificar a sociedade autoritária, projetando, ideologicamente, as relações de dominação para o universo como um todo: Deus como *senhor* ou *rei*, e o universo como *escravo* ou *súdito*. A ideia de Deus serviria, segundo ele, como um mero instrumento de dominação cuja função seria fazer os dominados aceitarem sua exploração como se fosse um fato natural, cósmico e eterno, ou seja, um fato do qual não podem fugir, restando-lhes, apenas, a opção de resignarem-se.[23]

8.7 Referências

[1] Para outras perspectivas, há nesta mesma enciclopédia diversos artigos específicos. Uma lista com as principais religiões pode ser encontrada sob título "Anexo:Lista de religiões e tradições espirituais"; e uma lista de divindades encontra-se sob título "Anexo:Lista de divindades".

[2] Swinburne, R.G. “God” in Honderich, Ted. (ed)*The Oxford Companion to Philosophy*, Oxford University Press, 1995.

[3] Edwards, Paul. “Deus e os filósofos” em Honderich, Ted. (ed)*The Oxford Companion to Philosophy*, Oxford University Press, 1995.

[4] Plantinga, Alvin. “Deus, Argumentos para a sua Existência,” *Enciclopédia Routledge de Filosofia*, Routledge, 2000.

[5] A etimologia ulterior é disputada. À parte a hipótese improvável de adoção de uma língua estrangeira, o OTeut. “ghuba” implica como seu tipo pretérito também "*ghodho-m” ou "*ghodto-m”. O anterior não parece admitir explicação; mas o posterior representaria o neutro “pple” da raiz “gheu-". Existem duas raízes arianas da forma requerida ("*g,heu-" with palatal aspirate) uma significando 'invocar' (Skr. “hu”) a outra “a derramar, para oferecer sacrifícios” (Skr “hu”, Gr. χεηι;ν, OE “geotàn” Yete v). OED Compact Edition, G, p. 267

[6] «Michaelis Deus - sm (lat Deus)». 1 O Ser supremo; o espírito infinito e eterno, criador e preservador do Universo. 2 Teol Ente tríplice e uno, infinitamente perfeito, livre e inteligente, criador e regulador do Universo. 3 Cada uma das pessoas da Santíssima Trindade. 4 Indivíduo ou personagem que, por qualidades extraordinárias, se impõe à adoração ou ao amor dos homens. 5 Objeto de um culto, ou de um desejo ardente que se antepõe a todos os outros desejos ou afetos. 6 Cada uma das divindades masculinas do politeísmo. Pl: deuses. Fem: Deusa. Deus-dará: na locução adverbial ao deus-dará: à toa, descuidadamente, a esmo, ao acaso. Nem à mão de Deus Padre: por forma nenhuma, apesar de todas as contradições.

[7] Barton, G. A. (2006). *A Sketch of Semitic Origins: Social and Religious*. [S.l.]: Kessinger Publishing. ISBN 142861575X

[8] Hastings 2003, p. 540.

[9] R. Cudworth, 1678.

[10] «DOES GOD MATTER? A Social-Science Critique». *by Paul Froese and Christopher Bader*. Consultado em 28 de maio de 2007

[11] Wierenga, Edward R. “Divino conhecimento”, em Audi, Robert. *The Cambridge Companion to Philosophy*. Cambridge University Press, 2001.

[12] Beaty, Michael (1991). «God Among the Philosophers». *The Christian Century*. Consultado em 20 de fevereiro de 2007

[13] Pascal, Blaise. *Pensées*, 1669.

[14] «Philosophy of Religion.info - Glossary - Theism, Atheism, and Agonisticism». Philosophy of Religion.info. Consultado em 16 de julho de 2008

[15] «Theism - definiton of thesim by the Free Online Dictionary, Thesaurus and Encyclopedia». TheFreeDictionary. Consultado em 16 de julho de 2008

[16] Dawkins, Richard (2006). *The God Delusion*. Great Britain: Bantam Press. ISBN 0-618-68000-4

[17] Dawkins, Richard. «Why There Almost Certainly Is No God». The Huffington Post. Consultado em 10 de janeiro de 2007

[18] Sagan, Carl (1996). *The Demon Haunted World p.278*. New York: Ballantine Books. ISBN 0-345-40946-9

[19] Boyer, Pascal (2001). *Religion Explained,*. New York: Basic Books. pp. 142–243. ISBN 0-465-00696-5

[20] du Castel, Bertrand; Jurgensen, Timothy M. (2008). *Computer Theology,*. Austin, Texas: Midori Press. pp. 221–222. ISBN 0-9801821-1-5

[21] Barrett, Justin (1996). «Conceptualizing a Nonnatural Entity: Anthropomorphism in God Concepts» (PDF)

[22] Rossano, Matt (2007). «Supernaturalizing Social Life: Religion and the Evolution of Human Cooperation» (PDF). Consultado em 25 de junho de 2009

[23] Mikhail Bakunin, Deus e o Estado (1882)

8.8 Ver também

- Divindade
- Deidade
- Nomes de Deus
- Deusa mãe
- Existência de Deus

8.9 Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças

8.9.1 Texto

- **René Descartes** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes?oldid=48188530 *Contribuidores:* Robbot, Patrick-br, Manuel Anastácio, Joaotg, LeonardoG, Mschlindwein, Marcelo Reis, Mrcl, Jaques O. Carvalho, E2mb0t, Spots128, Juntas, Chico, LeonardoRob0t, Pedrassani, Jic, Ziguratt, JsrWaiSx4RMOS, NTBot, JucaZero, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Gil mnogueira, Jcmo, Clara C., Cralize, Jfpierce~ptwiki, Epinheiro, Slade, Leandromartinez, 333~ptwiki, João Carvalho, Agil, Giro720, Cláudio Aarão Rangel, OS2Warp, 555, Jpsousadias, Manuel de Sousa, Águia, Deusnaoexiste, Lijealso, Vmadeira, Fasouzafreitas, YurikBot, Hugo Abi Karam, Cícero, Gpvos, FlaBot, Guilherme Augusto, Luís Felipe Braga, Joseolgon, Dantadd, Salgueiro, Jorge Morais, LijeBot, Aylons, Jonas Mur, Jo Lorib, Timor, Lucianopinheiro, Filipetbd, Reynaldo, Nice poa, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Escarbot, Franciosi, Santista1982, Belanidia, Daimore, BOT-Superzerocool, JAnDbot, Alchimista, Luiza Teles, MarceloB, Delemon, André Teixeira Lima, Carlospintobr, CommonsDelinker, Jack Bauer00, Alexanderps, Acscosta, Stego, Immanis, Rjclaudio, Idioma-bot, EuTuga, Marcostog, Der kenner, Luckas Blade, Spoladore, Carlos28, TXiKiBoT, Tumnus, VolkovBot, SieBot, Francisco Leandro, Jafundo, Synthebot, Yone Fernandes, BOTijo, Cdmafra, Snifh, Fabsouza1, YonaBot, Teles, Vini 175, Mário Henrique, Jeferson, AlleborgoBot, Azai~ptwiki, Zdtrlik, GOE, Kaktus Kid, Geraldo neto, Gerakibot, Raoul Eugene, Burmeister, Oi999, Kutova, Kim richard, Arthemius x, Heiligenfeld, Wybot, DragonBot, Alexandrepastre, RafaAzevedo, LOoOl, Arley, RadiX, Wanker54, Leone Melo, Pietro Roveri, Lockalbot, Vitor Mazuco, Mumba, SpBot, Cezartb, ChristianH, Numbo3-bot, Luckas-bot, LinkFA-Bot, JohnNobody, Feliciomendes, Elísio12, Nallimbot, Van Dijck, Luiz F. Fritz, Jonathan Malavolta, Millennium bug, Vanthorn, Salebot, Xxfandangosxx, Yonidebot, ArthurBot, Niva Neto, Vitorvicentevalente, Vinicius Lima, Matheus-sma, SuperBraulio13, Mobyduck, Xqbot, GhalyBot, Gean, Darwinius, SassoBot, LucienBOT, RibotBOT, Ewq, Vini nogueira, Ts42, MauritsBot, Faustino.F, Rothorpe, RedBot, CasteloBot, Kaique Camargo, OnlyJonny, TobeBot, Braswiki, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, TjBot, Ripchip Bot, Viniciusmc, Dbastro, Tiago Peixoto, Ninux2000, Aleph Bot, EmausBot, HRoestBot, Érico, Salamat, Hallel, Jbribeiro1, Nezdek, Bruno Fernandes Bernardo, RickJ~ptwiki, Stuckkey, WikitanvirBot, Sicupira, Leytor, Eonzoikos, Colaborador Z, Adinael Neri, MerlIwBot, Antero de Quintal, PauloEduardo, J.Cajuru, Rodrigolopes, Gabriel Yuji, Alberto79, Épico, HiW-Bot, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Zoldyick, CzarJoule, Enoxon, Victormgons, JYBot, Dexbot, Raul Caarvalho, FrancisAkio, Mirelli Navarra, Leon saudanha, Hume42, Önni, Legobot, Jvbignacio9, Hist2, Holdfz, Jackgba, Izahias, Leandrocac, Iberley Silva Junior, Jordeň, Marcos dias de oliveira, Caiquemmf, José Ruela, Athena in Wonderland, Manuuuhhh, Kellinda4321, Worldreference, Tiitanium, Ixocactus, Nakinn, Werlinton, Henrique da Cunha, Vítor, Wikimasterbz, Emulador tag, Cadumartins, Ppk do mau, Rodrigo P. Rokitzki e Anónimo: 551
- **Discurso sobre o Método** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Discurso_sobre_o_M%C3%A9todo?oldid=46091872 *Contribuidores:* Robbot, Manuel Anastácio, Joaotg, Muriel Gottrop, Mschlindwein, Marcelo Reis, Gbiten, LeonardoRob0t, Lusitana, Santana-freitas, Indech, NTBot, RobotQuistnix, Rei-artur, Leslie, Agil, OS2Warp, Lampiao, FML, Águia, Severino666, Fasouzafreitas, YurikBot, JLCA, Gdamasceno, Fernando S. Aldado, Salgueiro, Jo Lorib, He7d3r, Fulviusbsas, Reynaldo, Thijs!bot, Rei-bot, Franciosi, TuvicBot, Ingowilges, Daimore, JAnDbot, Delemon, CommonsDelinker, Augusto Reynaldo Caetano Shereiber, TXiKiBoT, Tumnus, Gunnex, SieBot, Rautopia, Mário Henrique, AlleborgoBot, Zdtrlik, GOE, Auréola, RafaAzevedo, Ebalter, Pietro Roveri, OffsBlink, Mumba, ChristianH, Numbo3-bot, Nallimbot, Amirobot, Ptbotgourou, GoeBOThe, Salebot, Lauro Chieza de Carvalho, Lucasnar, Xqbot, Darwinius, Laumaia, Jeremiasmezenga, Marcos Elias de Oliveira Júnior, Viniciusmc, Aleph Bot, EmausBot, JorgePP, Antero de Quintal, Marcus Gêmeos, Aerolitz, Makecat-bot, WolfgangAzureus, Legobot e Anónimo: 42
- **Racionalismo** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Racionalismo?oldid=48359124 *Contribuidores:* Manuel Anastácio, Angeloleithold, LauraMarques, Rei-artur, Leslie, Giro720, OS2Warp, 555, Wesleymferreira, Lijealso, Porantim, FlaBot, Arges, Crislena~ptwiki, Xandi, Jo Lorib, Hítalo Viana, He7d3r, Reynaldo, FSogumo, Marcelo Victor, Rei-bot, Daimore, JAnDbot, Delemon, Bisbis, Barão de Itararé, Augusto Reynaldo Caetano Shereiber, Idioma-bot, Luckas Blade, TXiKiBoT, VolkovBot, SieBot, Yone Fernandes, Teles, Vini 175, Jeferson, JBarreto, Victor Andrade, Kim richard, Arthemius x, Heiligenfeld, Alexbot, RadiX, LiaC, Pietro Roveri, OffsBlink, Vitor Mazuco, CarsracBot, Luckas-bot, Tcm1010, Muro Bot, Nevinho, Lucia Bot, Eamaral, Millennium bug, Vanthorn, Salebot, Vitorvicentevalente, XZeroBot, SuperBraulio13, GhalyBot, Darwinius, Faustino.F, Marcos Elias de Oliveira Júnior, KamikazeBot, HVL, TjBot, Dbastro, Capitão Pirata Bruxo, Aleph Bot, EmausBot, Antoniomax, Joao.pimentel.ferreira, Érico, Sylvio Sant, Salamat, Stuckkey, Mateus95860, Eonzoikos, Antero de Quintal, Épico, J. A. S. Ferreira, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Zoldyick, Bruno1604, Leon saudanha, Hume42, Prima.philosophia, Legobot, ArgonSim, JMCF125, Joaopalotti, Jackgba, Ixocactus, O revolucionário aliado, Wikimasterbz, Mr. Fulano, Aspargos e Anónimo: 169
- **Baruch Espinoza** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza?oldid=48186752 *Contribuidores:* Patrick-br, Manuel Anastácio, Joaotg, Mschlindwein, Rui Silva, E2mb0t, Chico, LeonardoRob0t, NTBot, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Leslie, Clara C., Carlos Luis M C da Cruz, OS2Warp, Lampiao, Cesarschirmer, Manuel de Sousa, Águia, Adailton, Gazilion, Lijealso, 1978, Vmadeira, Fasouzafreitas, YurikBot, Porantim, Roberto Cruz, Chlewbot, Dantadd, LijeBot, Mastermorfeu, Jonas Mur, Antonio Prates, Jo Lorib, Davemustaine, Everton137, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, JAnDbot, ZackTheJack, Fabio Rocha, Pintopc, Bodof, Amadeo, Rjclaudio, Idioma-bot, Luckas Blade, Matheusbonibittencourt, TXiKiBoT, VolkovBot, SieBot, Francisco Leandro, Yone Fernandes, Jcband, OTAVIO1981, Hermógenes Teixeira Pinto Filho, Dielmar, AlleborgoBot, Zdtrlik, Kaktus Kid, Exutilizador, PipepBot, Maañón, LeoBot, JohnR, Beria, DragonBot, Carrion, Robertobrandao, RafaAzevedo, Alexbot, RadiX, Navegador007, BodhisattvaBot, Ebalter, SilvonenBot, Pietro Roveri, OffsBlink, Vitor Mazuco, Joaosac, Fabiano Tatsch, NjardarBot, Numbo3-bot, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Feliciomendes, Lara O. Soares, Fffraga, Nallimbot, Ptbotgourou, Vanthorn, Salebot, Yonidebot, SuperBraulio13, Xqbot, Darwinius, SassoBot, Ishiai, Um simples Wikipedista, MauritsBot, OnlyJonny, TobeBot, Braswiki, Dinamik-bot, HVL, Erico Tachizawa, Ripchip Bot, Stormwatch, DixonDBot, EmausBot, JackieBot, ZéroBot, Érico, ChuispastonBot, Stuckkey, Southamerican, MerlIwBot, Gabriel Yuji, J. A. S. Ferreira, Ricardo rivaldo, Kascyo, DARIO SEVERI, Musashijapan, Shgür Datsügen, Zoldyick, Brighella11, OctavioMilliet, Privatesteverogers, Dexbot, Leon saudanha, Legobot, Angelica Pecego, Ruidini Inglês, Marcos dias de oliveira, MCarsten, Calibrianos, Nakinn, GualdimG, GünniX, Railson David Silva Nascimento, Rodrigo Roderico e Anónimo: 147
- **Immanuel Kant** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Immanuel_Kant?oldid=48399251 *Contribuidores:* Jorge~ptwiki, Robbot, Plataformista, Manuel Anastácio, Joaotg, LeonardoG, Muriel Gottrop, Mschlindwein, Marcelo Reis, Andreas Herzog, Koenige, E2mb0t, Mário e Dário, Juntas, Chico, LeonardoRob0t, Celso Candido, Pedrassani, Jic, Alexg, Ziguratt, Lusitana, Santana-freitas, Get It, NTBot, RobotQuistnix, JP Watrin, Gil mnogueira, Leslie, Clara C., Epinheiro, Leandromartinez, 333~ptwiki, João Carvalho, Bernardo Coelho, Abmac, Agil, Giro720, Yurik, OS2Warp, Cesarschirmer, Adailton, Lijealso, Fasouzafreitas, YurikBot, Porantim, Gdamasceno, Fernando S. Aldado, Gpvos, Mataios, PTLux, Martiniano Hilário, Adamlorenz, FlaBot, Mosca, MalafayaBot, Arges, Tilgon, Chlewbot, Dantadd, Andrevruas, LijeBot, DrLutz, SOAD KoRn, Webysther, NMaia, Rafael Castelo, Antonio Prates, Jo Lorib, Rbpinto, Reynaldo, Vigia, GoEThe,

FSogumo, Nemracc, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Luisffmendes, Escarbot, Belanidia, Ingowilges, Daimore, JSSX, Ana Carolina Silva, Kikadue~ptwiki, Pirauá, Fabiobarros, JAnDbot, Alchimista, RGarbelini, Luiza Teles, Rodrigo Padula, Bisbis, BetBot~ptwiki, Barão de Itararé, CommonsDelinker, Alexanderps, Rjclaudio, Idioma-bot, Luckas Blade, Spoladore, Carlos28, Matheusbonibittencourt, TXiKiBoT, WaldirBot, Gunnex, VolkovBot, SieBot, Synthebot, Saulimmoreira, Lechatjaune, Yone Fernandes, Raphael Bortoli, Mcz.fea, MarcelaK., Teles, Vini 175, AlleborgoBot, GOE, Kaktus Kid, Merrill, Exutilizador, Phdefranceschi, Heiligenfeld, Beria, Mariazinha siri, RafaAzevedo, LOoOl, Alexbot, Lourencoalmada, Arley, RadiX, Nivaldo Neto, LiaC, Leone Melo, Pietro Roveri, Digasso349, Vitor Mazuco, Rklz~ptwiki, CarsracBot, ChristianH, Numbo3-bot, ThrasherÜbermensch, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Eugênioxx7, Feliciomendes, Nevinho, Mateus Trigo, Diss poa, Kroenen magnus, Nallimbot, Contagemwiki, Ptbotgourou, Luiz F. Fritz, Millennium bug, CasperBraske, Mppalermo, Salebot, ArthurBot, Niva Neto, Rafgco, DirlBot, ABRAFP, Xqbot, Lépton, JotaCartas, Gean, Darwinius, Gullit Torres, SassoBot, RibotBOT, Um IP, Wikicorretor, Ts42, Faustino.F, RedBot, Mr.jonathan89, CasteloBot, TobeBot, Jsp722, Rjbot, Felipemp93, Braswiki, HVL, Wendel Rosa Borges, TjBot, Ripchip Bot, Simone forte, Opraco, Pubioermeson, Crash Overclock, Defender, Aleph Bot, EmausBot, Дубопробка, Érico, Salamat, Reporter, Stuckkey, WikitanvirBot, Mjbmrbot, Bruno Meireles, Alvaro Azevedo Moura, Eonzoikos, Colaborador Z, Murilo Campos, MerlIwBot, L'editeur, Antero de Quintal, Rodrigolopes, Épico, J. A. S. Ferreira, Luizpuodzius, Marcgovi, Dianakc, Labatevic, Edonis, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Zoldyick, Max51, M.utt, Jml3, Enoxon, Gelehrter11, Dexbot, Spartacus VT, FrancisAkio, Hume42, T3chn0k, Önni, Legobot, EVinente, Hist2, Plasticinax, Mfanfa, Henrique sousa pereira, Carlos Rodrigo Maia, MCarsten, Br rbth, Tiitanium, Ixocactus, Nakinn, Picknick, Wikimasterbz, Mbassis, Ever Jobim, Murilonext, HopeBell, Telles Ferreira, Liury Nascimento, Contreiras45, Aspargos, KKKKK123, Lnmb e Anónimo: 415

- **Jean-Jacques Rousseau** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau?oldid=48412782 *Contribuidores:* Plataformista, PauloColacino, Manuel Anastácio, Joaotg, Muriel Gottrop, Mschlindwein, Gauss, Mrcl, Andreas Herzog, NH~ptwiki, E2mb0t, LeonardoRob0t, Ziguratt, Get It, Gcoliveira, NTBot, Getbot, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Simoes, Ciro~ptwiki, 333~ptwiki, André Koehne, Jrenan, Agil, Giro720, OS2Warp, Marcoavgdm, Cesarschirmer, Águia, Adailton, Belegurth, Lijealso, Fasouzafreitas, YurikBot, Hbpasti, Bonás, Martiniano Hilário, Adamlorenz, FlaBot, Tucalipe, Thomasbrasil, Mosca, Eduardoferreira, Arges, Tilgon, Dantadd, Xandi, Florinha, Marcos Viana "Pinguim", Jo Lorib, Reynaldo, FSogumo, Nemracc, Marcelo Victor, Yanguas, Thijs!bot, Homemdodedo, MachoCarioca, Rei-bot, Darkknight, Escarbot, Biologo32, Belanidia, Daimore, BOT-Superzerocool, MSBOT, JAnDbot, Pilha, MarceloB, Bisbis, Barão de Itararé, CommonsDelinker, Pintopc, Alexanderps, Amadeo, Eric Duff, Robertofreda, Mateus RM, Der kenner, Carlos28, TXiKiBoT, Tumnus, Hmy1968, VolkovBot, SieBot, Francisco Leandro, Synthebot, Aoaassis, Lechatjaune, Yone Fernandes, BOTijo, YonaBot, Teles, BotMultichill, Jeferson, Agiesbrecht, Renatops, Kaktus Kid, GOE2, Gerakibot, PipepBot, WikiBotas, Phaby, LeoBot, Inox, Beria, Alexandrepastre, Mariazinha siri, Auria Desira, RafaAzevedo, BOTarate, Cafu05, Lourencoalmada, RadiX, BotSottile, SilvonenBot, Sampayu, Pietro Roveri, Vini 17bot5, Kikobarbada, Brmv1994, Vitor Mazuco, Maurício I, NjardarBot, ChristianH, Numbo3-bot, Luckas-bot, Aeroparque, Feliciomendes, Jota zorzi, Jussaraufrgs, Ezs, Tamirezpaim, Ana Paula Madruga, Amirobot, Ptbotgourou, Sethemanuel, Davidr~ptwiki, Luiz F. Fritz, Millennium bug, Leosls, Vanthorn, Salebot, DumZiBoT, Andruskastelli, Tifece, Matheus-sma, Borowskki, Lord Mota, Xqbot, PViz, GhalyBot, Gean, Almabot, Carmem Toledo, Darwinius, LucienBOT, RibotBOT, ThiagoRuiz, Ts42, Leonidas Metello, João Vítor Vieira, CasteloBot, Tuga1143, Funkhauser, Braswiki, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Rafael Kenneth, Viniciusmc, Felipe martins vieira, Vivssb, DixonDBot, Marcos canbeiro, Aleph Bot, EmausBot, Érico, Salamat, Hallel, JustinDecker1, Matheusinho franco, Sadaspoeta, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Alvaro Azevedo Moura, PedR, Colaborador Z, MerlIwBot, L'editeur, Antero de Quintal, PauloEduardo, Gustavo Augusto R. Abreu, Épico, Luís Locke, J. A. S. Ferreira, Kascyo, Hipersyl, Outis, Edonis, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Zoldyick, TaahCaaroline, Jml3, Laczkowski, Alaiyo, Dieguinho2998, Scriswap, FrancisAkio, Leon saudanha, Hume42, Önni, Legobot, ArgonSim, EVinente, Holdfz, Victor R12, Sphynx-SN, Papai da pascoal, Athena in Wonderland, Igueto, Paola Lobo, Nakinn, Stanglavine, Urticaurens, Jozinelson, Laishshshs, RodrigoAndradet, Sidmar World Log, Jessika Lorena Silva, Telles Ferreira, Bradovito7890, Pablo Oliveira Porto, Donatella1104, Agent010, Xutzão e Anónimo: 471

- **Friedrich Nietzsche** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Nietzsche?oldid=48398939 *Contribuidores:* Robbot, Patrick-br, Manuel Anastácio, Joaotg, Scott MacLean, LeonardoG, Paul Beppler~ptwiki, Robin Hood~ptwiki, Mschlindwein, Renato, Rui Malheiro, Mrcl, Andreas Herzog, Flávio Costa, E2mb0t, Mário e Dário, Juntas, Chico, LeonardoRob0t, Celso Candido, Jic, Ziguratt, Ikescs, Lusitana, Campani, Gameiro, Mesh, Whooligan, Get It, Indech, NTBot, Getbot, RobotQuistnix, JP Watrin, Gil mnogueira, Leslie, Sturm, Clara C., Caiopolesi, Bijurwolff, Tschulz, Gabrielquinteiro, Leandromartinez, 333~ptwiki, João Carvalho, Bebeto maya, 999, Fsousa, Chaves, Until, Agil, Giro720, Jahnke, OS2Warp, 555, Águia, Chobot, Adailton, Zwobot, Jorunn, Lijealso, Fasouzafreitas, YurikBot, Porantim, Gpvos, Mateus Davi, Damorais, FlaBot, Mosca, Neko, MalafayaBot, Arges, Dantadd, Leonardo.stabile, Guinho br, Xandi, Tamosauskas, Retornaire, Rafael Castelo, Dpc01, Niedson, Al Lemos, Johann Wartzmann, Nice poa, GoEThe, Nemracc, Sam~ptwiki, Yanguas, Thijs!bot, Jml, Rei-bot, GRS73, Luisffmendes, Leandrovieira, Belanidia, Daimore, BOT-Superzerocool, JAnDbot, Delemon, Bisbis, Asbenicio, Gulart, CommonsDelinker, Alcivio, Fabio Rocha, Augusto Reynaldo Caetano Shereiber, Alexanderps, Rjclaudio, BNK78, Idioma-bot, Der kenner, Fábio San Juan, Luckas Blade, Carlos28, Matheusbonibittencourt, TXiKiBoT, Mec-rpscn, Hugomn, Theshotgun, WaldirBot, Gunnex, VolkovBot, SieBot, Anello, Francisco Leandro, Joao emiliano1978, Lechatjaune, Yone Fernandes, Rima961, Fabsouza1, Teles, Evan do carmo, Vini 175, BotMultichill, Mestre Yoda, GOE, Kaktus Kid, Amaureks, Victor Andrade, Cbeloni, Burmeister, Esopo, LeoBot, Leonardo.Farroco, DragonBot, Pascoal IV, Joaogabriel1, LvxSinistrae, Tinacalysto, RafaAzevedo, AltCtrlDel, Nietzs, Alexbot, RadiX, LiaC, Catuireal, Pietro Roveri, !Silent, OffsBlink, Vitor Mazuco, Louperibot, FiriBot, Ifranc, ChristianH, Numbo3-bot, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Sardur, Martin H., Eugênioxx7, Feliciomendes, Marcosgoulart, Mateus Trigo, Fernandops05, Eamaral, Leosls, Vanthorn, Zxabot, Salebot, ArthurBot, Lenildo7, Coltsfan, Luizgsf, António Rego Chaves, Mobyduck, Xqbot, Lépton, GhalyBot, JotaCartas, Almabot, Rubinbot, Kingvithorkingvithor, Onjacktallcuca, Darwinius, Holder, RibotBOT, CasteloBot, TobeBot, Fulcanelli, Wikibrazilian, Alch Bot, Felipemp93, Euproprio, Braswiki, Robskin, KamikazeBot, HVL, Castrogfx, Erico Tachizawa, Viniciusmc, Marcelo Henrique Bittencourt, Alyssonvasconcelos, Davidbuzatto, Aleph Bot, Neomedes, EmausBot, Autophos, ZéroBot, Érico, Fpenteado~ptwiki, Hallel, JustinDecker1, Lissa3, Stuckkey, WikitanvirBot, RomanoZattoni, Dhamaru, Noiped, Colaborador Z, DougTyler, Joao AMA, MerlIwBot, L'editeur, Edisonqv, Antero de Quintal, Aleth Bot, Max Changmin, Dianakc, Edonis, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Zoldyick, Ranildo Adyl, Bya97, Oxe, Dexbot, Zé Paribano, Leon saudanha, Gusta, Önni, Legobot, Fram Moraes, EVinente, Holdfz, TheVulcan, Paulo Argolo, Merck77, Lokao37, Luiz Joaquim Silva, MCarsten, Athena in Wonderland, Sherlock Holmes132g, Ixocactus, Luffyfred, O revolucionário aliado, Cezar Prado, Matheus dias santos, Gato Preto, Jailson Mendes montado em um unicornio, Ahduyah e Anónimo: 520

- **Deus** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Deus?oldid=47404551 *Contribuidores:* Jorge~ptwiki, Robbot, Luis Dantas, JMGM, Manuel Anastácio, Harshmellow, Philipi, Paul Beppler~ptwiki, Mschlindwein, Pedro Aguiar, Gbiten, Paddy, E2mb0t, Chico, LeonardoRob0t, Leonardo Alves, Lusitana, Santana-freitas, Campani, Nuno Tavares, Get It, Arouck, Fsolda, Rei-artur, Leslie, Marcelo-Silva, Epinheiro, Gabrielquinteiro, Leandromartinez, João Carvalho, Aflm, Fneres, Flipperpaulista, Agil, Giro720, Carlos Luis M C da Cruz, Waldirsousa, OS2Warp, Lampiao, 555, FML, Macfly, Adailton, Daniduc, Rblaurindo, Mateus Hidalgo, Lijealso, Vmadeira, Fasouzafreitas, Chronos Phaenon, Cícero, Fábio Soldá, JLCA, Porantim, Gpvos, Rikadus, J alio, Wilson simão, Roberto Cruz, Ricardo630, FlaBot, Herculano-DeBiasi, SallesNeto BR, Mosca, Wcpinho, Arges, Joseolgon, PatríciaR, Chlewbot, Dantadd, Fernando Bilinski, Xandi, LijeBot, DrLutz,

Tamosauskas, ISoron, Marceloklotz, Yannick Matos, Dsabba77, Abviana, Albertguedes, Drianis, Luiz Jr, Alberto Leôncio, Marcelo Victor, Yanguas, Thijs!bot, Samin Shams, Rei-bot, GRS73, Daniel Vale, Escarbot, Dr.Stefano, Wmarcosw, Daimore, JSSX, Jmbgouveia, JAnDbot, Alchimista, Thiago R Ramos, Ramontessmann, Pilha, Luiza Teles, AdriAg, Alquimista Digital, Bisbis, Albmont, Barão de Itararé, Observatore, LuxtheGuide, Augusto Reynaldo Caetano Shereiber, Jack Bauer00, Alexanderps, CamarAzevedo, Rjclaudio, Henriquemares, Raf.lozano, Idioma-bot, John André, Der kenner, Rpxx, Luckas Blade, Carlos28, Tumnus, Theshotgun, V. D. Bessa, Gunnex, VolkovBot, SieBot, DGuy, Lechatjaune, Palsy rangel, Augusto viegas, OTAVIO1981, Teles, Casa das raizes, Vini 175, Pop007, Arievilo, GOE, Byrialbot, GOE2, Tetraktys, Havoc665, Chronus, Leandro Drudo, Shaka Ha-Ti-Shik, Lucifer666~ptwiki, Arthemius x, Amats, Heiligenfeld, LeoBot, Beria, DutchDevil, Washingtongff, RafaAzevedo, RadiX, 2(L.L.K.)2, BotSottile, MelM, SilvonenBot, !Silent, OffsBlink, Vitor Mazuco, Louperibot, Joaosac, CarsracBot, Carlos-PC, ChristianH, Numbo3-bot, Mr.Yahoo!, Luckas-bot, Paulotanner, LaaknorBot, Nallimbot, LuanSP, Eamaral, Luiz F. Fritz, Millennium bug, Leosls, Solimarmar, Vanthorn, Salebot, Rios Lopes, Yonidebot, Roberto de Lyra, Jackiestud, Lauro Chieza de Carvalho, Alumnum, Sexugi, Xocolocoxoco, Xqbot, God1, Lépton, JotaCartas, Gean, Darwinius, Adolfo Romes, Hyju, RibotBOT, ThiagoRuiz, Maribiu, MisterSanderson, João Vítor Vieira, Faustino.F, D'ohBot, MastiBot, Zeus baco, RodrigoFMattos, TobeBot, Rjbot, Braswiki, Stegop, Dinamik-bot, Marcos Elias de Oliveira Júnior, KamikazeBot, Caleshn1, HVL, Nanny321, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, Viniciusmc, WikiFer, Judas350, Tiago Peixoto, DixonDBot, Crash Overclock, Filhodopapai, Ninux2000, Aleph Bot, EmausBot, ZéroBot, Érico, Xxhenryxx, Renato de carvalho ferreira, Filipe Artur Martins, Salamat, Hallel, Ruan Barbosa Lima, Jbribeiro1, MetalBrasil, Paulostahnke, Pericles Morais, RickJ~ptwiki, Alrs, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Mjbmrbot, Ricktails, Bruno Meireles, Leytor, Jefferson055, PedR, Colaborador Z, Victor H. F. Moreira, EuEstouAquiHoje, MerlIwBot, Praqniick, Antero de Quintal, Aleth Bot, PauloEduardo, Luke Ribeiro, Eliezer melo alves, Vagobot, Gabriel Yuji, Épico, AvocatoBot, J. A. S. Ferreira, Luizpuodzius, Max Changmin, Marcos Andes, Gigante-de-gelo, DARIO SEVERI, JhsBot, Gilberto Bruno, Shgür Datsügen, Olimar Nascimento dos Santos, Zoldyick, Brenozo, Nathanael Everton, Darosgama, Raul Caarvalho, XMASTERPUMAX, Prima.philosophia, Legobot, ArgonSim, Sir Wederson Winchester, Caçador de Palavras, Helena1102, Diga Sério Comendador, Frainer swicks, Holdfz, Dark-Y, Piroga de cristal, Kurophoenixdl, Marcos dias de oliveira, Prgodoi, Henrique Hiago, Nerd Feliz, Gregório de Lima, Ixocactus, Wellington Zirploide, Guizerass, Koewesz, ArlãSartori, Sanchocesario, Anonimo123654878, Jpbomfimmedeiro, Ademirfilho7766, Rosbife, RodrigoAndradet, Bibliofernando e Anónimo: 454

8.9.2 Imagens

- **Ficheiro:Blc_turambeat-flores.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Blc_turambeat-flores.jpg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Transferido de pt.wikipedia para o Commons. *Artista original:* Este ficheiro foi inicialmente carregado por Monocromatico em Wikipédia em português
- **Ficheiro:Books-aj.svg_aj_ashton_01.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c2/Books-aj.svg_aj_ashton_01.png *Licença:* CC0 *Contribuidores:* https://openclipart.org/detail/105859/booksajsvg-aj-ashton-01 *Artista original:* AJ on openclipart.org
- **Ficheiro:Broom_icon.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2c/Broom_icon.svg *Licença:* GPL *Contribuidores:* http://www.kde-look.org/content/show.php?content=29699 *Artista original:* gg3po (Tony Tony), SVG version by User:Booyabazooka
- **Ficheiro:Cartesiano.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/44/Cartesiano.png *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Commons-logo.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Commons-logo.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* This version created by Pumbaa, using a proper partial circle and SVG geometry features. (Former versions used to be slightly warped.) *Artista original:* SVG version was created by User:Grunt and cleaned up by 3247, based on the earlier PNG version, created by Reidab.
- **Ficheiro:Creation_of_the_Sun_and_Moon_face_detail.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d0/Creation_of_the_Sun_and_Moon_face_detail.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Desconhecido *Artista original:* Michelangelo
- **Ficheiro:Crystal_Clear_app_Login_Manager.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ca/Crystal_Clear_app_Login_Manager.png *Licença:* LGPL *Contribuidores:* All Crystal Clear icons were posted by the author as LGPL on kde-look; *Artista original:* Everaldo Coelho and YellowIcon;
- **Ficheiro:DBP_-_250_Jahre_Immanuel_Kant_-_90_Pfennig_-_1974.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8d/DBP_-_250_Jahre_Immanuel_Kant_-_90_Pfennig_-_1974.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* scanned by NobbiP *Artista original:* scanned by NobbiP
- **Ficheiro:Descartes_Discours_de_la_Methode.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3f/Descartes_Discours_de_la_Methode.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Details-Job_Confessing_his_Presumption_to_God-Blake.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/Details-Job_Confessing_his_Presumption_to_God-Blake.png *Licença:* Public domain *Contribuidores:* William Blake Archive *Artista original:* William Blake
- **Ficheiro:Disambig_grey.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Disambig_grey.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Bub's
- **Ficheiro:Europe_belief_in_god.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3e/Europe_belief_in_god.png *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Own work based on Eurobarometer's 2005 pool results (ebs 225 report en.pdf, *pp.* 9). *Artista original:* See [#File_history file history] below.
- **Ficheiro:Flag_of_France.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c3/Flag_of_France.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* http://web.archive.org/web/*/http://www.diplomatie.gouv.fr/de/frankreich_3/frankreich-entdecken_244/portrat-frankreichs_247/die-symbole-der-franzosischen-republik_260/trikolore-die-nationalfahne_114.html *Artista original:* Este gráfico foi desenhado pelo utilizador SKopp.
- **Ficheiro:Flag_of_Germany.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/ba/Flag_of_Germany.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Flag_of_Prussia_(1892-1918).svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/Flag_of_Prussia_%281892-1918%29.svg *Licença:* Copyrighted free use *Contribuidores:* Own Work, Custom Creation according to the flag description *Artista original:* Drawing created by David Liuzzo

- **Ficheiro:Flag_of_Sweden.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4c/Flag_of_Sweden.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* This flag is regulated by Swedish Law, Act 1970:498, which states that *"in commercial activities, the coats of arms, the flag or other official insignia of Sweden may not be used in a trademark or other insignia for products or services without proper authorization. This includes any mark or text referring to the Swedish government which thus can give the commercial mark a sign of official endorsement. This includes municipal coats of arms which are registered."* http://www.notisum.se/rnp/sls/lag/19700498.HTM] *Artista original:* Jon Harald Søby and others. All authors are listed in the "File versions" section below.
- **Ficheiro:Flag_of_Switzerland.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f3/Flag_of_Switzerland.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* PDF Colors Construction sheet *Artista original:* User:Marc Mongenet

Credits:

- **Ficheiro:Flag_of_the_German_Empire.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Flag_of_the_German_Empire.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Recoloured Image:Flag of Germany (2-3).svg *Artista original:* User:B1mbo and User:Madden
- **Ficheiro:Frans_Hals_-_Portret_van_René_Descartes.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/73/Frans_Hals_-_Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* André Hatala [e.a.] (1997) *De eeuw van Rembrandt*, Bruxelles: Crédit communal de Belgique, ISBN 2-908388-32-4. *Artista original:* Após Frans Hals (1582/1583–1666)
- **Ficheiro:FriedrichNietzscheTurin.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/df/FriedrichNietzscheTurin.jpg *Licença:* GFDL *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* DWRZ David Wen Riccardi-Zhu
- **Ficheiro:Friedrich_Nietzsche_Signature.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/26/Friedrich_Nietzsche_Signature.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Traced in Adobe Illustrator from File:Nietzsche - Ainsi parlait Zarathoustra.djvu *Artista original:* Friedrich Nietzsche
- **Ficheiro:Immanuel_Kant_(painted_portrait).jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/43/Immanuel_Kant_%28painted_portrait%29.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* /History/Carnegie/kant/portrait.html *Artista original:* Anônimo
- **Ficheiro:Immanuel_Kant_(portrait).jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Immanuel_Kant_%28portrait%29.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* https://web.archive.org/web/20060223123905/http://www.jhu.edu/~{}phil/kant-hegelconference/main.htm *Artista original:* J. L. Raab, after a painting by Döbler
- **Ficheiro:Immanuelkant.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/77/Immanuelkant.JPG *Licença:* CC BY 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Andrevruas
- **Ficheiro:Jean-Jacques_Rousseau_(painted_portrait).jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b7/Jean-Jacques_Rousseau_%28painted_portrait%29.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Desconhecido *Artista original:* Maurice Quentin de La Tour
- **Ficheiro:Jean-Jacques_Rousseau_Signature.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/52/Jean-Jacques_Rousseau_Signature.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* http://iperceptive.com/topquotes/rousseau_top_quotes.html *Artista original:* Jean-Jacques Rousseau
- **Ficheiro:Kant-KdrV-1781.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b9/Kant-KdrV-1781.png *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Kant_kaliningrad2.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b6/Kant_kaliningrad2.png *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* kyselak
- **Ficheiro:Magnifying_glass_01.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Magnifying_glass_01.svg *Licença:* CC0 *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Nietzsche-mae.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/Nietzsche-mae.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Originally from pt.wikipedia; description page is/was here. *Artista original:* Original uploader was Sturm at pt.wikipedia
- **Ficheiro:Nietzsche.later.years.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Nietzsche.later.years.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Nietzsche1861.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7f/Nietzsche1861.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Scan processed by Anton (2005). Free to use according to *Artista original:* Desconhecido
- **Ficheiro:Nietzsche187a.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1b/Nietzsche187a.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/04/10/0b/04100baec90c105729b47f33c371476b.jpg *Artista original:* Photography by F. Hartmann in Basel
- **Ficheiro:Nietzsche187b.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e2/Nietzsche187b.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Scan processed by Anton (2005) *Artista original:* Desconhecido
- **Ficheiro:Nietzsche187c.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f4/Nietzsche187c.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* http://ora-web.swkk.de/nie_brief_online/nietzsche.digitalisate?id=234&nr=1 *Artista original:* Desconhecido

- **Ficheiro:Nietzsche_1862b.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Nietzsche_1862b.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Scan of a reproduction in a book. *Artista original:* Ferdinand Henning
- **Ficheiro:Nietzsche_Archives_in_Weimar.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/Nietzsche_Archives_in_Weimar.jpg *Licença:* CC BY 2.5 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* DWRZ David Wen Riccardi-Zhu
- **Ficheiro:Nietzsche_Olde_02.JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5d/Nietzsche_Olde_02.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Nietzsche_Olde_04_(cropped).JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ad/Nietzsche_Olde_04_%28cropped%29.JPG *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Scan of a reprint in Benders/Oettermann (ed.): Friedrich Nietzsche - Chronik in Bildern und Texten, Hanser / dtv 2000, p. 806/7 *Artista original:* Hans Olde
- **Ficheiro:Nuvola_apps_edu_mathematics-p.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c2/Nuvola_apps_edu_mathematics-p.svg *Licença:* GPL *Contribuidores:* Derivative of Image:Nuvola apps edu mathematics.png created by self *Artista original:* David Vignoni (original icon); Flamurai (SVG convertion)
- **Ficheiro:Nuvola_apps_edu_miscellaneous.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6a/Nuvola_apps_edu_miscellaneous.svg *Licença:* LGPL *Contribuidores:* [1], via Image:Nuvola apps edu miscellaneous.png *Artista original:* David Vignoni, traced User:Stannered
- **Ficheiro:Royal_Standard_of_the_King_of_France.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9a/Royal_Standard_of_the_King_of_France.svg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio; Based on: File:First Royal Standard of France.jpg and File:Royal Standard of the Kingdom of France.jpg *Artista original:* Sodacan
- **Ficheiro:Rue_Jean-Jacques-Rousseau_(Nantes).JPG** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/77/Rue_Jean-Jacques-Rousseau_%28Nantes%29.JPG *Licença:* CC BY-SA 4.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Pj44300
- **Ficheiro:SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* from "Hortus deliciarum" of Herrad von Landsberg - date: about 1180 *Artista original:* User:Markus Mueller
- **Ficheiro:Spinoza'{}s_ban.gif** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e2/Spinoza%27s_ban.gif *Licença:* Public domain *Contribuidores:* http://www.dbnl.org/tekst/rome002erfl01_01/rome002erfl01_01_0019.htm *Artista original:* Archief Portugees-Israëlitische Gemeente, Amsterdam.
- **Ficheiro:Spinoza-statue-the-hague.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/23/Spinoza-statue-the-hague.jpg *Licença:* CC BY 2.5 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* LeonK
- **Ficheiro:Spinoza.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ea/Spinoza.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* http://global.britannica.com/media/full/560202/122142 *Artista original:* Desconhecido
- **Ficheiro:Text_document_with_red_question_mark.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a4/Text_document_with_red_question_mark.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Created by bdesham with Inkscape; based upon Text-x-generic.svg from the Tango project. *Artista original:* Benjamin D. Esham (bdesham)
- **Ficheiro:Unter_dem_Popo-Mutter_Erde_fec.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/Unter_dem_Popo-Mutter_Erde_fec.jpg *Licença:* Attribution *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Mutter Erde
- **Ficheiro:Vote.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/A_coloured_voting_box.svg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Resizia
- **Ficheiro:Wikipedia-pt-hist-cien-logo.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/Wikipedia-pt-hist-cien-logo.png *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Transferido de pt.wikipedia para o Commons. *Artista original:* Jpsousadias em Wikipédia em português
- **Ficheiro:Wikiquote-logo.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/Wikiquote-logo.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Rei-artur
- **Ficheiro:Wikisource-logo.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4c/Wikisource-logo.svg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Rei-artur *Artista original:* Nicholas Moreau
- **Ficheiro:Wiktionary-logo-pt.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2b/Wiktionary-logo-pt.png *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* originally uploaded there by author, self-made by author *Artista original:* la:Usor:Mycēs

8.9.3 Licença

- Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0